



Manual do Aluno

Língua Portuguesa 7^a Classe

1º Ciclo do Ensino Secundário - Ensino Geral

Autores:

Helena Mesquita | Gonçalves Pedro

Ministério da Educação Angola

APROVADO ✓

República de Angola



**EDITORA
DAS LETRAS**

"Pensando o futuro"





Língua Portuguesa 7^a Classe

Autores: Helena Mesquita | Gonçalves Pedro



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Manual do Aluno - Língua Portuguesa 7ª Classe

AUTORES

Helena Mesquita
Gonçalves Pedro

COORDENADORA EDITORIAL

Bruna Botelho

EDITORA

Editora das Letras, S.A

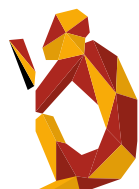
PRÉ-IMPRESSÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Gestgráfica, S.A

ANO / EDIÇÃO / TIRAGEM / Nº DE EXEMPLARES

2014 / 1ª Edição / 1ª Tiragem / 20 000 Ex.

Registado na Biblioteca Nacional de Angola sob o n.º 5756/2012
ISBN 978-989-98725-1-6



**EDITORA
DAS LETRAS**

"Pensando o futuro"

Rua Kwamme Nkruma, n.º 252
Maianga, Luanda – Angola

E-mail: geral@editoradasletras.com
Tel.: +244 922 400 141
www.editoradasletras.com

© 2014 EDITORA DAS LETRAS

Reservados todos os direitos. É proibida a reprodução desta obra por qualquer meio (fotocópia, offset, fotografia, etc.) sem o consentimento escrito da editora, abrangendo esta proibição o texto, a ilustração e o arranjo gráfico. A violação destas regras será passível de procedimento judicial, de acordo com o estipulado no código dos direitos de autor.

Querido Aluno

É com este Manual que irás trabalhar ao longo do ano lectivo, nas aulas e em casa.

Ele está organizado de forma a tornar-se num instrumento individual de informação, consulta e estudo, simultaneamente útil e agradável. É, pois, necessário treinar a sua utilização.

Observa-o com toda a atenção, porque, quanto melhor o conheceres, maior proveito dele poderás tirar.

O Manual está estruturado com cinco tipologias textuais, contendo cada uma delas uma introdução prévia, nomeadamente:

1. Texto Narrativo
2. Texto Descritivo
3. Texto Poético
4. Texto Informativo
5. Texto Injuntivo/Apelativo

As tipologias textuais em que o Manual está dividido fazem parte do Programa desta classe.

Procurou-se fazer uma caracterização de cada uma delas e apresentar alguns exercícios relativamente a alguns textos.

No fim, existe um Apêndice com um Bloco Gramatical, contendo os conteúdos gramaticais que fazem parte do programa da 7.^a classe.

Este Manual vai ser-te útil; mas, para isso, deves conhecê-lo bem, procurando fazer todos os exercícios e tarefas que ele apresenta, nomeadamente:

A) LEITURA

Deverás ler os textos com atenção. Assim, poderás utilizar várias formas de leitura, individualmente ou em grupo, silenciosamente ou em voz alta. Depois da leitura atenta, podes ler as perguntas de Compreensão do Texto e Funcionamento da Língua.

B) VOCABULÁRIO

Poderás encontrar aspectos ligados ao vocabulário que te darão uma informação precisa sobre palavras menos comuns ou então, levar-te a consultar o dicionário.

C) COMPREENSÃO DO TEXTO

Encontrarás perguntas que te irão ajudar a compreender o texto. Respondendo uma após outra, compreendê-lo-ás melhor.

D) FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

Consiste num conjunto variado de propostas de trabalho que irá permitir a análise e reflexão de todos os conteúdos deste domínio, definidos pelo Programa. Para os casos mais complexos, consulta o Bloco Gramatical no fim do Manual.

E) ESCRITA

Sempre que tenhas de escrever, não te esqueças que deves ter em atenção a correcção ortográfica, a pontuação, a organização das ideias, o vocabulário e, claro, a originalidade.

Poderás encontrar OUTRAS ACTIVIDADES para serem realizadas, nomeadamente, investigar, pesquisar, discutir, apresentar, ouvir, opinar; terás ocasião de, com os teus colegas, partilhar algumas dessas actividades.

Bom trabalho!

Caro Professor

A 7.^a classe é a primeira do 1.^o Ciclo do Ensino Secundário no Sistema de Reforma Educativa de Angola, cuja estruturação programática teve em atenção o enquadramento temático a partir do qual se desenvolveram os conteúdos nucleares da disciplina de Língua Portuguesa.

Assim, com base nos novos Programas, este Manual contém os conteúdos programáticos referentes a esta classe, pelo que aconselhamo-lo a consultá-lo sempre que possa.

O Manual da 7.^a classe é constituído estruturalmente por várias tipologias textuais, nomeadamente o *texto narrativo*, o *texto descritivo*, o *texto poético*, o *texto informativo* e o *texto injuntivo/apelativo*, que comportam textos correspondentes a cada uma delas.

Cada uma destas tipologias tem características próprias, apresentadas no início de cada grupo de textos.

Elaboraram-se algumas fichas de leitura (textos trabalhados, com exercícios); aconselhamo-lo a acompanhar os alunos na sua execução e a tirar todas as dúvidas que eles possam apresentar.

O Bloco Gramatical no fim do Manual é a resenha de toda a matéria de Gramática programada para esta classe. Consulte-o e leve os alunos a consultá-lo sempre que dele necessitem.

Boa sorte!

Os Autores

ÍNDICE

página	texto/autor	actividades/conteúdos
TEXTO NARRATIVO		
14	Introdução ao texto narrativo	
14	Tipos de narrativa	
15	A árvore <i>Boaventura Cardoso</i>	Compreensão do texto Funcionamento da língua Tempo de escrita
18	Lueje <i>Castro Soromenho</i>	Compreensão do texto
20	O gato e o rato <i>André Francisco</i>	Compreensão do texto Funcionamento da língua Sugestão
24	A seixa e o leopardo <i>Pedro de Oliveira</i>	
26	A teimosia <i>André Neto</i>	
28	Fleming e a descoberta da penicilina <i>in Tecuirama</i>	Compreensão do texto
31	O desafio <i>J. J. Rousseau</i>	Compreensão do texto Nome ou substantivo Funcionamento da língua
35	Um jogo a sério <i>Sempé - Goscinny</i>	Compreensão do texto Funcionamento da língua Tempo de escrita
38	Chuva no musseque <i>Luandino Vieira</i>	Compreensão do texto Tempo de escrita Sinais de pontuação Funcionamento da língua
43	A caçada <i>Conto Kwanhama</i>	Compreensão do texto
46	Os dois irmãos <i>Adaptado</i>	Compreensão do texto Regra Ortográfica Funcionamento da língua Tempo de escrita
49		Será que já sei?
TEXTO DESCRITIVO		
52	A descrição	A descrição da paisagem A descrição de objectos
53	Namibe: o mar e a terra <i>Alves António</i>	Compreensão do texto Funcionamento da língua
56	As actuais olimpíadas <i>in Enciclopédia Verbo Juvenil</i>	Compreensão do texto Funcionamento da língua

página	texto/autor	atividades/conteúdos
59	As fúrias do rio <i>Castro Soromenho</i>	Compreensão do texto Funcionamento da língua
62	Floresta e desflorestação <i>Uanhenga Xito</i>	
63	Os parques e reservas de Angola <i>José Mateus da Silva</i>	
64	Desenvolvimento humano <i>in Relatório Mundial sobre o Desenvolvimento Humano</i>	Compreensão do texto
66	Carnaval <i>Manuel Pacavira</i>	Compreensão do texto
68	Artes musicais <i>Rui de Sousa Martins</i>	Compreensão do texto
70	Os kikongos atravessam o rio Zaire <i>António Fonseca</i>	Compreensão do texto
72	Agricultura e desenvolvimento <i>Castro Paulinho Camarada</i>	Compreensão do texto
73	A morna é nossa religião e nossa terapia <i>in Calão</i>	Compreensão do texto
75		Será que já sei?

TEXTO POÉTICO

78	O texto poético	
80	Formas de poesia <i>Agostinho Neto</i>	
81	<i>Geraldo Bessa Victor</i>	
81	A agricultura <i>Manuel Rui</i>	Compreensão do texto Funcionamento da língua
83	É preciso plantar <i>Marcelino dos Santos</i>	Tempo de escrita
84	Construir <i>João Pedro</i>	
85	Mini texto <i>Adaptado</i>	Compreensão do texto Sílabas Sílabas tónicas Palavras com o mesmo som Funcionamento da língua
88	Meu amor da rua onze <i>Aires de Almeida Santos</i>	Compreensão do texto Funcionamento da língua Tempo de escrita
90	O grande desafio <i>António Jacinto</i>	Compreensão do texto Funcionamento da língua Tempo de escrita

página	texto/autor	actividades/conteúdos
94	É inútil chorar <i>António Cardoso</i>	
95	A cultura no meu país <i>Agostinho Neto</i>	
96	Um amigo <i>in P'ra Frente</i>	Compreensão do texto Tempo de escrita
98	A meus irmãos <i>Sebastião da Gama</i>	
99	Em torno da minha baía <i>Alda do Espírito Santo</i>	Compreensão do texto
100	Esta lágrima <i>Manuel Rui</i>	
101	Poesia Épica <i>Literatura Angolana</i>	
101	Contratados <i>Agostinho Neto</i>	Compreensão do texto Funcionamento da língua Tempo de escrita
103	É preciso inventar a poesia de Angola! <i>Maurício Gomes</i>	
104	A promessa	Funcionamento da língua Ponto de exclamação
105		Será que já sei?

TEXTO INFORMATIVO

108	O texto informativo	
108	O relato informativo	
109	Artes Musicais <i>Rui de Sousa Martins</i>	Tempo de escrita
110	A seca é drama... <i>Ruy Duarte de Carvalho</i>	Compreensão do texto
112	Alerta Chimpanzé <i>G. Pedro</i>	Compreensão do texto Funcionamento da língua Regra ortográfica
114	Segurança no trabalho <i>Luís Paulo</i>	Compreensão do texto
115	Turismo e arte - Angola pode ser atracção turística <i>in Cultura - Jornal de Angola</i>	
116	Artes plásticas na casa de Angola <i>in Cultura - Jornal de Angola</i>	Compreensão do texto
117	Logo à tarde continuamos <i>Arnaldo Santos</i>	Compreensão do texto Funcionamento da língua

página	texto/autor	atividades/conteúdos
120	O homem e os recursos <i>in Biologia do Meio Ambiente</i>	
121	As ravinas <i>in EMP/EVI</i>	
122	O respeito pela Natureza <i>in EMP/EVP</i>	Exercício
123	O mamoeiro <i>Alfredo Armindo F. Cunha</i>	Compreensão do texto
124	Educação - Mais de 350 mil livres do analfabetismo <i>in Jornal de Angola</i>	
125	Educação - Centro Universitário do Sumbe em vias de instalação <i>Luís Pedro</i>	Exercício
126	Saúde - Mais de 80 mil angolanos padecem de doença do sono <i>Adaptado</i>	Exercício
127		Será que já sei?

TEXTO INJUNTIVO/APELATIVO

130	O texto injuntivo/apelativo	
131	Instruções	
132	Folheto de medicamento	Compreensão do texto
135	Arroz de Peixe Seco	Compreensão do texto
136	Abóbora guisada com carne e farinha musseque	
136	Feijão com óleo de palma	
137	Fungi de bombó	
137	Doce de banana	
138	Jogo	
139	Boletim meteorológico	Compreensão do texto
140	Classificados	
141	Texto publicitário	Compreensão do texto Exercícios
149		Será que já sei?

BLOCO GRAMATICAL

152	Acentos gráficos e sinais auxiliares de escrita
153	Morfologia
170	Lexicologia
172	Sintaxe
178	Expressão literária
180	Técnicas de escrita

1

INTRODUÇÃO AO TEXTO NARRATIVO

O Texto Narrativo inclui:

- ✓ Contos tradicionais
- ✓ Lendas
- ✓ Excertos narrativos
- ✓ Excertos descritivos
- ✓ Outros contos

A Narrativa é uma história na qual há uma sequência de acontecimentos que envolvem personagens.

Além dos acontecimentos e das personagens, ainda existem na narrativa outros elementos que são: o espaço, onde ocorrem os acontecimentos, e o tempo, quando os acontecimentos ocorrem.

Ainda se nota na narrativa o enredo, que é a sequência dos acontecimentos. O enredo desenvolve-se nas seguintes etapas:

- ✓ a **introdução** – momento em que se apresenta a ideia central, as personagens, o cenário.
- ✓ o **desenvolvimento** – desenrolar dos acontecimentos. É nesta fase que começam os conflitos entre as personagens e há um momento em que a história atinge o seu ponto culminante, o clímax.
- ✓ o **desfecho** – conclusão da história.

TIPOS DE NARRATIVA

Há vários tipos de narrativa:

- ✓ **narrativa fantástica** – onde os acontecimentos são fantasias criadas pela imaginação do autor.
- ✓ **narrativa dramática** – que cria episódios emocionantes.
- ✓ **narrativa humorística** – onde os acontecimentos são alegres e causam riso.

Na narrativa, podem fazer-se as seguintes perguntas:

- ✓ **quem?** – para as personagens.
- ✓ **o quê?** – para os acontecimentos.
- ✓ **onde?** – para o espaço – geralmente o espaço acontece num mesmo lugar: uma cidade, um bairro, uma rua, uma casa, etc.
- ✓ **quando?** – para o tempo – o acontecimento narrado dá-se geralmente num certo espaço de tempo: algumas horas, alguns dias, naquele tempo, etc.

A ÁRVORE

Caminhantes. Vinham de muitos caminhos. Passavam e repassavam e olhavam: atónitos. Caminhavam caminhos de muitos caminhos: e vinham. E paravam e olhavam e retomavam: caminhos, caminhantes. Uns passavam com o Tempo e passavam e outros vinham com o Tempo e vinham. Só a árvore é que não passava e não vinha. A árvore: estava.

5 De boca em boca: a notícia. A árvore ia ser derrubada! Foram buscar um Velho em Camburi que vai derrubar a árvore! E o Sol nem tinha ainda meia andança e já tinha então gente muita à volta da árvore. E todo o mundo veio.

10 O velho se ajoelhou diante da árvore e ficou assim algum tempo. E gente atenta. E depois subiu em cima da árvore e toda a gente começou a ouvir então gente conversando em cima da árvore: lá. E tempo depois, da árvore começaram então a cair trapos, penas de galinha, ossos. E caíram então as cabaças, muitas cabaças. Ninguém se atreveu a falar. Não dava mesmo para falar. Eh! Eh! Eh!

15 O velho desceu e ordenou então que os homens comessem a cortar a árvore. E os homens começaram pum! pum! pum! E a cada machadada a árvore gritava ai! ai! ai! E o grito vinha do fundo das raízes e subia pelo tronco e se espalhava pelos braços da árvore. E a gente viu: o sangue. A árvore jorrava então sangue: ai! ai! ai!

Boaventura Cardoso, *A Morte do Velho Kipacaça*



BIOGRAFIA

Boaventura da Silva Cardoso nasceu em Luanda a 26 de Julho de 1944. Passou grande parte da sua infância em Malanje, onde também fez a instrução primária e concluiu o Curso Geral do Comércio, tendo completado o 3.º ciclo liceal em Luanda. Iniciou a sua actividade literária em 1967. Publicou vários contos e poemas nos jornais da capital. Foi membro da Comissão de Redacção da revista de Angola, órgão da Liga Nacional Africana. Membro da União dos Escritores Angolanos. É o actual Ministro da Cultura da República de Angola. Obras do autor: *Dizanga dia Muenhu*, *O Fogo da Fala*.

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Neste texto há somente um narrador. Identifica-o.
2. Repara no título do texto.
 - 2.1. Quem são os que «vinham de muitos caminhos» (l. 1)?
 - 2.2. Porque paravam, olhavam e retomavam?
3. A notícia vinha de boca em boca. A que notícia quererá o texto referir-se?
4. Foram buscar o velho. Porquê?
 - 4.1. O velho veio sozinho ou não? Justifica a tua resposta.
5. A gente que veio ficou à volta da árvore. Porquê?
 - 5.1. Por que é que o velho se ajoelhou diante da árvore?
6. Lê o texto e assinala palavras e expressões usadas pelo narrador no sentido impróprio da palavra.
7. Para ti o que vem a ser «A Morte do Velho Kipacaça», que se encontra na página do texto?

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Justifica a utilização dos seguintes sinais de pontuação no texto:

- ✓ os dois pontos nos 2.º e 4.º parágrafos;
- ✓ os pontos de exclamação nos 3.º e 4.º parágrafos;
- ✓ as vírgulas no 3.º parágrafo.

2. A simples modificação (acrescentamento ou eliminação) do sinal ou sinais de pontuação numa frase pode alterar completamente o seu sentido.

Atenta nas frases seguintes:

- ✓ O Velho Kandungo será o pai da Rosa, não há-de dançar contigo.
- ✓ O Velho Kandungo será o pai da Rosa? Não. Há-de dançar contigo.

2.1. Explica a diferença de sentido entre as duas frases.

2.2. Experimenta fazer o mesmo exercício para as frases seguintes:

- ✓ Vocês estão cansados da viagem, não é verdade?
- ✓ Este aluno – disse o professor – é pouco estudioso.

3. Completa os espaços em branco com o presente do indicativo dos verbos entre parênteses.

- ✓ Os meus tios _____ (possuir) uma grande fortuna.
- ✓ Os fumos das fábricas _____ (constituir) uma ameaça para o ambiente.
- ✓ Eles tropeçam e _____ (cair).
- ✓ O Rui e o Zé não _____ (trair) os companheiros.
- ✓ Com cuidados de higiene, as doenças _____ (diminuir).

Consulta o Bloco Gramatical no fim do teu livro!

TEMPO DE ESCRITA

Imagina um diálogo entre dois jovens que assistiram ao derrube da árvore e o velho que a derrubou.

NOTA

O diálogo pressupõe o uso do discurso directo, pois corresponde à intervenção directa das personagens. Para te inteirares sobre o modo de organização do discurso directo, consulta a página 177.

LUEJE

Na tacula¹ sangrenta do seu tálamo real, leito que deu agasalho a muitos amores vadios, Lueje, rainha lunda, abraçou formoso caçador quioco que se perdera, como por encanto, em longas matas selváticas, junto da embala de Capanga², onde esta negra de valia tinha arreigado seu mando.

5 Lueje, filha e neta de reis, era imensamente orgulhosa, mas do seu orgulho fez oferenda àquele homem passageiro, um estranho que trazia na alma um grande sonho de amor e nos desejos enorme ambição, que, de amores, a endoidara.

Golpeada foi a tradição, durante séculos, mantida por mão firme dos que governaram aqueles povos.

10 Afronta maior jamais tombara sobre este ninho de bárbaros, de onde dimanava à lei que governou gentes lundas.

Os homens, logo que souberam do engano, mostraram grande e mui legítimo descontentamento.

15 A nobreza, que sempre guiara o destino da sua raça, perdia-se esfarrapada pela ambição de um plebeu, filho de uma tribo acoitada em terras desconhecidas. Talvez fosse um escravo, um filho da noite, que os horrores, tormentos, sobre tormentos, de uma vida de duro castigo atirara para a selva estranha.

– Sim; este caçador era um escravo, uma alma perdida no turbilhão da desgraça. Era um desconhecido, um inimigo. Era o usurpador.

20 A voz de um feiticeiro espalhara este juízo, levado a longas terras pela boca de lundas descontentes.

Golfou sobre o orgulho dos homens uma onda de indignação.

Mas que importava a Lueje, soba poderosa que o tempo, em seu andar manso, não soube esquecer, que a seu povo desagradasse o amor que ela colhera naquele último deslizar de sua vida!

25 Cantava-lhe na alma a derradeira balada do amor.

Murmurar, em vão, já cansava.

Os homens, gente aguerrida, muito ciosos dos privilégios de sua raça nobre, mais tarde escravizada em proveito dos quiocos, acordaram perante um mundo novo, cheio de enganos, onde havia uma estrada de dor que só venceria depois de longa jornada da alma.

30 E um grito ecoou pelas terras do Cassai:

– Guerra ao intruso!

Mas o respeito, ainda mantido pelos pequenos chefes, fez parar passos que se queriam lançar no caminho de hostilidades.

35 – Talvez a rainha ainda o mande matar! – diziam os mais confiantes.

Procuraram – tarefa inglória – convencer o soba do seu crime e da afronta que lançara sobre o seu povo.

Foi em vão que lhe mostraram a verdade que servia os maus desejos do caçador quioco.

– Querem que eu o mande matar? – perguntou Lueje dirigindo-se ao povo, apinhado

40 no terreiro da sanzala.

– Entrega-o ao calála³! – gritou o povo numa voz de esperança.

– Nunca!

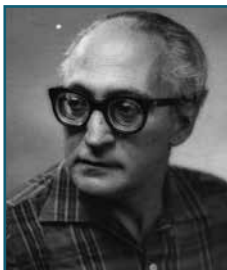
Fracos para fazer respeitar a tradição, os homens, certo dia, abalaram a caminho da aventura, na certeza de não mais voltarem à sanzala onde um crime de amor ofendera a nobreza da sua raça, tornando escrava uma rainha.

45

¹ **Tacula** - Madeira que tem cor de sangue.

² **Capanga** - Sobado no Congo Belga, onde reside o rei Muatiânvua.

³ **Calála** -Verdugo.



BIOGRAFIA

Castro Soromenho nasceu a 31 de Janeiro de 1910 em Vila de Chinhe, Moçambique, filho de pai português e de mãe cabo-verdiana. Passou parte da infância e a juventude em Angola. Muito jovem, empregou-se como recrutador de mão-de-obra numa empresa mineira, exercendo funções públicas de administração colonial. Teve um conhecimento profundo do processo colonial, seus agentes e suas vítimas. Os seus estudos de cultura e histórias africanas colocam particular acento sobre as raízes do processo nacionalista angolano. Morreu no Brasil a 18 de Junho de 1968.

Obras do autor: *Nhári* (1938), *Terra Morta* (1949), *A Chaga* (1972).

COMPREENSÃO DO TEXTO

Lê atentamente o texto de Castro Soromenho e preenche o quadro que se segue com as informações solicitadas.

Protagonista(s)	
Outras personagens	
Sequências de acção	
Narrador (classificação)	
Tempo	
Espaço	

O GATO E O RATO

Certo dia, o Gato foi ter com seu amigo Rato e disse-lhe:

– Amigo, há muito tempo que não vamos fazer uma visita aos nossos sogros.

5 – É verdade, – respondeu-lhe o Rato. Por isso, gostava que fossemos já amanhã mesmo.

E assim ficou combinado.

No dia seguinte, logo de manhãzinha, o Rato foi bater à porta que o Gato abriu bocejando.

10 – Então, vamos? – Perguntou-lhe o Rato.

– Sim... O mal é só ter bebido kimbombo ontem na casa do velho Kitekulu e agora estar a sentir uma grande fraqueza em todo o corpo.

15 Mas, mesmo assim, os dois amigos puseram-se a caminho.

Depois de terem andado um bom pedaço, o Gato disse:

– Ó amigo, este caminho tem muitos montes, não é o habitual...

20 – Não tenhas problemas, este é o caminho mais curto. Depois daquela montanha é já o kimbo – respondeu o Rato.

Mas, depois da montanha, o que os dois amigos encontraram foi um grande rio, o que provocou ao Gato, por não saber nadar, uma exclamação de susto:

25 – Eh, eh, eh... Isso tudo é água?!...

– Confia em mim – respondeu-lhe o Rato.

– Mas vamos mesmo conseguir nadar tudo isso?!

30 – Eu tenho pena de ti, porque o que te faz dizer isso é o não saberes nadar – respondeu-lhe o Rato.

– Sim, o melhor é fazermos uma canoa - disse rapidamente o Gato.

35 Já há muito tempo que o Rato andava a pensar no número de cobertores que o Gato tinha e, por isso, propôs que se fizesse uma canoa de cascas de mandioca. Acabada a obra, os dois amigos entraram nela e puseram-se a ximbicar. Já quase a meio do rio, o Rato disse:

40 – Olha amigo, quando aquela onda passar por nós, começamos a almoçar.

E quando a onda se diluiu no casco da canoa, o Rato começou o seu almoço; roeu, roeu, roeu a canoa e o Gato, admirado:

– O quê que tu estás a comer?

– Então tu não sabes que o material da canoa é também a minha comida? - respondeu-lhe o Rato.

– Eu também tenho fome – lamentou-se o Gato.

E tentou comer também mas, a comida era muito amarga.

O Rato, sempre a roer, a roer, a roer... E quando o Gato deu conta, a canoa estava cheia de água e o Rato tinha saltado para o rio donde dizia enquanto nadava:

– Ó amigo Gato, tu tens unhas muito compridas, e se não sabes nadar o problema é teu...

O Gato lutava a ver se a canoa não ia ao fundo, mas nada. E assim acabou por morrer afogado.

Quando o Rato chegou ao kimbo foi falar aos sogros do Gato:

– O vosso genro vinha comigo para vos visitar, mas resolvemos passar pelo caminho mais próximo e como ele não sabia nadar... lá ficou.

Os sogros do Gato pegaram logo numa canoa e foram à sua procura, mas encontraram-no já morto. A partir dessa altura, o soba do kimbo determinou que todo o Gato que encontrasse um Rato deveria matá-lo, porque este tinha deixado perder-se um grande caçador.

André Francisco, *Luanda* (Origem: Kuanza-Sul)



SABIAS QUE...

O **conto tradicional**, a **lenda** e a **fábula** são narrativas que fazem parte do património oral de qualquer povo ou cultura. São curtas, com um reduzido número de personagens e a acção concentrada numa situação única, e têm origem na tradição oral do povo anónimo. Todavia, algumas **diferenças** se registam:

- o conto tem uma dupla função - diverte aqueles que o ouvem e/ou lêem, ao mesmo tempo que transmite um ensinamento, uma moralidade. O tempo e o espaço, por isso, são geralmente indeterminados. As personagens, astuciosas, irreverentes e engenhosas, servem-se da sua inteligência para atingir os seus objectivos, recorrendo a ardilosas manhas e espertezas;
- numa lenda, os acontecimentos narrados assentam em factos reais, modificados pelo imaginário colectivo, resultando, assim, num texto em que se mistura a realidade e a fantasia. Têm, pois, um fundamento histórico provável ou possível. Por este facto, a acção pode ser localizável no tempo e/ou espaço;
- a fábula é constituída por acontecimentos imaginários, em que o autor apresenta defeitos ou qualidades humanas, usando, como personagens, animais que agem como pessoas. Tem como objectivos moralizar e divertir.

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. «O Gato e o Rato», bem como outros textos desta tipologia textual, são contos tradicionais angolanos. Fazem parte da nossa literatura tradicional oral e têm vindo a ser transmitidos de geração em geração.
 - 1.1. Por que razão os nomes ou substantivos «gato» e «rato» aparecem no texto com letra maiúscula?
 - 1.2. Caracteriza cada uma dessas personagens.
2. O conto ou história é um **conjunto de acontecimentos** passados **num dado tempo e num dado espaço**, envolvendo certas personagens.
 - 2.1. Que outras personagens encontras no texto?
 - 2.2. Que combinação fizeram os amigos?
 - 2.3. O que é que podia impedir a viagem dos dois amigos?
 - 2.4. Por que caminho seguiram?
 - 2.5. Que obstáculos encontraram?

3. O que é que podia impedir a viagem dos dois amigos?

3.1. Em tua opinião, qual dos dois amigos era o mais esperto?

3.2. Justifica a tua resposta.

3.3. Que intenção ou intenções tinha o rato?

3.4. O que fez ele?

4. No texto narrativo encontramos uma primeira parte, a **introdução**, que nos dá a conhecer os acontecimentos que vão ser apresentados; uma segunda parte, que é o **desenvolvimento**, onde se desenrolam os acontecimentos e se assinala a intervenção das personagens; e uma terceira parte, a **conclusão**, onde encontramos o final do conto ou da história.

Quase sempre o texto narrativo comporta **diálogo**. O diálogo dá lugar ao discurso (isto é, à intervenção directa das personagens).

4.1. Divide o texto em partes, indicando onde começa e termina cada uma delas.

5. Diz que expressões utilizavam os amigos ao dirigirem-se um ao outro. Dá exemplos.

6. Explica o sentido das expressões:

✓ «...o que provocou ao Gato (...) uma exclamação de susto...» (ll. 20-25).

✓ «... a onda se diluiu no casco da canoa...» (l. 41).

7. Explica, por palavras tuas, o final da história.

8. Diz de que modo podemos classificar este texto: conto tradicional, lenda ou fábula. Justifica a tua resposta.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Repara nas seguintes palavras retiradas do texto:

- ✓ diluiu
- ✓ lamentou-se
- ✓ determinou

1.1. Para saberes o seu significado, indica, para cada uma, a palavra que deves procurar no dicionário.

1.2. Indica os sinónimos da 1.^a e da 3.^a palavra.

2. Assinala três sinais de pontuação do texto.

2.1. Justifica a sua utilização.

3. Transcreve uma frase simples do texto.

3.1. Identifica o seu tipo e forma.

Consulta o Bloco Gramatical no fim do teu livro!

SUGESTÃO

Este texto presta-se a uma leitura dialogada, procedendo-se, para o efeito, do seguinte modo:

- a) Identificar o número de leitores necessários e distribuir os papéis (atenção: há partes do texto que deverão ser lidas em coro por toda a turma ou por um elemento neutro).
- b) Cada aluno leitor prepara silenciosamente a leitura da(s) sua(s) «fala(s)», prestando muita atenção ao tom de voz que vai utilizar (amigável, zangado, autoritário, impaciente, ameaçador, admirado, etc.).
- c) No final da leitura, a turma deverá pronunciar-se sobre a sua qualidade.

A SEIXA E O LEOPARDO

Certo dia, Ne Ngó Za Mpemba – O Leopardo, anunciou a todos os habitantes da floresta que iria visitar seu sogro Ne Mpetelo que morava num povo distante e, como precisava de companhia, convidou seu sobrinho Ne Nkayi – O Veado, que aceitou acompanhá-lo. No dia seguinte puseram-se em marcha. Não tinham ainda andado muito quando encontraram

5 marimbondos. Diz o Ne Ngó ao seu sobrinho:

– Olha, estão ali lindos brincos para a tua mulher.

O Ne Nkayi quis apanhar os ditos brincos mas, ao tentar fazê-lo, os marimbondos enfurecidos ferraram-lhe os olhos, a boca e outras partes do corpo, pelo que pôs-se a lamentar. Diz o Ne Ngó:

10 – Oh... Tu és parvo! Eu disse que estes bichos fazem mal e não fizeste caso, agora aguenta.

Continuaram a viagem. Mais adiante viram uma gibóia e o Ne Ngó diz agora ao seu sobrinho Ne Nkayi:

– Olha, está ali uma mponda para a tua mulher, vai e apanha.

O Ne Nkayi ia para apanhar a dita mponda quando a gibóia dá um salto e enrola-se nele.

15 O Ne Ngó olha para o Ne Nkayi e diz:

– Os parvos merecem a morte; agora, ficas aí até que morras e apodreças na barriga da gibóia. Adeus...



O Ne Ngó foi convidando diversos animais que tiveram a mesma sorte que o Nkayi, até que chegou a vez do Ne Nsesi-kabiangala – a Seixa.

20 Iam andando quando se depararam com um enxame de marimbondos. Vai o Ne Ngó e diz:

– Olha, estão ali brincos para a tua mulher.

Responde o Ne Nsesi:

25 – Tio, eu, ontem, antes da viagem, comprei cinco pares, por agora ela não precisa de mais brincos.

Continuaram a andar e mais à frente, encontraram novamente a gibóia. O Ne Ngó diz ao sobrinho Ne Nsesi:

– Olha, lá está uma mponda para a tua mulher, vai e apanha.

Responde prontamente o Ne Nsesi:

30 – Tio, eu ontem comprei cinco pares, por agora chega de mpondas.

Continuaram a andar e, chegados à casa do sogro do Leopardo, Ne Mpetelo, foram saudados e convidados para o jantar. Depois de terem comido puseram-se a conversar e o Ne Ngó pergunta ao Ne Nsesi:

– Olha lá, tu que posição tomas quando estás num sono profundo?

35 Responde a Seixa:

– Tio, quando estou num sono profundo fico deitado de costas, patas levantadas e olhos bem abertos.

40 Quando se fez noite, o Ne Ngó foi ao curral de seu sogro Ne Mpetelo e matou todas as ovelhas e encheu uma sanga com sangue que levou para o quarto com a intenção de entorná-lo sobre o sobrinho para que assim, no dia seguinte, este fosse acusado de ladrão mas, quando ia fazê-lo, o Ne Nsesi levanta as patas e entorna o sangue para cima do tio.

Na manhã seguinte, quando se tomou conhecimento do roubo, todo o povo se reuniu para resolver o mambu.

45 As pessoas estavam reunidas; decidiram que caso o ladrão fosse apanhado seria morto, mas o ladrão não aparecia. Foi então que o Ne Nsesi tomou a palavra:

– Povo, vocês não sabem quem é o ladrão das ovelhas? Eu tenho o meu tio todo cheio de sangue.

Foram ver e, na verdade, o Ne Ngó estava banhado de sangue. Por isso, foi agarrado, amarrado e morto.

Narração de Pedro de Oliveira, Nzeto (Zaire)



A TEIMOSIA

Era tempo de fome para todos: homens e bichos. Foi isso que fez com que algumas raparigas pedissem autorização às suas mães para irem cavar grilos no longo-longo. As mães disseram que não, mas as raparigas não lhes deram ouvidos.

– Minha filha, ali mesmo onde vocês querem ir costumam aparecer makixi – respondera a mãe de Mavu.

– Está bem mãe, mas estou com fome. A mãe sabe que não como há já alguns dias. Estou mal e se hoje não comer, morro.

Foi assim que as cinco raparigas partiram. Depois de chegarem ao longo-longo, puseram-se a cavar. Cavar o maior número de ienzes era o desejo de cada uma. Foram cavando sempre e, quando deram conta, o dia já estava a morrer.

– Vamos embora – disse Kilembeketa, a mais velha do grupo.

E as cinco, a própria Kilembeketa, Nvula, Dimune, Malembe e Mavu, partiram. Iam em passo de corrida a ver se corrigiam o atraso. Quando já tinham percorrido metade do caminho, de repente, um vulto fê-las deter a marcha e as canções cessaram.

– O que é aquilo que está à nossa frente? – perguntou a rapariga que caminhava à cabeça do grupo.

Todas disseram que não sabiam, só a pequena Mavu:

– Não será uma daquelas coisas que a minha mãe disse? Os makixi?

– Nós estamos a meio do caminho, temos de escolher se avançamos ou recuamos – disse Nvula.

– Avancemos – responderam as outras em coro. Elas avançaram, mas o dikixi barrou-lhes o caminho:

– Onde vêm e para onde vão?

A mais velha respondeu:

– Já há muitos dias que não comemos. As nossas mães disseram para não irmos tão longe procurar, mas nós fomos. Agora estamos a voltar ao nosso povo.

– Podem passar, quem vai tratar da vossa saúde encontra-se lá mais à frente.

As raparigas continuaram a sua caminhada, mas já não cantavam; agora choravam e sempre que chegassem junto de um dikixi, ante a pergunta: «donde vêm e para onde vão», a resposta eram as lágrimas. Não conseguiam dizer mais do que: nós... nós... nós...

Foram passando sempre até que chegaram ao último dikixi, aquele que se reservava o direito de engolir as pessoas:

– Onde vêm e para onde vão?

Sempre chorando e com as palavras presas nos dentes, a rapariga da frente conseguiu dizer que vinham das lavras onde tinham ido cavar grilos para a sua aldeia.

O dikixi dá algumas gargalhadas, pega na moça e zás, engole-a. Chama a segunda rapariga; a mesma coisa. Chama a terceira que por causa do medo não conseguia fazer mais do que gaguejar. Aconteceu-lhe o mesmo que às primeiras. Depois de uma pausa, o dikixi empurra para o estômago a quarta rapariga.

– Agora é a tua vez miúda. Donde vens e para onde vais?...

Mavu consegue cantar:

– “Fomos cavar ienze... até ao longo-longo.

As outras cavaram três... até longo-longo.

Eu só cavei um... até ao longo...”

- 45 E o dikixi-chefe, ou porque estava de estômago cheio ou porque ficara comovido, deixou a miúda passar e esta, quase sem acreditar, pôs-se a correr até cair desmaiada aos pés de sua mãe que, assustada, pegou nela e tentou saber o que se passava, mas em vão, porque Mavu só despertou no dia seguinte para dizer:
- Se a fome faz desobedecer, então a teimosia faz morrer.

Narração de André Neto, Luanda, 1981 (Origem: Dondo)



FLEMING E A DESCOBERTA DA PENICILINA

A descoberta da penicilina e o seu posterior aperfeiçoamento estarão sempre entre os avanços mais extraordinários jamais realizados na Medicina. Mas esta descoberta foi fruto do acaso, ocorrido num laboratório de Londres.

5 Em 1928, o Professor Alexandre Fleming trabalhava no Hospital St. Mary sobre problemas relacionados com as bactérias causadoras de enfermidades.

Certo dia, quando inspeccionava a cultura de «estafilococos», que havia feito sobre agar (matéria parecida com gelatina), percebeu que numa das placas havia surgido um mofo verde. Normalmente, a placa contaminada teria sido deitada fora, porém, Fleming examinou-a cuidadosamente e fez uma descoberta muito importante. Nas proximidades
10 do mofo não havia colónias de bactérias em crescimento. Fleming deduziu que o mofo (denominado depois como «Penicillium notatum») devia produzir uma substância capaz de matar as bactérias e que isto poderia ser importante para a Medicina. Depois de fotografar a placa, separou o mofo e começou a experimentar.

15 Quando cultivou o mofo em meio líquido, Fleming verificou que este, depois de filtrados os fungos, era eficaz contra várias bactérias, inclusive as causadoras dos furúnculos, pneumonia e meningite. A este líquido chamou «Penicilina».

Se bem que o tratamento de ferimentos com este líquido tivesse dado resultado, verificou que para uso generalizado era necessário purificá-lo e concentrá-lo. Os primeiros ensaios para conseguir isto fracassaram, porque o líquido, estável a temperaturas baixas,
20 alterava-se devido aos processos empregues. Em 1932, a tarefa foi abandonada.

Em 1939, o Professor Howard Florey e uma equipa de químicos, dirigida pelo Dr. Ernest Chain, da Universidade de Oxford, estudaram novamente o problema. Obtiveram primeiro uma solução aquosa e, depois, um pó seco amarelo, que era muito mais activo do que o líquido originalmente produzido por Fleming. Sabe-se agora que o pó continha cerca de
25 90% de impurezas, mas com ele obtiveram-se resultados experimentais muito animadores. Os resultados foram suficientemente bons para justificar a produção comercial. Devido à Segunda Guerra Mundial, não havia recursos suficientes na Grã-Bretanha. Porém, depois de uma visita de Florey à América, iniciou-se a produção em grande escala nos Estados Unidos.

30 A penicilina salvou muitas vidas durante as últimas etapas da guerra e, desde 1946, o seu uso generalizou-se como ajuda valiosa para combater enfermidades. Com o tempo, foram conseguidos grandes progressos na produção da penicilina, e hoje é fabricada com elevado grau de pureza. É activa contra algumas espécies de bactérias, com doses tão baixas como uma parte em 60 milhões.

35 Pelo seu trabalho em antibióticos, e na penicilina em particular, Fleming, Florey e Chain compartilharam, em 1945, o Prémio Nobel da Medicina.

SABIAS QUE...

- A personagem principal do texto recebeu o Prémio Nobel da Medicina em 1945.
- **Prémio Nobel** é a denominação de um conjunto de prémios instituídos pelo químico e engenheiro sueco Alfred Bernhard Nobel (1833-1896), inventor da dinamite, da gelatina explosiva e de outros materiais, quase todos utilizados para fins bélicos. Ao morrer, deixou a sua enorme fortuna para constituir um fundo, cujos rendimentos anuais seriam distribuídos a pessoas que se tivessem notabilizado nos campos da Física, da Química, da Filosofia, da Medicina, da Literatura e da luta pela paz e pela fraternidade entre os povos. Cada prémio corresponde aproximadamente a um milhão de dólares e é considerado como uma das maiores honras que um indivíduo pode receber, no âmbito internacional.

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Estamos perante um relato de uma descoberta de grande importância para a humanidade. O narrador do acontecimento não o inicia pelo princípio. Justifica esta afirmação.
2. No entanto, os dois primeiros parágrafos fornecem-nos algumas informações sobre a história que vai ser narrada. Quais?
 - 3.1. Em que locais e quando decorre esta história?
4. Quem são as personagens do texto?
 - 4.1. Quem é a personagem principal?
5. Esta descoberta foi de grande importância para o desenvolvimento da Medicina. Porquê?
6. Explica, de forma resumida, como o cientista descobriu a penicilina.
7. A Medicina é a ciência que estuda o combate às várias doenças e o médico o indivíduo que trata dessas doenças.
 - 7.1. Diz o que tratam os seguintes médicos:
 - ✓ pediatra
 - ✓ ortopedista
 - ✓ neurologista
 - ✓ oftalmologista
 - ✓ otorrinolaringologista
 - ✓ estomatologista

8. Através de alguma pesquisa, diz onde são estas inflamações:

- ✓ bronquite
- ✓ otite
- ✓ hepatite
- ✓ amigdalite
- ✓ rinite
- ✓ colite

9. Os ensaios para a purificação e concentração do produto fracassaram.

9.1. Aponta os motivos desse fracasso.

10. A tarefa foi abandonada durante um período de tempo.

10.1. Que período de tempo foi?

10.2. Diz quando foi retomada.

11. Em 1945, vários cientistas envolvidos nesta descoberta foram reconhecidos por toda a comunidade científica.

11.1. De que modo foram distinguidos?

O DESAFIO

Estava no campo, em casa de um pastor chamado Kafuxi.

Tinha como companheiro o meu primo mais velho Ngueve que era singularmente poltrão, sobretudo à noite. Eu gozava tanto com a forma como confessava o seu medo, que o senhor Kafuxi, aborrecido com as minhas zombarias, quis pôr a minha coragem à prova. Uma noite de cacimbo muito escura, ele dá-me a chave do templo e diz-me para ir procurar na cátedra a Bíblia que ali tinha deixado. Acrescenta, para pôr à prova a minha coragem, algumas palavras que me colocam na impotência de recuar.

Fui sem luz: se a tivesse levado talvez fosse pior.

Tinha de passar pelo cemitério; atravessava-o corajosamente, pois enquanto me sentisse assim, nunca teria pavor da escuridão.

10 Ao abrir a porta, ouvi à volta um murmúrio que me pareceram vozes, o que começou a abalar a minha firmeza romana. A porta aberta, quis entrar; mas dei apenas alguns passos, e parei. Apercebendo-me da escuridão profunda que reinava neste vasto lugar, fui tomado por um terror que me fez levantar o cabelo. Recuo, saio, ponho-me a fugir, tremendo. Encontrei no pátio um cãozinho chamado Sultão, que certifiquei através das suas carícias. Envergonhado pelo meu pavor, voltei procurando levar comigo o Sultão que não quis seguir-me. Passei 15 bruscamente pela porta, entrei para a igreja. Assim que entrei, o pavor voltou a apoderar-se de mim, mas perdi de tal maneira a cabeça e, apesar de saber que a cátedra se encontrava à direita, virei-me sem me aperceber e procurei durante muito tempo do lado esquerdo. Emaranhei-me nos bancos, não sabia mais onde estava e sem poder encontrar nem a cátedra nem a porta, caí numa confusão inexprimível. Enfim vejo a porta, acabo por sair do templo, e distancio-me como da primeira vez, bem decidido a nunca entrar só, a menos que seja dia.

20 Volto para casa; pronto a entrar, distingo a voz do Sr. Kafuxi em grandes gargalhadas. Surpreendo-os, e, confuso por me ver exposto, hesito em abrir a porta. Neste intervalo, ouço a filha do Sr. Kafuxi dispor-se a ir procurar-me, escoltada pelo meu intrépido primo, a quem não iria faltar a honra da expedição.

Nesse instante, todo o meu pavor cessa.

25 Corro, voo até ao templo, sem me perder, sem tactear, chego à cátedra, subo, agarro a Bíblia, desço; em três saltos, estou fora do templo, esquecendo-me de fechar a porta; entro para o quarto ofegante, atiro a Bíblia para a mesa, sobressaltado, mas irradiando à-vontade por ter precedido a ajuda que me estava destinada.

J.J. Rousseau, in *Émile* (traduzido e adaptado)



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. O autor do texto é também a personagem principal. Justifica esta afirmação.

1.1. Classifica-o, tendo em conta a sua participação.

2. Identifica outras personagens que participam na acção.

3. Localiza a acção do texto no tempo e no espaço.

4. Delimita o texto nos seus momentos fundamentais (introdução, desenvolvimento e conclusão).

4.1. Faz uma síntese das várias sequências da acção.

5. O texto apresenta dois momentos de recuo. Assinala-os.

6. Atenta no protagonista do texto.

6.1. Faz uma síntese das várias sequências da acção.

6.2. Identifica os dois momentos em que a sua coragem vacilou.

7. Explica o sentido das expressões:

✓ «... quis pôr a minha coragem à prova» (l. 4).

✓ «... fui tomado por um terror que me fez levantar o cabelo.» (l. 12).

✓ «... caí numa confusão inexprimível» (l. 18).

✓ «... confuso por me ver exposto, hesito em abrir a porta» (ll. 20-21).

8. Que sentimentos levaram o narrador a seguir em frente com a sua acção de coragem?

9. Mas, a certa altura, tentou desistir.

9.1. Escreve uma frase que demonstre esta afirmação.

9.2. Escreve outra frase que demonstre a acção contrária a esta.

10. Que lição podes tirar deste texto?

NOME OU SUBSTANTIVO

Tudo o que existe tem um nome. O **nome** ou **substantivo** é a palavra de que nos servimos para designar pessoas, objectos, animais, qualidades, acções, fenómenos, sentimentos, estados, etc.

Os nomes ou substantivos dividem-se em: **próprios**, **comuns** e **colectivos**.

Os nomes ou substantivos **comuns** subdividem-se em **concretos** e **abstractos**.

- **Nomes** ou **substantivos próprios** – referem um ser ou objecto individualizando-o, isto é, designando-o como único. Ex.: Kwanza, Angola, Maria.
- **Nomes** ou **substantivos comuns** – designam seres ou objectos sem os individualizar. Ex.: rio, país, menina.
- **Nomes** ou **substantivos concretos** – designam os seres propriamente ditos (nomes de pessoas, lugares, instituições, etc). Ex.: menina, rio, árvore, mesa, livro, povo.
- **Nomes** ou **substantivos abstractos** – não indicam seres do mundo real, mas ideias existentes na mente do homem (noções, acções, estados, sentimentos e qualidades). Ex.: beleza, coragem, esperança, amizade, viagem, largura, etc.
- **Nomes** ou **substantivos colectivos** - designam, mesmo no singular, um conjunto de seres da mesma espécie.

Ex.: formigueiro (conjunto de formigas)
 casario (conjunto de casas)
 rebanho (conjunto de ovelhas e carneiros)
 matilha (conjunto de cães)
 arquipélago (conjunto de ilhas)
 turma (conjunto de alunos)
 banda (conjunto de músicos)

Quanto à **flexão**, há dois **géneros** de nomes ou substantivos: o **masculino** e o **feminino**.

Os **números** são o **singular** e o **plural**.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Preenche o quadro com os nomes ou substantivos do texto:

Nomes ou Substantivos	
Próprios	
Comuns	
Concretos	
Abstractos	

2. Indica o feminino das seguintes palavras:

- ✓ pastor
- ✓ cão
- ✓ conde
- ✓ herói
- ✓ poeta

3. Passa para o plural as seguintes frases:

- ✓ O meu irmão chegou tarde.
- ✓ O projectil não atingiu o alvo.
- ✓ O papel ficou em cima da mesa.
- ✓ Este garoto é um comilão.
- ✓ Ele tem uma linda voz.

4. Indica o plural dos seguintes nomes ou substantivos:

- ✓ funil
- ✓ anel
- ✓ anzol
- ✓ verão
- ✓ anão
- ✓ expedição

Consulta o Bloco Gramatical no fim do teu livro!

UM JOGO A SÉRIO

O pai do Jorge ofereceu-lhe uma bola de futebol novinha. O miúdo desafiou os companheiros para um jogo a sério, num campo que havia perto da escola.

Acabadas as aulas, para lá se dirigiram. Eram dezoito.

5 Então foi preciso estabelecer critérios para a formação das equipas.

Quanto ao árbitro, foi fácil. Escolheram o Jeremias. Não é que simpatizem com ele mas, como usa óculos, não se lhe pode bater, o que, para um árbitro, é uma grande vantagem. Mas o que complicou a situação é que, escolhido o árbitro, ficaram apenas dezassete jogadores e, para se formarem dois grupos, ficava um de fora...

15 Depressa arranjaram um truque: arranjaram um juiz de linha com a função de levantar a bandeira sempre que a bola saísse do campo. Foi Rufino o escolhido. Um único juiz de linha não seria suficiente, mas o Rufino tinha umas pernas muito compridas e magras... e os joelhos sempre sujos. Um pouco contrariado, lá aceitou ser juiz de linha mas só para a primeira parte. Quanto à bandeira, decidiu usar o lenço de assoar que, por acaso, não estava limpo, mas quando saiu de casa não sabia que o lenço ia servir de bandeira.

25 – Bem, vamos começar, gritava, já impaciente, o Jorge.

As coisas já se estavam a compor: com dezasseis jogadores já era fácil formar duas equipas. Mas era ainda preciso escolher um capitão para cada equipa. E toda a gente queria ser capitão! Todos menos o Jorge que queria ser guarda-redes porque não gosta de correr.

Todos concordaram com ele. É que o Jorge é gordo e cobre bem a baliza. Mas restavam então quinze capitães, o que era um exagero. O Gervásio teve então a ideia de tirar à sorte: lançou a moeda ao ar e assim se escolheram os capitães – ele próprio e o Toni.

Foi então a altura de formar as equipas. Não se levantaram grandes problemas, excepto em relação ao Zacarias. Quer o Gervásio quer o Toni o queriam, porque quando ele corre com a bola, ninguém o apanha. Não joga muito bem mas mete medo.

Decidiram então tirar o Zacarias à sorte e o Toni ficou com ele. Escolheu-o imediatamente para guarda-redes dizendo que, assim, ninguém ousaria aproximar-se da baliza e ainda menos meter lá a bola.

Colocaram-se em campo. Como só eram sete de cada lado, não contando com os guarda-redes, as coisas voltaram a complicar-se. Em cada uma das equipas todos discutiam. havia montes deles que queriam ser avançados-centro...

Na equipa do Toni, o problema resolveu-se depressa porque o Zacarias distribuiu uns murros e os jogadores puseram-se nos lugares, sem protestar. É que o Zacarias bate mesmo a sério! Na equipa do Gervásio não conseguiram nenhum consenso.

– Eh malta! – gritou o Jorge da baliza.

Mas ninguém o ouvia. Toda a gente gritava, corria.

– Ei, parem! – gritou ele de novo.

Então, o Zacarias zangou-se.

– Não estavas com pressa de começar? Se tens alguma coisa a dizer, esperas pelo intervalo.

– Qual intervalo? Só agora é que dei conta que não temos bola. Esqueci-me dela em casa.

Sempé – Goscinny, *Le Petit Nicolas* (adaptado)



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. O texto que acabaste de ler é narrativo. Explica porquê.
2. Jorge, uma das personagens do texto, desafiou os companheiros para um jogo a sério.
 - 2.1. Que retrato físico podes traçar deste menino?
 - 2.2. Que expressões e atitudes demonstram o seu carácter?
 - 2.3. Indica as outras personagens do texto.
 - 2.4. Caracteriza-as.
3. Relê o texto.
 - 3.1. Quantos jogadores havia no total?
 - 3.2. Que outros elementos foram indicados para além dos jogadores?
 - 3.3. Diz porque foi escolhido o Jeremias para árbitro?
4. No jogo de futebol, a velocidade é importante.
 - 4.1. Que jogador tinha essa qualidade?
 - 4.2. Identifica os capitães das equipas.
 - 4.3. Que elementos faziam parte de cada uma das equipas?
5. Se fizesses parte de uma equipa de futebol, que lugar gostarias de ocupar?
6. Identifica o momento e o local onde decorre a acção com expressões retiradas do texto? Justifica a tua resposta.
7. Indica sinónimos das seguintes palavras:
 - ✓ complicou
 - ✓ contrariado
 - ✓ ousaria
8. Explica o sentido das seguintes expressões:
 - ✓ «... O miúdo desafiou os companheiros...» (l. 2).
 - ✓ «... Mas o que complicou a situação...» (l. 10).

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. «Um jogo a sério» é uma narrativa escrita na **3.ª pessoa**.

1.1. Transcreve duas formas verbais e dois pronomes pessoais que comprovem esta afirmação.

2. Justifica a utilização dos seguintes **sinais de pontuação** no texto:

- ✓ as reticências nos terceiro e quarto parágrafos;
- ✓ os dois pontos no sexto parágrafo;
- ✓ o ponto de exclamação no sexto parágrafo.

3. Assinala os **substantivos próprios** do texto.

Consulta o Bloco Gramatical no fim do teu livro!

TEMPO DE ESCRITA

Imagina que fazes parte de uma equipa de futebol. Contrói um pequeno texto onde digas qual o lugar que gostarias de ocupar, apresentando os motivos da tua preferência.

CHUVA NO MUSSEQUE

Era quase meio-dia quando o tempo começou a ficar mais manso, apesar do céu arreganhador¹ e feio, todo preto de nuvens.

O musseque, nessa hora, parecia uma sanzala no meio da lagoa: as ruas de chuva, as cubatas invadidas por essa água vermelha e suja correndo a caminho do alcatrão que leva à Baixa ou ficando teimosa, em cacimbas² onde nascem mosquitos e barulhos de rãs. Havia mesmo cubatas caídas e as pessoas, para não morrer, estavam na rua com as imbambas³ que salvaram.

Na hora em que Zeca Santos saltou, empurrando a porta de repente, e escorregou no chão lamacento da cubata, vovó pôs um grito pequeno, de susto, com essa entrada de cipaio. Zeca riu. Vovó, assustada, refluou:

– Ena, menino!... Tem propósito! Agora pessoa de família é cão, não é? Licença já não pede, já não cumprimenta os mais velhos...

– Desculpa, vovó! É a pressa da chuva!

Vovó Xixi continuou a varrer a água no pequeno quintal. Tinha entrado na cubata e encontrou tudo que parecia o mar: as paredes deixavam escorregar barro derretido; as canas⁴ começavam a aparecer; os zincos pareciam chapa de assar castanhas, os furos eram muitos. No chão, a água queria fazer lama e mesmo vovó pondo toda a vontade, nada conseguia. A água voltava sempre.

Luandino Vieira (adaptado)

¹ **Arreganhador** - Ameaçador.

² **Cacimbas** - Poças de água.

³ **Imbambas** - Haveres.

⁴ **Canas** - Bambus ou caniços utilizados na construção de casas de pau-a-pique.

BIOGRAFIA

José Luandino Vieira nasceu em Lagoa do Furadouro (Portugal) em 1936. Com cerca de 3 anos de idade foi com seus pais para Angola. Depois de ter concluído o sétimo ano do liceu, em Luanda, trabalhou como gerente comercial. Tendo sido acusado de ligações políticas com o MPLA, foi preso em Luanda e no campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, de 1961 a 1973. É cidadão angolano. Exerceu as funções de Secretário Geral da União dos Escritores Angolanos.

Obras do autor: *A Cidade e a Infância* (1960), *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier* (1974), *Vidas Novas* (1972), *Velhas Estórias* (1974), *No Antigamente na Vida* (1974), *Nós os de Makulussu* (1975).



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Identifica o narrador do texto.
2. Localiza a acção narrada no espaço e no tempo.
3. Atenta nas personagens do texto.
 - 3.1. Identifica-as.
 - 3.2. Diz qual o grau de parentesco que as unia?
 - 3.3. Diz de que modo reagiu a vovó Xixi à entrada surpreendente de Zeca Santos na cubata?
4. Vovó Xixi comparou a entrada brusca de Zeca Santos com a entrada de outra pessoa.
 - 4.1. Quem era essa pessoa?
 - 4.2. Explica a comparação feita.
5. Atenta no primeiro parágrafo do texto.
 - 5.1. Diz qual o modo de apresentação da narrativa predominante. Justifica a tua resposta com elementos textuais.
 - 5.2. Identifica o recurso expressivo presente no seguinte excerto:
«O musseque, nessa hora, parecia uma sanzala no meio da lagoa: ...» (l. 3).
6. Explica o significado das seguintes expressões:
 - ✓ «... céu arreganhador... » (ll. 1-2).
 - ✓ «... cacimbas onde nascem mosquitos e barulhos de rãs.» (l. 5).
 - ✓ «... Vovó pôs um grito pequeno, de susto...» (l. 9).
7. No dicionário, a palavra propósito tem vários sinónimos. Dos que te apresentamos, escolhe aquele que mais se adequa ao texto:
«- Ena, menino! ...Tem propósito!» (l. 11).

- decisão
- intento
- modos
- oportunamente
- fim

TEMPO DE ESCRITA

Com certeza já assististe a um dia de chuva. Descreve aquele que mais te impressionou.

Ao elaborar o teu texto, procura seguir as seguintes normas:

- ✓ regista a impressão geral;
- ✓ selecciona os pormenores mais importantes (cores, formas, dimensões...);
- ✓ aponta as sensações experimentadas (visuais, auditivas, olfactivas, gustativas, tácteis, de movimento...);
- ✓ organiza cada parágrafo tendo em conta a ordem do que observas;
- ✓ caracteriza cada um dos aspectos seleccionados;
- ✓ utiliza os verbos no presente ou no pretérito imperfeito do indicativo;
- ✓ usa alguns recursos expressivos que permitam uma melhor visualização (a este propósito consulta a página 178.)

SINAIS DE PONTUAÇÃO

Os sinais de pontuação indicam pausas que se devem fazer na leitura, de modo a facilitar a correcta compreensão do texto e o seu valor expressivo.

- **vírgula (,)** – determina uma certa pausa; serve para separar os elementos de uma enumeração e deve usar-se antes da adversativa e antes de uma condicional.

Recorda algumas regras para uma correcta utilização da vírgula:

Emprega-se a vírgula:	Exemplos:
(a) Para isolar o vocativo (termo com que invocamos, chamamos ou nomeamos alguém).	<ul style="list-style-type: none"> • José Carlos, vem cá. • Olha, André, vê lá se és pontual. • Protege-o, ó meu Deus!
(b) Quando se interrompe uma frase e se intercalam palavras ou orações explicativas ou caracterizadoras.	<ul style="list-style-type: none"> • José, aluno da minha escola, adoeceu gravemente. • A chuva, que ontem caiu ininterruptamente, provocou grandes inundações.
(c) Quando, numa frase, há várias orações ligadas sem ser por meio de conjunção.	<ul style="list-style-type: none"> • O António, a Luísa e o Renato vão sair. • Fui à Baixa comprar umas calças, uns sapatos, uma camisa e uma gravata.
(d) Quando, numa frase, há várias orações ligadas sem ser por meio de conjunção.	<ul style="list-style-type: none"> • Todos saltavam, corriam, brincavam.
(e) Para isolar os complementos circunstanciais colocados no início da frase.	<ul style="list-style-type: none"> • Ontem, em casa do meu amigo Pedro, estivemos a preparar a nossa intervenção.
(f) Para separar as orações subordinadas que precedem ou estão intercaladas nas subordinantes.	<ul style="list-style-type: none"> • Quando fores para casa, avisa-me. • Ele, quando foi entrevistado, ficou todo atrapalhado.

Emprega-se a vírgula:	Exemplos:
(g) Para separar as conjunções e locuções conjuncionais: porém, portanto, por conseguinte, etc.	<ul style="list-style-type: none"> • O Rui, porém, não respondeu. • Portanto, concluiu-se que é dever de todos defender a natureza.
(h) Antes da conjunção: mas.	<ul style="list-style-type: none"> • O Zé queria estudar, mas o barulho impedia-o.

Não se emprega a vírgula:	Exemplos:
Para separar os elementos fundamentais de uma oração (sujeito, predicado, complementos directo e indirecto, predicativo sujeito).	<ul style="list-style-type: none"> • Ela é muito simpática. • A Rita ofereceu um livro ao irmão.

- **ponto e vírgula (;)** – obriga a uma pausa maior que a da vírgula, não concluindo o período.
Ex.: Mas, não julguem vocês que a vida não tem momentos de ternura e alegria; claro que tem, como tem momentos tristes e de incompreensão.
- **ponto final (.)** – indica uma pausa forte; conclui um período; apresenta um pensamento completo.
Ex.: Ora cá estou eu, ao fim de mais um dia a correr pelas ruas de Luanda, a descansar no sossego do meu abrigo.
- **dois pontos (:)** – não só determinam uma pausa maior, como servem para introduzir uma fala, uma citação.
Ex.: E, no fim da tarde, junto ao mar, era bonito de se ver: tanto amarelo, tanto verde e tanto azul!
- **as reticências (...)** – podem aparecer no final de uma frase ou nela intercaladas; indicam a suspensão do que se estava a dizer, ficando os pensamentos por acabar, permitindo, assim que o leitor os imagine.
Ex.: Saíste-me um bom poeta...; Entrem, entrem...; O espectáculo vai começar...
- **ponto de interrogação (?)** – obriga a uma entoação própria da pergunta directa que se faz.
Ex.: Sou o André, lembra-se?
- **ponto de exclamação (!)** – traduz alegria, dor, surpresa, indignação, admiração, exprimindo a intensidade de sentimento que anima a pessoa que fala. Aparece, também, em frases do tipo imperativo, em frases exclamativas e a seguir a interjeições ou locuções interjectivas.
Ex.: Ai! Que horror!

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Repara nos sinais de pontuação utilizados no texto.

1.1. Quais são os que já conheces?

1.2. Explica quando e porquê se empregam os seguintes sinais: o ponto de interrogação, as reticências e o ponto de exclamação.

2. Pontua convenientemente a seguinte anedota (não te esqueças de assinalar os parágrafos):

Por que é que está cá pergunta o psiquiatra a um dos doentes Não sei Perguntaram-me se eu gostava mais de motos ou de carros Respondi que gostava mais de carros e zás Fecharam-me aqui Estranho comentou o médico eu também gosto de carros mas nunca ninguém se lembrou de me fechar aqui E gosta dos carros cozidos ou grelhados

Consulta o Bloco Gramatical no fim do teu livro!

A CAÇADA

Era no mês de Julho. Já tinham começado a deitar os pés de milho. Não chovia desde Abril. Velho João precisava de obter carne, pois tinha muitas bocas em casa. Na véspera, tinha preparado cuidadosamente as armas: tinha visto o arco, ajustado bem a corda de tripa, tinha passado uma vista de olhos por todas as flechas e tinha afiado conscienciosamente

5 a catana.

Faltavam duas horas para o sol nascer quando saiu de casa. Atravessou o terreiro, meteu-se por uma lavra de mandioca, e quando chegou à mata localizou um trilho¹ e acelerou o passo. Já tinha o local escolhido, um pequeno muceque queimado há pouco, e onde o capim começava a rebentar. De certeza que às primeiras horas do dia, os gulungos ali iriam

10 pastar.

Depois de algum tempo, as primeiras estrelas começaram a apagar-se e, à medida que se aproximava do local, o seu passo ficava mais cauteloso, prestando atenção a todos os ruídos. Já com boa luz, Velho João acercou-se do muceque, pequena encosta muito suave onde o verde do capim contrastava com a mata seca que o cercava. Rodeou o muceque procurando o vento e, nesse momento, viu uma fêmea de gulungo sair do capim alto num

15

passo tímido, ágil e gracioso e começar a comer.

Silenciosamente, encoberto por um pau seco, Velho João ajustou uma flecha no arco. Quando procurava mirar o animal, viu um pequeno vulto sair a correr do capinzal seco e dirigir-se ao gulungo. Contrariado, verificou que era uma cria, a qual, após chegar junto à

20

mãe, pôs-se gulosamente a mamar.

Assim não podia ser nada. Ele não matava fêmeas com crias. Teria de aguardar outra presa² mais indicada. Entretanto, foi observando os dois animais, e no seu rosto apareceu um sorriso de paz e felicidade perante o espectáculo que via.

Conto Kwanhama, Manual de Leitura 7ª classe, *P'ra frente*

¹ **Trilho** - Caminho.

² **Presa** - Animal que se aprisiona para comer.

SABIAS QUE...

O conto é uma pequena narrativa desenvolvida num curto espaço de tempo e com poucas personagens. Como todas as narrativas, tem introdução, desenvolvimento e a conclusão.

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Delimita, no texto, a introdução, o desenvolvimento e a conclusão.
2. Presta atenção à introdução do texto.
 - 2.1. Diz onde se passou esta cena?
 - 2.2. Quando se passou esta cena?
 - 2.3. Identifica a personagem que protagoniza o conto.
 - 2.4. Diz qual o seu propósito.
 - 2.5. Quais os motivos para o seu propósito.
 - 2.6. Identifica todo o material cuidadosamente preparado na véspera.
3. Atenta no desenvolvimento do conto.
 - 3.1. Diz o que fez o Velho João naquela madrugada.
 - 3.2. Chegado ao local, como reagiu ele?
 - 3.3. Diz o que o fez recuar no seu propósito quando mirava a fêmea do gulungo.
 - 3.4. O que sentiu a seguir?
4. Relê a conclusão do texto:
 - 4.1. De que modo resolveu ele o problema?
 - 4.2. Justifica a seguinte expressão:
«... e no seu rosto apareceu um sorriso de paz e felicidade...» (ll. 22-23).
5. Explica o sentido das seguintes expressões:
 - ✓ «Faltavam duas horas para o sol nascer...» (l. 6).
 - ✓ «... onde o capim começava a rebentar» (ll. 8-9).
 - ✓ «...encoberto por um pau seco...» (l. 17).
6. Repara na expressão: «Tinha passado uma vista de olhos por todas as flechas» (l. 4). Esta expressão significa que:
 - olhou fixamente para as flechas.
 - passou rapidamente os olhos pelas flechas.
 - ele não viu as flechas.

7. A palavra «olho» significa órgão de visão. Mas encontramos imensas expressões que integram essa palavra e que possuem os mais diversos significados.

7.1. Liga as expressões aos respectivos significados:

- | | |
|-----------------------------------|-------------------------------------|
| a) a olho nu | 1) desforra correspondente à ofensa |
| b) arregalar o olho | 2) não dormir |
| c) custar os olhos da cara | 3) perceber facilmente |
| d) com os olhos tapados | 4) sem auxílio de óculos |
| e) olho por olho, dente por dente | 5) procurar enganar |
| f) saltar aos olhos | 6) cobiçar |
| g) não pregar olho | 7) ser muito caro |
| h) deitar poeira para os olhos | 8) sem saber nada |

7.2. Completa as seguintes frases com algumas expressões do exercício anterior:

- ✓ Não posso dizer à minha mãe o preço do casaco. Custou-me _____
- ✓ O pai estava cansadíssimo de manhã; não _____ toda a noite.
- ✓ A Margarida não fez os trabalhos de casa e tentou _____ da professora, mas não conseguiu.

OS DOIS IRMÃOS

O Pedro e o Jorge caminhavam sem pressa, conversando, distraídos. Eis que surge um coelhito que sai a medo da toca. Ergue-se sobre as patas traseiras e volta a cabeça para um lado e para o outro, antes de começar a comer as ervitas verdinhas. Neste momento começa uma caçada cheia de entusiasmo, mas o coelhinho, em três saltos, mete-se outra vez no seu buraco.

- 5 O Pedro e o Jorge põem a saca ao ombro e toca a andar que já é tarde.
Chegam muito cansados em frente da porta da escola, entram, e, como esperavam, foram chamados pelo professor.
- 10 Trinta e cinco companheiros escutam o interrogatório feito pelo professor: a palavra «coelho» prendia a atenção de todos.
- Eu não castigo o Pedro, como mais velho, porque ficou à espera do irmão que é muito novo...
 - E não castigo o Jorge porque ele contou a verdade francamente.
- 15 Voltai para os vossos lugares e que isto vos sirva de lição.
Depois das palavras do professor, os dois irmãos, de lágrimas nos olhos, sentaram-se nos seus lugares e juraram para si não voltar a cair noutra.

Adaptado

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Diz qual o destino do Pedro e do Jorge?
2. O que os fez esquecerem-se do seu destino?
3. Por que razão o coelho se ergue nas patas traseiras e volta a cabeça para um lado e para o outro?
4. Por que não conseguiram eles agarrar o coelho?
5. Que aconteceu aos dois irmãos quando chegaram à escola?

REGRA ORTOGRÁFICA

Lê	Regra Ortográfica
Distância Consciência Inteligência	As palavras terminadas em ância e ência escrevem-se, geralmente, com um c .
Honra - Desonra Hábil - Inábil	Não se escrevem com h as palavras que derivam de outras que se escrevem com um h , desde que ele fique no meio.
Portuense (do Porto) Kongolense (do Kongo) Macaense (de Macau)	Muitas das palavras que indicam naturalidade terminam em ense .
Compreensão Comissão Confissão Agressão Discussão Concessão	As palavras terminadas em pressão , fissão , cussão , missão , gressão e cessão escrevem-se, geralmente, com dois ss .

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Escreve o sinónimo de:

- ✓ conversando _____
- ✓ surge _____
- ✓ ergue-se _____
- ✓ buraco _____

2. Escreve o antónimo de:

- ✓ distraídos _____
- ✓ começa _____
- ✓ tarde _____
- ✓ velho _____

3. «Eis que surge um coelhito que sai a medo da toca» (ll. 1-2).

3.1. Escreve a frase no plural.

3.2. Escreve de novo a frase com o verbo no pretérito perfeito do indicativo.

3.3. Escreve um adjetivo que sirva para qualificar a palavra «coelho».

4. «O Pedro e o Jorge põem a saca ao ombro» (l. 6).

4.1. Substitui os nomes dos rapazes por um pronome pessoal conveniente.

4.2. Acrescenta à frase um pronome possessivo no lugar adequado.

4.3. Substitui ainda a expressão «O Pedro e o Jorge» por um pronome demonstrativo conveniente.

5. «Neste momento começa uma caçada cheia de entusiasmo, mas o coelhito (...) mete-se outra vez no seu buraco.» (ll. 3-5).

5.1. Delimita as orações presentes na frase.

5.2. Identifica o sujeito e o predicado de cada uma delas.

5.3. Uma das orações tem complemento directo. Transcreve-o.

6. Classifica morfologicamente as seguintes palavras:

- ✓ momento _____
- ✓ começa _____
- ✓ cheia _____
- ✓ seu _____

7. Classifica, quanto à posição da sílaba tónica, as seguintes palavras :

- ✓ cabeça _____
- ✓ já _____
- ✓ lágrimas _____
- ✓ os _____

Consulta o Bloco Gramatical no fim do teu livro!

TEMPO DE ESCRITA

Faz agora um resumo do texto que serviu de tema para o teu exercício. Não vale empregar as mesmas palavras do texto.

Recorda o que aprendeste nesta unidade e assinala a opção correcta.

1. O texto narrativo:

- a) relata acontecimentos ou situações vividas por personagens.
- b) apresenta informações sobre produtos, com o objectivo de promover a sua venda.
- c) noticia um acontecimento, sendo da responsabilidade de um jornalista.

2. A acção estrutura-se em:

- a) introdução, recuo e fim.
- b) introdução, desenvolvimento e conclusão.
- c) desenvolvimento e fim.

3. As personagens:

- a) não têm qualquer importância para a narrativa.
- b) são responsáveis pelo desenrolar dos acontecimentos da história.
- c) somente fazem parte de uma narrativa.

4. As personagens, quanto ao relevo que têm na acção, podem ser:

- a) principais, secundárias ou figurantes.
- b) principiantes, secundárias ou figurantes.
- c) principais, ausentes ou figurantes.

5. O espaço e o tempo:

- a) têm de ser adivinhados pelo leitor.
- b) podem ser identificados através de expressões que vão surgindo ao longo da narrativa.
- c) nunca são referenciados num texto narrativo.

6. O narrador:

- a) não tem qualquer importância na narrativa.
- b) tem como função narrar a história.
- c) raramente existe numa narrativa.

7. O narrador, quanto à sua presença, pode ser:

- a) participante ou não participante.
- b) ausente ou não participante.
- c) participante ou nulo.

RESULTADO

Se acertaste em 0, 1, 2 ou 3 respostas... Precisas de estudar mais!

Se acertaste em 4 ou 5 respostas... Foi bom, mas é necessário rever alguns conteúdos.

Se acertaste em 6 ou 7 respostas... Parabéns, óptimo resultado!

TEXTO DESCRITIVO

2

A DESCRIÇÃO

Descrever um espaço, uma pessoa, um objecto, uma paisagem, um ambiente, é fotografar, com palavras, esses elementos. Assim, devemos estar atentos:

- ✓ ao aspecto geral (conjunto);
- ✓ aos pormenores.

Podemos, para isso:

- ✓ organizar a descrição tendo em conta os diferentes planos em que vemos as coisas:
- ✓ 1.º plano - aqui, perto de nós...
- ✓ 2.º plano - ali, mais à frente...
- ✓ 3.º plano - lá longe, mais além...
- ✓ servir-nos de expressões que tornem mais viva a descrição.

Ao analisar ou ao elaborar um texto descritivo, devem-se ter em atenção alguns recursos adequados: o uso de um vocabulário expressivo, onde predominam os nomes, os adjectivos e advérbios, verbos predominantemente no pretérito imperfeito e do presente do indicativo; uso de alguns recursos expressivos como a comparação, personificação, metáfora, hipérbole, repetição, enumeração, adjectivação (consulta a este propósito a página 178).

A DESCRIÇÃO DA PAISAGEM

A **descrição de uma paisagem** é feita em função daquilo que nos apercebemos **através dos sentidos**, pelo que depende, essencialmente, do poder de observação. É através dos nossos cinco sentidos (visão, audição, olfacto, tacto e paladar) que apreendemos tudo o que nos rodeia. Assim, há tantos **tipos de sensações**, quanto os sentidos que possuímos. Através das sensações:

- ✓ visuais - conhecemos a luminosidade, as cores, os tamanhos, as formas, os movimentos;
- ✓ auditivas - detectamos os sons;
- ✓ gustativas - identificamos os sabores;
- ✓ olfactivas - apercebemo-nos dos cheiros, dos odores;
- ✓ tácteis - distinguimos a suavidade, a aspereza, a dureza, a temperatura, o liso, o enrugado.

A DESCRIÇÃO DE OBJECTOS

A **descrição de um objecto** tem as mesmas características do retrato. No caso do objecto, há que ter em consideração o seu **aspecto físico** (a natureza, a cor, a forma, a matéria - madeira, metal, etc. - e a textura, o volume, o peso, o tamanho, etc.) e o aspecto funcional e afectivo do objecto (o lugar que ocupa; o uso que dele se pode fazer; que sentimentos desperta no observador).

NAMIBE: O MAR E A TERRA

A província do Namibe situa-se entre os paralelos 13o 30' e 17o 30' Sul, confrontando a norte com a província de Benguela, a leste com a província da Huíla, limitada a sul pelo Rio Cunene e a oeste pelo Oceano Atlântico.

5 A norte e a sul da baía da cidade do Namibe situam-se, respectivamente, o porto mineiro e o porto comercial. O porto comercial tem um cais acostável com oitocentos metros e o terminal da via férrea sobre o cais facilita a carga e descarga directa sobre o vagão.

O caminho-de-ferro, de bitola internacional, alcança o Menongue, capital do Kuando Kubango, a cerca de 700km do litoral, com ramais adjuvantes, o que possibilita a drenagem dos minérios de Cassinga. A cerca de seis quilómetros do centro da cidade do Namibe, 10 situa-se o aeroporto internacional, capaz de receber as mais modernas aeronaves.

No entanto, é na pesca que assenta o desenvolvimento económico da província. O peixe abunda nas costas da província e a pesca representa a principal actividade económica da região.

15 A agricultura pode e deve ser, ao lado da pecuária, uma actividade de grande importância. A natureza deu ao Namibe condições para praticar uma agricultura rentabilizada, sobretudo quando conjugada com vias de drenagem e processos de transformação e comercialização dos seus produtos. A oliveira encontra óptimas condições de desenvolvimento dando frutos de boa qualidade, a videira produz uvas de bom paladar e apresentação, o melão é de excelente qualidade. As condições existentes nos vales dos 20 rios e nas suas margens proporcionam a produção do tomate, cebola e praticamente de todos os produtos hortícolas.

Na Lola, Caitou e Kapangombe, o tabaco, algodão e citrinos encontram boas condições de produção. A cultura da banana pode intensificar-se e, se for orientada, servir para a exportação. A província do Namibe possui uma ecologia favorável à existência de gado 25 bovino e caprino. Aliás, já fornece neste momento carne para as províncias de Luanda, Benguela, Cuanza-Norte, Cuanza-Sul e as Lundas.

Existem ainda no Namibe algumas indústrias extractivas. Os minérios e, sobretudo, os granitos, podem tornar-se numa boa fonte de captação de divisas. Conhece-se jazidas de mármore nas regiões do Hapa, Saiona, Serra do Tchitovângua e Serra da Lua, e de granito 30 nas zonas do Caraculo e Bentiaba.

Este é o postal do Namibe, uma província rica que, no quadro da recuperação económica do país, tem um papel importante a desempenhar.

Alves António, in *Comércio Externo*, Junho 1991

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Este texto é um exemplo de descrição. Esta descrição é constituída por uma mera listagem ou enumeração das características desta província: as vias de comunicação, a agricultura e a pecuária, os minerais, as indústrias, os rios e outros aspectos. Este texto começa com:

- ✓ a identificação de uma personagem;
- ✓ a localização da província;
- ✓ a indicação do local de que fala o texto.

1.1. Recorrendo a elementos do texto, comprova esta afirmação.

2. Repara na descrição que vai sendo feita dos diferentes elementos:

2.1. O caminho-de-ferro.

- ✓ Assinala os elementos que compõem a sua descrição.
- ✓ Indica que adjectivo é utilizado para o descrever.

2.2. A agricultura.

- ✓ Assinala um adjectivo que descreva a agricultura realizada na província.
- ✓ Indica que tipos de culturas se praticam, referindo-te também a frutos e hortícolas.

2.3. A pecuária.

- ✓ Refere-te à associação que se faz da agricultura com a pecuária.
- ✓ Cita as províncias que beneficiam com a pecuária.

2.4. A natureza deu à província um subsolo riquíssimo.

- ✓ Que recursos minerais se podem obter e em que regiões?

3. No último parágrafo do texto, o autor compara o Namibe a algo. O que é? Parece-te sugestivo? Justifica a tua opinião.

4. Indica palavras sinónimas de:

- ✓ vagão _____
- ✓ rentabilizada _____

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Distingue o significado da palavra **cais** nas seguintes frases:

- ✓ «O porto comercial tem um cais acostável.» (l. 5).
- ✓ “Tem cuidado; vê lá se cais.”

2. Associa os complementos de lugar **por onde**, **donde**, **onde**, **para onde**, às seguintes expressões:

- ✓ «... nas costas da província...» (l. 12).
- ✓ «... a natureza deu ao Namibe...» (l. 15).
- ✓ «... pelos vales dos rios...» (ll. 19-20).
- ✓ «Conhece-se jazidas de...» (l. 28).

3. Classifica morfologicamente as palavras e expressões sublinhadas:

- ✓ «... a cerca de seis quilómetros do centro...» (l. 9).
- ✓ «... descarga directa sobre o vagão...» (l. 6).
- ✓ «... praticamente todos os produtos» (ll. 20-21).
- ✓ «... sobretudo quando conjugada...» (l. 16).
- ✓ «... e nas suas margens proporcionam...» (l. 20).
- ✓ «... ecologia favorável à existência...» (l. 24).

Consulta o Bloco Gramatical no fim do teu livro!

AS ACTUAIS OLIMPÍADAS

Os Jogos Olímpicos duraram até ao ano 394, altura em que um édito de Teodósio os aboliu, a pretexto de representarem uma sobrevivência do paganismo.

Quinze séculos depois desta proibição, em 1892, um parisiense ilustre, o barão Pedro de Coubertin, falando num dos anfiteatros da Sorbonne, terminou a sua oração proclamando a necessidade de se fazer reviver a «ideia olímpica», com amplitude universal.

5 A proposta foi bem aceite, mas incompreendida. Todavia, o barão de Coubertin, grande diplomata, extremamente culto, era ainda dotado de uma tenacidade fora do vulgar. Ele próprio custeou as primeiras despesas, sem entretanto perder um momento para expor e justificar a sua ideia revolucionária. Mas só anos depois, em 1896, apoiado e com a ajuda amiga de muitos outros entusiastas, Pedro de Coubertin conseguiu levar a cabo, em Atenas, a I Olimpíada moderna, onde se fizeram representar 13 nações com 285 participantes. O ilustre teórico do desporto tinha triunfado. Desde então, o mundo sentese-lhe reconhecido. Em 1937, quando morreu, o seu coração, encerrado numa urna, seria, a seu pedido, depositado nas ruínas sagradas de Olímpia, num monumento especialmente erigido para o efeito.

10 Constaram das primeiras olimpíadas modernas as seguintes competições: atletismo (corrida de 100, 400, 800 e 1500m; 110m barreiras; saltos em altura, comprimento e com vara; lançamentos de peso e disco; corrida de maratona), ginástica, luta, tiro, vela, remo, ciclismo, equitação, esgrima (nas três armas, com torneios para amadores e professores),
15 natação (corridas de 100, 500 e 1000m, em estilo livre e pólo aquático) e ténis.



Depois de Atenas foram designadas as seguintes cidades: Paris (1900), São Luís (1904), Atenas (1906) – embora sem carácter verdadeiramente oficial –, Londres (1908), Estocolmo (1912), Antuérpia (1920), Paris (1924), Amsterdão (1928), Los Angeles (1932), Berlim (1936), Helsínquia (1952), Melbourne (1956), Roma (1966), Tóquio (1964), Cidade do México (1968), Munique (1972), Montreal (1976), Moscovo (1980), Los Angeles (1984), Seul (1988), Barcelona (1992), Atlanta (1996), Sidney (2000) e Atenas (2004).

Muitos elementos simbólicos se encontram ligados a estes jogos. O mais célebre será talvez o facho olímpico, que, alguns dias ou semanas antes, é aceso na ancestral Olímpia e, depois, transportado em estafetas, por centenas ou milhares de corredores, até à cidade escolhida para as competições. Outro símbolo é uma bandeira branca com cinco anéis entrelaçados, representando as cinco partes do Mundo, segundo a opinião mais generalizada. Tornaram-se célebres ainda um hino, que é tocado nas várias cerimónias protocolares; uma divisa, que Pedro de Coubertin adoptou, como estímulo para os seus atletas: «Citius, Altius, Fortius» (mais longe, mais alto, mais forte); e uma frase, escutada pela primeira vez na Catedral de S. Paulo, em Londres, no ano de 1908 e pronunciada pelo bispo americano da Pensilvânia: «O importante não é vencer, mas participar».

Na verdade, a «ideia olímpica», destina-se a criar o gosto pelo esforço desinteressado e o amor pela luta sincera e leal. Ela pretende juntar os homens, numa causa justa, nobre e bela.(...)

in Enciclopédia *Verbo Juvenil*, 1º vol. (adaptado)

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. O texto apresenta o historial dos Jogos Olímpicos.
 - 1.1. Diz quem foi o seu precursor.
 - 1.2. Elabora o seu retrato, transcrevendo os seus atributos citados no texto.
 - 1.3. Diz o que foi feito para se homenagear tão grande figura.
2. Em 1896, realizou-se a I Olimpíada moderna.
 - 2.1. Em que país se realizou?
 - 2.2. Quantos países a integraram?
 - 2.3. Qual foi o número total de participantes?
3. Enumera as modalidades que fizeram parte da I Olimpíada moderna.
4. Apresenta os elementos simbólicos ligados aos Jogos Olímpicos.
5. Transcreve a divisa dos Jogos Olímpicos e a frase característica dos mesmos.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Repara nas expressões:

- ✓ «um parisiense ilustre...» (l. 3).
- ✓ «... as primeiras olimpíadas modernas...» (l. 16).
- ✓ «O mais célebre será talvez o facho...» (ll. 27-28).

1.1. Classifica morfológicamente as palavras sublinhadas nas frases.

1.2. Escreve as 2.^a e 3.^a frases no grau superlativo absoluto sintético.

2. «... corridas de 100, 400, 800 e 1500m» (l. 17).

2.1. Classifica morfológicamente os elementos sublinhados.

2.2. Muda-os para numerais ordinais.

3. Retira do texto três substantivos comuns e três substantivos próprios e classifica-os.

4. Observa esta frase simples: «... Pedro de Coubertin conseguiu levar a cabo, em Atenas, a I Olimpíada moderna...» (ll. 10-11).

4.1. Indica os elementos fundamentais desta frase, isto é, o sujeito e o predicado.

4.2. Indica a função sintáctica das expressões sublinhadas.

5. Classifica as seguintes palavras quanto ao seu processo de formação:

- ✓ sobrevivência
- ✓ verdadeiramente
- ✓ atletismo
- ✓ parisiense

Consulta o Bloco Gramatical no fim do teu livro!

AS FÚRIAS DO RIO

Os homens e os bichos abandonaram, medrosos, a fúria do rio. Só a floresta lhe oferece luta, obrigando-o a revolver-se no labirinto das suas árvores e a desviar-se aqui e ali das barreiras de cipós. Enfurecido, o rio atira-se contra a floresta, que o tenta apertar no leito, invade-lhe as terras sombrias, abre-lhe rasgões por onde estende os seus braços, envolvendo-a e pondo a nu raízes seculares. E segue, bramindo, para a planície que logo se lhe oferece, dando-lhe largas para se espriar. É ali, na terra nua de horizontes desolados, que se lhe quebram as energias. A sua fúria abranda pouco a pouco, deixa-se de ouvir o seu bramido, e os despojos que ganhou, em dura luta, à floresta, vão ficando pelo caminho na planície alagada para onde fogem os peixes atormentados pela impetuosidade da corrente. E segue, brando, no seu leito natural, através da planície, onde as águas paradas ao longe vão enegrecendo sob as asas das aves que descem em voos rápidos para apanharem pequenos peixes.

Ao fundo da estepe, com uma mancha negra de floresta na linha do horizonte, o rio entra num tremedal, desaparece sob os lodos verdes e negros, com flores vermelhas, amarelas e azuis a perfumarem o céu baixo e sombrio, para surgir mais adiante, junto à floresta, por onde abre caminhos tortuosos que o levam para a boca de outro rio.

Muito atrás ficaram, emergindo das águas baixas da estepe, os despojos que ele trouxe do vale e da floresta. É então que o sertanejo mete a almadia nas águas mortas, guiando-a com uma vara comprida, que vai enterrando até encontrar chão duro para a impulsionar, e lança na corrente os cestos de pesca.

As terras negras das margens do rio, onde durante os meses de cacimbo verdejaram as hortas dos colonos e as plantações de milho e mandioca dos sipaios e capitas, desapareceram sob as águas vermelhas que descem, arrastando terra, arbustos e capim, a encosta pelos córregos que, na época seca, eram trilhos por onde se ia em poucos minutos à povoação dos comerciantes.

As águas do rio e das chuvas trabalhavam para o agricultor, depositando na terra de plantio, que suas companheiras e filhas amanhavam, o húmus rico da floresta. Mais tarde, as mulheres juntar-lhe-iam as cinzas das queimadas.

No vale, a meia encosta, as copas das grandes árvores apareciam à tona da água. Ali, a água parava em grandes poças, porque o rio não tinha força para subir mais. Os jacarés vinham aquietar-se nessas águas paradas e pouco fundas, olhando, horas e horas imóveis, com olhos ensonados para a terra desolada. Mais adiante, sobre capim rasteiro, cabriolavam pares de lontras. Patos-bravos grassavam no céu de cinza.

Castro Soromenho, *Terra Morta*



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Ao longo do texto encontras informações relativas ao **espaço** onde decorre a acção e às personagens.

- 1.1. Transcreve as palavras que permitem identificar o espaço ou espaços por onde se move o elemento principal do texto.
- 1.2. Assinala alguns adjectivos do texto que caracterizam o estado em que se encontrava o rio.

2. Ao longo do texto houve mudanças de comportamento do rio.

- 2.1. Transcreve as frases que indicam essas alterações.
- 2.2. Em tua opinião, quando e porquê o rio se enfurece?

3. Explica o sentido das expressões:

- ✓ «É então que o sertanejo mete a almadia nas águas mortas...» (ll. 29-30).
- ✓ «A sua fúria abranda pouco a pouco, deixa-se de ouvir o seu bramido, e os despojos que ganhou, em dura luta, à floresta, vão ficando pelo caminho...» (ll. 11-14).

4. Atenta no 4.º parágrafo.

- 4.1. Diz em que estação do ano se passa o ocorrido no texto.
- 4.2. Utiliza palavras do texto para justificar a tua resposta.

5. O rio beneficiava a agricultura. Com palavras do texto, justifica esta expressão.

6. Relê atentamente o 1.º parágrafo.

6.1. Identifica o recurso expressivo presente nos seguintes excertos:

- ✓ «Enfurecido, o rio atira-se contra a floresta...» (ll. 4-5).
- ✓ «A sua fúria abranda pouco a pouco...» (l. 11).

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Transcreve do texto alguns advérbios e pronomes e classifica-os morfologicamente.
2. «Ao fundo da estepe, com uma mancha negra de floresta na linha do horizonte... » (ll. 20-21).
 - 2.1. As expressões sublinhadas começam pela mesma palavra. Indica-a e classifica-a.
 - 2.2. As três expressões estão colocadas imediatamente a seguir a que palavras? Classifica essas palavras.
3. “Por muito estranho que parecesse, o rio mostrava-se, de facto, calmo. Descera até a encosta e alagava as terras negras das margens.”
 - 3.1. Identifica o tempo e o modo em que se encontram as formas verbais sublinhadas e justifica o seu emprego.
4. Completa cada uma das frases seguintes com o verbo indicado entre parênteses, fazendo a concordância com o sujeito:
 - ✓ Nem a Ana nem o João _____ (conhecer) o rio.
 - ✓ Nem um nem outro _____ (saber) por que razão estavam ali os despojos.

Consulta o Bloco Gramatical no fim do teu livro!

FLORESTA E DESFLORESTAÇÃO

Da estação dos caminhos de ferro de Kaxadi, além, a vista deleita-se e contempla os terrenos de Sualala, atrás da estação, campos lavrados, com um milheiral verde-escuro, que se estende acompanhando o ziguezaguear desenhado por um palmar viçoso que segue a caminhada da ribeira de Kaxadi. Panorama vistoso! É a África, apesar das suas contrariedades e dos seus gritos de dor, que ainda é um dos continentes que pode oferecer lindas-e-lindas paisagens e panoramas pitorescos, deslumbrantes e encantadores. É um ponto de África...

Acolá, a grande baixa de Kaminha, que para os terrenos de Kassala desce e oferece o aqueduto à linha férrea e vai longe ligar-se às outras baixas e valas que deitam águas fluviais e das ribeiras ao rio Lucala. É uma longa e funda baixa em que o sol morre primeiro que noutras bandas circunvizinhas. De lá despontam as grandes e diversas árvores, muito compridas, oferecendo um panorama verde e pitoresco. É o único ponto que, na área, ainda não foi atingido pelo desenfreado e sem protecção derrube de árvores, cipós, arbustos, para a lenha de Luanda, para a madeira de construção de casas de Luanda, para o carvão de consumo de Luanda. Por esse andar, a área, que já se ressentia, dentro de poucos anos fica deserta. Depois, as consequências da kikala (estiagem, seca, falta de chuvas), a fome, a miséria, a emigração dos habitantes para Luanda.

Escapam, por enquanto, os embondeiros, que vaidosamente marcam a sua presença secular. Escapam, enquanto não aparecer a nova técnica que lembre um dia de explorá-los para as matérias-primas... Ou à beira da estrada ou ao lado da linha férrea, vê-se um atalho, uma picada, um carreiro para camiões que vão buscar madeira para casas de pau-a-pique, lenha e carvão, além da madeira de construção para as grandes e pequenas obras de Luanda. É só cortar. Ficaram apenas os embondeiros, as mangueiras, cajueiros, milelemas, por agora. Poucas ou quase nenhuma árvores de mibanga ou mikulu ficaram desde que se descobriu produzirem elas o melhor carvão de consumo. Foi uma razia indiscriminada. A baixa de Kaminha é um oásis e, vista da estação, é um parque verde que contempla, que agrada para demoradamente apreciar as aves, umas de grande vulto como o Mbemba, Kakulu, Kahumbi, Holococo, a sobrevoarem os ramos que beijam o céu azul. Lá no fundo da baixa piam, pipiam, gemem os pequenos pássaros em harmonia sinfónica com o coaxar das rãs e sapos, o guinchar dos esquilos, o cricricar dos grilos, e a música estridente das cigarras, a benzerem-se do quanto ainda lhes resta da sombra, da frescura e tranquilidade desse lugar.

Uanhenga Xitu, *Os Discursos de Mestre Tamoda*

BIOGRAFIA

Agostinho André Mendes de Carvalho este é o nome de Uanhenga Xitu. Nasceu em Calomboloca, Icolo-e-Bengo (Angola) a 29 de Agosto de 1924. Fez os seus estudos primários e secundários em Luanda. Fez o curso de enfermagem em Luanda, profissão que exerceu durante muitos anos, deslocando-se por todo o país que conhece bem. Fez estudos em Ciências Políticas na Alemanha. Em 1959 foi preso, tendo feito parte do chamado «Processo dos 50» e sido enviado para o Tarrafal onde permaneceu de 1962 a 1970.

Obras do autor: *Meu Discurso* (1974), *Mestre Tamoda* (1974), *Bola com Feitiço* (1974), *Manan* (1974), *Vozes na Sanzala, Kahitu* (1976).



OS PARQUES E RESERVAS DE ANGOLA

No nosso país existem áreas onde encontramos variadas concentrações de espécies animais. São conhecidas por áreas de conservação. Nessas áreas, os limites são definidos e estabelecem-se os Parques ou Reservas. É uma política do Estado de Angola, representado pelo Ministério da Agricultura e do Desenvolvimento Rural. Cabe a esse ministério, através

- 5 do Instituto de Desenvolvimento Florestal, controlar toda a fauna selvagem do país.
- As áreas de conservação são protegidas e guarnecidas por fiscais para não permitirem o abate das espécies pelos caçadores. É expressamente proibido caçar nos parques, mas é permitido caçar em algumas áreas desde que devidamente autorizado pelo órgão competente e durante a época venatória.
- 10 Os parques necessitam de certas condições ecológicas para a vida das espécies. Essas condições, são, essencialmente, a vegetação, a água, o sol, o ar e outros. As espécies animais como a hiena malhada, o mabeco, o leão, o hipopótamo, o golungo, a palanca vermelha, a pacassa, o bambi comum, o facochero, o gunga, o patamocho, encontram-se distribuídas em quase todos os parques nacionais do nosso país. Existem até agora em
- 15 Angola sete parques nacionais:
- o Parque da Kisama na Província do Bengo, distando 71 quilómetros da cidade de Luanda. As espécies de especial importância deste parque são: o elefante, o talapoim e as tartarugas marinhas.
 - o parque Nacional de Kangandala na província de Malanje, onde encontramos a
- 20 palanca preta gigante, espécie rara no mundo.
- o Parque Nacional do Bikwar, na Huíla, onde encontramos o elefante, a zebra-da-planície e o búfalo negro.
 - o Parque Nacional de Iona, no Namibe, onde encontramos o elefante, o guelengue e a avestruz.
- 25 – o Parque Nacional da Kameia, no Moxico, onde existe o Gnú, o Sitatunga, o Tchikolokossi, o Cacu.
- o Parque Nacional do Mupa, na província do Cunene, conhecido também por Parque da Girafa por possuir a girafa e a kahama.
 - o Parque Natural Regional da Chimalavera na província de Benguela, a 24 quilómetros
- 30 da cidade sede, que tem como espécies o macaco cinzento e a cabra-de-leque.
- Quanto a reservas, existem:
- a Reserva Natural Integral do Lwango, que se estende entre as províncias de Malanje e Bié, onde se destaca, para além das várias espécies já citadas, a palanca preta gigante.
 - a Reserva Parcial do Namibe, no Namibe, onde existem, para além de outras espécies,
- 35 a avestruz e o rinoceronte preto.
- Todos os Parques e Reservas que acabamos de ver são uma fonte de divisas para o país, pois constituem maravilhosas paisagens naturais que atraem os turistas de todas as partes do mundo.
- Proteger a natureza é continuar a vida.

DESENVOLVIMENTO HUMANO

O desenvolvimento humano é um processo que conduz ao alargamento do conjunto de possibilidades que se oferece a cada um. Ele implica que sejam realizadas três condições essenciais: viver longos anos e em boa saúde, adquirir conhecimentos e ter acesso aos recursos necessários para gozar de um nível de vida conveniente.

5 Mas o conceito de desenvolvimento humano não se limita apenas a isso. Engloba também noções tão importantes como a liberdade política, económica ou social, e também a criatividade, a produtividade, o respeito e a garantia dos direitos humanos fundamentais.

10 O desenvolvimento humano apresenta dois aspectos fundamentais: de um lado, a criação de capacidades pessoais (para os progressos obtidos em matéria de saúde, educação e aptidões); e de outro lado, a utilização que os indivíduos fazem das suas capacidades nos seus lazeres e em actividades produtivas ou culturais, sociais e políticas. Se o desenvolvimento humano não equilibra estes dois aspectos, isso pode resultar numa grande frustração.

15 De acordo com esta noção de desenvolvimento humano, a melhoria do rendimento, por mais importante que seja, não é mais do que uma aspiração entre outras. O desenvolvimento deve centrar-se nas pessoas.

20 A experiência mostra que, segundo os países, um nível de rendimentos modesto pode ser acompanhado de uma boa qualidade de vida e que, inversamente, esta pode ser deplorável em casos de altos níveis de rendimentos. A proliferação de problemas graves em muitos países industrializados revela que um rendimento elevado não é, em si, uma garantia de progresso humano.

A verdade é que o crescimento dos rendimentos e o progresso não estão automaticamente ligados.

25 Esta filosofia do desenvolvimento difere das aproximações tradicionais em relação ao crescimento económico, formação do capital humano, desenvolvimento dos recursos humanos, bem-estar e necessidades essenciais do indivíduo.

30 O desenvolvimento humano baseia-se em possibilidades – o que os indivíduos deveriam ter, ser e fazer para poderem assegurar a sua própria existência. Por outro lado, o desenvolvimento humano preocupa-se não somente com a satisfação das necessidades essenciais, mas também em instaurar um processo dinâmico de participação. Aplica-se tanto a países menos desenvolvidos como aos países mais industrializados.

in Relatório Mundial sobre o Desenvolvimento Humano, PNUD, 1990



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Atenta nos dois primeiros parágrafos do texto.
 - 1.1. Aponta as condições apresentadas para o desenvolvimento humano.
2. Relê agora o 3.º parágrafo.
 - 2.1. Diz quais os dois aspectos fundamentais que, quando não são equilibrados, podem resultar em grande frustração.
3. Tendo em conta o conteúdo do texto, diz o que é para ti o desenvolvimento humano.

CARNAVAL

Tarde de um domingo de Fevereiro. O sol a queimar. A vila como que a arder em chamas. Para um lado e para o outro gente apressada em trajos burlescos. Para baixo e para cima, para cima e para baixo, carrinhas atrás de carrinhas, jipes e mais jipes e não sei que mais de escape livre num buzinar constante – a ensurdecer as pessoas que passam.

- 5 No ar, vozes de mulheres a cantar. Vozes entrecortadas por sons estrepitosos de apitos, sons de bumbos, sons de caixas, sons de cornetas.

Carnaval.

Duas e tal – daqui a nada: danças na rua.

E já estão a vir:

- 10 É o «PARIS», é a «FINEZA», é a «INVICTA».

Caminham de passo lento. As damas de lenço na cabeça, de camisas de homens e varina de dois panos multicores, com uma berrante cinta a lhes passar no cóis, que lhes acaba em rabo nas traseiras.

- 15 Um das espalhafatosas, outras afectadas, outras graves, a cara branca ou rosada de pó-de-arroz, estão vindo todas a remexer num rodar de ancas - à frente: o Rei. Pavoneante. De chapéu alto, uma sobrecasaca a luzir de galões e calças listradas. À sua esquerda, Rei: a Rainha, a brilhar de jóias, emoldurada na brancura de um roçagante véu, com uma coroa com enfeites de estrelinhas feitas de papel de cor da prata a reluzir na cabeça parecendo mesmo uma grinalda de prata.

- 20 Logo atrás umas meninhas, aí entre os cinco e sete anos, também elas vestidas de damas. Trazem na mão a parte roçagante do véu da Rainha – numa imensa alegria e orgulho e pureza de criança. À frente deles todos vai o Pendão erguido – ao lado; e o Conde. Mais à frente: o Gentio de machadinha no ar a saltitar. De volta das damas: os cavalheiros. Também esses de garridas vestes exóticas, a se articularem em pantominas, de apitos na boca a apitarem a apitarem. Atrás das damas, os instrumentos: bumbo, caixas, dicanza, buzina. Mais para trás – a multidão: homens, mulheres e crianças.

Famílias muitas desceram das montanhas para sentirem mais de perto o calor embriagador do Carnaval. A sua poesia cantante. Os homens ainda se desviam a uma e outra loja que recebe pela «porta-de-cavalo». Mas as mulheres estão sempre atrás das danças com que simpatizam. A exultarem de alegria até ao cair da tarde. E ajudam as damas a cantar. Cantam. Fazem coro:

- 35 «Todo o mundo,
Veio assistir!
Todo o mundo,
Veio assistir!
Nosso Rei imperador dessa dança
Vamos largo...».

Manuel Pacavira, *Gentes do Mato*





BIOGRAFIA

Manuel Pedro Pacavira nasceu a 14 de Outubro de 1939, no Golungo Alto (Kwanza Norte), Angola, na Fazenda «Lá Luínha». Foi para a escola aos 8 anos de idade em 1948. Aos 14 anos fez a 4ª classe. Frequentou toda a sua instrução primária numa escola missionária evangélica. Foi preso pelas autoridades coloniais em 8 de Maio de 1960. É deportado juntamente com 36 camaradas para a colónia penal do Bié (Angola). Em Maio de 1962 é transferido para o campo de concentração do Missombo, em Menongue (Angola), província do Kuando Kubango. Depois da independência foi membro do Comité Central do MPLA.
Obras do autor: *Gentes do Mato* (1974).

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Há partes do texto que fornecem informações relativas ao **espaço** onde decorre a acção e as **personagens**.
 - 1.1. Transcreve as palavras que permitem identificar o espaço onde se movem as personagens e a forma como elas se movimentam.
 - 1.2. Identifica as várias personagens que constituem um grupo carnavalesco.
2. Transcreve alguns adjectivos que caracterizem as vestes das damas.
3. Enumera os instrumentos mais utilizados.
 - 3.1. Diz onde e quando apareciam?
4. «Os homens ainda se desviam a uma e outra loja que recebe pela ‘porta-de-cavalo’» (ll. 28-29).
 - 4.1. Explica o sentido desta expressão.
5. «A vila como que a arder em chamas» (l. 1). O autor utilizou aqui uma comparação.
 - 5.1. Identifica no texto outras comparações e transcreve-as.
6. Numa descrição, como é o caso do texto, utilizam-se principalmente os verbos no presente e no pretérito perfeito do indicativo.
 - 6.1. Transcreve alguns verbos do texto nestes tempos.
7. Que sentimentos encontramos caracterizados neste tipo de texto?
8. Aponta algumas características deste texto que nos permitem afirmar que estamos perante um texto descritivo.



ARTES MUSICAIS

Uma das características mais relevantes dos povos da África Negra é a enraizada vocação musical e rítmica que parece corresponder a uma autêntica necessidade existencial. A música integra a vida do africano desde o nascimento, exprimindo-a e acompanhando-a em todos os seus aspectos. Não admira, pois, que em Angola sejam tão numerosos e variados os instrumentos musicais e tão rico e vivo o folclore social.

5 Música e instrumentos musicais, cantos e coreografias associam-se às suas tarefas do quotidiano e às recriações, marcam as etapas da vida e a chegada da morte; participam em práticas e cerimónias rituais de carácter religioso, curativo ou mágico; têm um papel relevantíssimo nas instituições ligadas ao poder político tradicional; são um meio de comunicação à distância; enfurecem na guerra.

10 As crianças, que «aprendem naturalmente a falar e a dançar», cedo praticam jogos musicais de carácter iniciático às tarefas dos adultos. Instrumentos de música, cantos e ritmos apoiam os gestos de trabalho e facilitam as actividades diárias, principalmente as das mulheres.

15 As danças recreativas mais comuns são as rodas de batuque em torno de um grupo musical de tambores e recos-recos. Nos batuques do leste de Angola, onde se exibem bailarinos e músicos profissionais, avulta um tipo de tambor monobloco de madeira, trapeziforme, tchinguvo, percutido com duas baquetas com massas de borracha. Não se pode deixar de referir, ao falar de instrumentos musicais de Angola, o disseminado tambor de fricção, a «infernai puita», as flautas dos povos pastores e os monocórdios.

20 Existem danças privativas dos jovens, das mulheres, dos homens e de ambos os sexos. Nas escolas da puberdade dos ritos de passagem masculinos e femininos, os jovens são submetidos a intensa aprendizagem de danças.

25 Contos e danças fúnebres acompanham o carpir dos mortos e as prolongadas exéquias dos grandes chefes, onde se faziam ouvir instrumentos especiais e privativos.

Os adivinhos-curandeiros utilizam linguagens coreográficas e tambores para desencadear estudos convulsivos de possessão animista, comunicando deste modo com o sobrenatural para o aplacar e dominar. Os feiticeiros e adivinhos-cokwe usam nas suas práticas um pequeno tambor portátil, mbuki, e por vezes um xilofone de duas ou três teclas. Conhecem-se numerosos exemplos de danças propiciatórias ligadas a ritos de caçadores e ritos agrários.

Os principais chefes têm instrumentos de música especiais e exclusivos (tambores, trompas, gongos, xilofones) que simbolizam o poder político do detentor. Fazem-se ouvir nas grandes festas de entronização e nos óbitos reais. Acompanham o soba nas deslocações, ampliando o seu poder a muita distância. Estão invariavelmente presentes na execução da justiça. Em determinadas circunstâncias, os chefes rodeavam-se de verdadeiras charangas, com instrumentos aculturados, que produziam um efeito musical impressionante.

Tambores de madeiras em monobloco, cilíndricos, com fenda longitudinal e percutidos por duas baquetas com massas de resina, eram utilizados pelos povos do norte e do leste de Angola para enviar mensagens.

Entre Lundas e Quicongos existiram tambores de guerra que davam força aos portadores e amedrontavam o adversário. Os sobas cokwe tinham apitos de guerra mágicos, cujo estríduo destroçava a coragem dos inimigos.

Os Cabindas e Cokwe edificaram hangares próprios para guardar os tambores.

Os instrumentos musicais angolanos, apesar de aparentemente rudimentares feitos com materiais simples, revelam uma técnica de construção muito elaborada que se manifesta na escolha e cava das madeiras apropriadas, na dimensionação conveniente das caixas ressonantes, na calculada abertura dos instrumentos de sopro, na hábil construção de mecanismos vibrantes, na escolha, preparação e colocação de peles de rufo e na engenhosa utilização de múltiplos vibradores.

Nas áreas urbanas e suburbanas de Angola desenvolveu-se uma música africana neo-tradicional ou ocidentalizada, de larga aceitação.

Rui de Sousa Martins, in *Angola, Culturas Tradicionais*

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. O texto apresentado aborda a importância que a música tem nos povos de África Negra e, de forma especial, no povo angolano.

1.1. Refere-te, pois, à sua importância, transcrevendo algumas expressões textuais.

2. Identifica as danças mais comuns.

3. Ao longo do texto são feitas referências a diversos instrumentos.

3.1. Enumera-os.

3.2. Transcreve duas passagens textuais em que o narrador descreva alguns desses instrumentos.

OS KIKONGOS ATRAVESSAM O RIO ZAIRE

Quando os kikongos atravessaram o rio Zaire, Ne Kongo e sua família, tendo encontrado uma ótima região para a prática da agricultura, água abundante, caça e pesca, vieram a chamar a esta região Kongo Dya Ntotela.

Ne Kongo (a partícula Ne constitui distintivo de nobreza), depois de se ter instalado, iniciou um movimento de conquistas nas diferentes direcções, sendo sempre bem sucedido. Quando se verificava a conquista de determinada região, Ne Kongo entregava-a a um dos seus parentes que aí ficava a governar. Esses chefes das regiões conquistadas dependiam do Ne Kongo pela sua ascendência, mas não só. Quando alguns deles se rebelavam, eram submetidos pela força das armas. Essa versão da tradição oral confirma curiosamente o longo processo de centralização do poder que os reis do Kongo conduziam contra os feudos, que mantinham em relação a eles uma dependência muitas vezes periclitante. Tradições recolhidas por nós na região do Tomboko pretendem que, paralelamente às guerras de conquista, alguns elementos da família de Ne Kongo, devido a descontentamento e a outros problemas existentes, emigraram do Kongo Dya Ntotela para outras regiões; esta teria sido a situação que esteve na origem da deslocação de um grupo de kikongos para a região que é hoje a Província de Cabinda. Essa mesma tradição diz que o motivo dessa partida foi um crime praticado por um dos elementos da família do Ne Kongo. O mais corrente ouvir-se é que tal foi homicídio, porém, as razões que estiveram na origem surgem muito confusas. Arnaldo Baptista faz crer num conflito entre tio (rei) e sobrinho, o que é um conflito clássico no seio da aristocracia conguesa. Em virtude desse conflito, o sobrinho teria sido expulso pelo rei, seu tio, e emigrado para as partes de Kabinda.

As regiões conquistadas ou para onde alguns chefes emigraram receberam o nome dos Senhores que aí ficaram a governar, precedido da partícula Ne, que é distintivo de nobreza. Esta partícula continua hoje a ser usada como sinónimo de respeitabilidade.

Aceitamos, como os demais estudiosos dessa zona, que as primeiras migrações de kikongos se teriam verificado no século XIII, mas é evidente que todas essas informações necessitam de pesquisa mais aprofundada. No entanto, cremos que há uma conclusão que parece não poder ser refutada: o reino do Kongo só se formou como organização política de uma sociedade de classes em consequência, entre outros factores, da invasão ou migração kikongo e da sua expansão, sob a chefia de uma monarquia bem estabelecida para todo o território que veio a ser aquele reino.

António Fonseca, in *Lavra & Oficina*, nº 17-18

BIOGRAFIA

António Fonseca nasceu no Ambriz (Angola) a 9 de Julho de 1956. Licenciado em Economia pela Universidade Agostinho Neto, Angola, é diplomado em Estudos Superiores Especializados de Políticas Culturais e Acção Artística Internacional. Membro da União de Escritores Angolanos, foi co-fundador da Brigada Jovem de Literatura e da Associação Angolana dos Amigos do Livro. Figura em algumas antologias e possui colaboração dispersa em alguns jornais e revistas luandenses. Obras do autor: *Raízes*, *Sobre os Kikongos de Angola*, *Poemas de Raiz*, *Crónica dum Tempo de Silêncio*.



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. O texto apresentado aborda a importância que a música tem nos povos de África Negra e, de forma especial, no povo angolano.
 - 1.1. Diz onde e quando se desenrolam os acontecimentos.
 - 1.2. Faz uma síntese da acção.
2. Distingue, no texto, passagens que apontem para factos históricos.

AGRICULTURA E DESENVOLVIMENTO

A situação de grande parte dos países da África a Sul do Saara (incluindo Angola), em termos de performance económica, pode ser genericamente caracterizada como sendo de crise.

5 Depois de terem experimentado um assinalável crescimento económico, no período seguinte, ao lado do alcance das independências, os países da África Sub-Saariana têm vindo a registar índices muito baixos, e nalguns casos negativos, de crescimento económico. Esta situação tem-se repercutido na fraca evolução dos seus programas de desenvolvimento.

10 A instabilidade política que resulta em prolongados conflitos militares, a deficiente gestão económica e a desfavorável conjuntura económica internacional, são de entre outros, os factores que mais têm contribuído para o reduzido progresso que estes países têm registado no sentido do seu desenvolvimento.

15 Para uma grande parte destes países, desenvolvimento significa, antes de mais, a erradicação da pobreza e a satisfação das necessidades básicas, sendo uma delas a alimentação. A situação alimentar é crítica e vários são os países que dependem de ajudas externas para reduzir as carências alimentares das suas populações. A este respeito, Buntig (1993) referiu que, de uma forma global, a África Sub-Saariana dispõe do potencial necessário para atingir a auto-suficiência alimentar, desde que nela sejam utilizadas as técnicas agrícolas apropriadas. Todavia, os recursos não se encontram distribuídos

20 equitativamente, e a menos que os Estados «deficitários» e «excedentários» ponham de pé um sistema de cooperação, dezanove países da região estão condenados a uma escassez crónica. De notar que Angola faz parte da Conferência de Coordenação para o Desenvolvimento da África Central (S.A.D.C.C.)

25 Assim, para grande parte destes países, a agricultura não é apenas a principal actividade de desenvolvimento, mas também a base para outras actividades. A sua importância reside no facto de ser a maior fonte de emprego, a fonte de alimento, a fonte de matéria-prima, a fonte de moeda externa e capital para o desenvolvimento de outros sectores de economia, a fonte de mão-de-obra excedentária para a indústria (quando a produtividade é elevada) e o mercado para os produtos manufacturados. Angola insere-se no quadro

30 acima descrito.

Castro Paulinho Camarada, in *Revista Comércio Externo* (extracto)

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. O texto apresentado aborda a situação actual comum aos países da África subsariana.

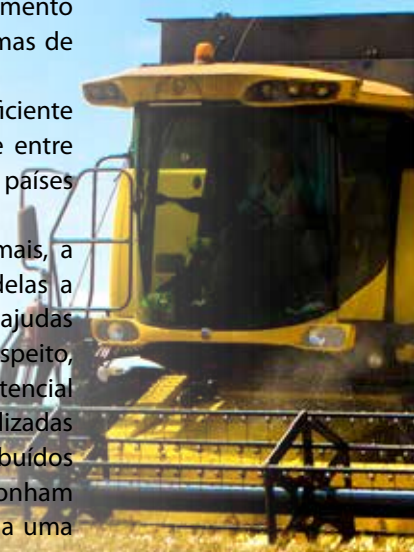
1.1. Diz de que modo o autor caracteriza a situação actual desses países.

1.2. Quais as causas apontadas para a situação presente?

2. Nos 4.º e 5.º parágrafos o autor aponta um caminho para o desenvolvimento.

2.1. Identifica-o.

2.2. Diz que actividade é apontada como sendo a base do desenvolvimento.



A MORNA É NOSSA RELIGIÃO E NOSSA TERAPIA

- No mês de Agosto, decorre numa praia de Cabo Verde um enorme festival ao qual vêm normalmente assistir os vizinhos senegaleses. Este ano triunfou Cesária Évora, a rainha da morna, através da qual as doces crioulas embalam e conquistam o mundo. Pés nus, braços oscilantes, um cigarro na sua mão roliça, Cesária Évora, redonda quinquagenária com um andar pesado com grandes vestidos de floreados, é uma mama-diva de um género muito particular. Ela não se incomoda em sentar-se a meio da cena quando está cansada. Fala sem rodeios e lisonjeia-se de ter uma voz forjada pelo «grog velho» (rum velho). Portanto, as suas rápidas serenatas entre fado, samba e tango, entusiasmaram trinta mil jovens que vieram escutá-la na Baía das Gatas.
- 5 Dois dias de música sobre uma praia onde se coseu grosseiramente tendas de sacos em tela de juta. Nenhuma vegetação neste arquipélago de dez ilhas, próximas do Senegal. Estas terras vulcânicas e pobres não alimentam os seus homens: os dois terços do total de cabo-verdianos vivem no estrangeiro.
- 10 Daí a insondável nostalgia (saudades) que habita nas mornas de Cesária, estas embaladeiras irónicas e apaixonantes para adultos feridos pelo exílio, o amor, a separação. Muito menos afro que o funaná do grupo «Finaçon», as mornas crioulas com violões ornamentados e guitarras emaranhadas estiveram na origem de músicas a escutar como mensagens encomendadas a compositores - escritores públicos.
- 15 No seu último compacto, Cesária cantava «Mar Azul», sublime canção triste do exílio escrita por B. Leza, seu tio paralítico que também escreveu «Miss Perfumado», homenagem à bonita mascote de um clube de futebol; «Bia», que convida a amar-se longe dos olhos do mundo, e «Lua nha testemunha», letra escrita à sua esposa sobre o seu leito de morte.
- 20 Cesária, aliás Cize, vive com a sua mãe cega, seu filho, sua filha e seus netos numa pobre casota encostada a um prédio de Mindelo, capital de S. Vicente, a mais amestiçada, a menos africana das ilhas de Cabo-Verde.
- 25 Apesar dos azares que a vida lhe infringiu, esta filha de uma cozinheira e de um violinista tornou-se numa incorrigível romântica. Ela ainda tem a lágrima no olho quando evoca o seu pai: «tinha sete anos apenas quando ele morreu; se eu pudesse ao menos lembrar-me das canções tristes que ele cantava para mim quando me embalava nos seus joelhos».
- 30 Invariavelmente, a sua noite começa ao pôr-do-sol, diante do porto, na casa "Figuela" onde as velhas amigas contam muitas vezes com ela para se alimentarem, e vêm saudá-la pela janela. Depois, ela vai à Ophélia ou ao Night and Day e acaba a sua noite no Piano Bar. Apesar de ter jurado não cantar mais de graça, ela não pode impedir-se de o fazer com os amigos.
- 35 Felizmente, ela encontrou um produtor de talento na pessoa de José da Silva, agulheiro dos caminhos de ferro na região parisiense, que investe nas músicas cabo-verdianas.
- Apoiado por François Post, ele poderá dentro em breve permitir à «diva de pés nus» converter à morna e à coladera (sua versão acelerada e dançante) as multidões ocidentais actualmente muito interessadas nas músicas apaziguantes. Como diz Paulino, o excelente arranjador de Cesária, «a morna é nossa religião e nossa terapia, ela acalma-nos, permite-nos esquecer as nossas dificuldades: é necessário que a tristeza saia».

In *Calão* (traduzido e adaptado)

SABIAS QUE...

O **retrato** é elaborado quando queremos apresentar alguém a fim de que o ouvinte/leitor conheça e compreenda melhor a importância dessa figura. As diferentes características retratadas, captando e transmitindo o mais significativo, podem relacionar-se com o aspecto físico ou dizer respeito às atitudes e comportamentos, modos de pensar e de sentir.

Quando o retrato é feito pela própria pessoa, estamos perante um **auto-retrato**. É escrito na 1.^a pessoa.

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Entre outras informações, o texto apresenta-nos uma grande senhora da música africana, Cesária Évora.

1.1. Recolhe as informações referentes à “diva de pés nus” e organiza-as no quadro que a seguir se apresenta.

Pormenores físicos	Pormenores psicológicos

Recorda o que aprendeste nesta unidade e escolhe a opção correcta.

1. Descrever consiste em:

- a) apresentar, através de palavras.
- b) fazer um relato de um acontecimento.
- c) imaginar um diálogo entre duas personagens.

2. Para descrever uma paisagem:

- a) é fundamental observar o que nos rodeia.
- b) limito-me a utilizar o sentido da visão.
- c) não é preciso fazer qualquer observação, basta usar a imaginação.

3. Com o sentido da visão:

- a) posso aperceber-me dos cheiros que me rodeiam.
- b) apercebo-me da suavidade, aspereza, dureza, temperatura.
- c) apercebo-me da luminosidade, das cores, tamanhos, formas e movimentos.

4. Os tempos verbais que predominam num texto narrativo são:

- a) o presente e o pretérito imperfeito.
- b) o futuro e o pretérito imperfeito.
- c) o pretérito imperfeito e o futuro.

5. Ao elaborar um retrato:

- a) devo atender apenas aos pormenores físicos.
- b) devo atender apenas aos pormenores psicológicos.
- c) devo atender aos pormenores físicos e psicológicos.

6. Na descrição de um objecto:

- a) apenas devo atender a aspectos físicos do objecto.
- b) devo considerar para além dos aspectos físicos, aspectos funcionais e afectivos.
- c) devo ignorar os aspectos físicos do objecto.

7. A descrição é um modo de apresentação do discurso:

- a) que pode surgir integrado numa narrativa.
- b) que nunca faz parte de uma narrativa.
- c) exclusivo dos textos de imprensa.

RESULTADO

Se acertaste em 0, 1, 2 ou 3 respostas... Precisas de estudar mais!

Se acertaste em 4 ou 5 respostas... Foi bom, mas é necessário rever alguns conteúdos.

Se acertaste em 6 ou 7 respostas... Parabéns, óptimo resultado!

3

O TEXTO POÉTICO

O texto poético apresenta-se geralmente em verso. Este tipo de texto manifesta a sensibilidade de quem escreve e de quem lê poesia. É uma revelação do mundo interior, dos sentimentos, das emoções, dos pensamentos, dos anseios...

O que importa acima de tudo é o ritmo e a emoção que os seus versos transmitem, tornando-o diferente dos outros tipos de texto.

Em termos de distinção com outros tipos de texto:

- ✓ utiliza geralmente o discurso da 1.^a pessoa;
- ✓ serve-se fundamentalmente do tempo presente do verbo;
- ✓ os temas dominantes são: as emoções e os sentimentos do eu;
- ✓ é geralmente repetitivo e estático;
- ✓ utiliza a pluralidade de sentido (a polissemia).

Ao nível da forma, no texto poético há que ter em conta vários elementos: o **verso**, a **estrofe**, a **rima** e o **ritmo**.

O **verso** é a sucessão de sílabas ou fonemas que formam uma unidade rítmica e melódica, correspondente ou não a uma linha do poema; o verso distribui-se regularmente em linhas mais ou menos curtas. O verso tem harmonia, musicalidade (pode ser musicado), ritmo e favorece a memorização.

A **estrofe** é um agrupamento rítmico formado por dois ou mais versos que, em geral, se combinam pela rima. Quanto maior o número de versos, maior a possibilidade de variar a distribuição das rimas.

PRINCIPAIS TIPOS DE ESTROFES	
As estrofes de:	Chamam-se:
2 versos	dísticos
3 versos	tercetos
4 versos	quadras
5 versos	quintilhas
6 versos	sextilhas
7 versos	sétimas
8 versos	oitavas
9 versos	nonas
10 versos	décimas

A **rima** é a repetição de certos sons entre duas ou mais palavras a partir da última vogal tónica. Quanto à sua distribuição há os seguintes **tipos de rima**:

- ✓ **emparelhada** – quando rimam versos seguidos dois a dois;
- ✓ **cruzada** – quando rimam alternadamente: o 1.º com o 3.º verso; o 2.º com o 4.º; o 5.º com o 7.º, etc;
- ✓ **interpolada** – quando dois versos que rimam são separados por dois ou mais que não rimam;
- ✓ **encadeada** – quando a palavra final de um verso rima com o meio do verso seguinte.

Podem ainda ocorrer versos **soltos** ou **brancos**, se não obedecerem a qualquer tipo de rima.

Nesta unidade damos uma atenção especial à poesia. E, como sabes, a poesia é música, é ritmo, é som.

No texto poético atribui-se ainda especial atenção aos recursos expressivos. A este propósito, consulta a página 178.

Escolhe uma das actividades que a seguir te propomos, prepara-a e apresenta o resultado do teu trabalho à turma.

1. Organização de uma sessão em que se recitem poesias de um determinado poeta. A escolha poderá recair sobre um dos poetas apresentados nesta unidade: Manuel Rui, Agostinho Neto, Aires de Almeida Santos, António Jacinto, António Cardoso, etc.

Para a preparação dessa sessão sugerimos os seguintes passos:

- a) Leitura de alguns poemas de cada um dos poetas acima referidos;
- b) Escolha do poeta a «trabalhar»;
- c) Recolha de dados biográficos do poeta para fazer a sua apresentação na sessão;
- d) Selecção dos poemas que vão ser recitados, lidos ou dramatizados.

2. Pesquisa de lendas e/ou fábulas em verso e reconto na aula.

FORMAS DE POESIA

A poesia angolana tradicional, incapaz de se desenvolver num ambiente onde não encontra os meios para isso, acha-se unicamente estacionária na alma do povo. Aí têm ido e irão os poetas buscá-la para a desenvolver.

5 Devo dizer-lhes que a nossa poesia tradicional não pode nem deve ser entendida no sentido da poesia europeia, ainda que eu pense que ambas as formas se venham a aproximar no futuro.

A nossa poesia tradicional «não vive por si, mas apenas quando as palavras são essenciais à música, e a música e as palavras à dança». É uma poesia ligada à dança e à música, à morte e à vida.

10 A poesia serve para cantar o nascimento de um filho ou a morte de um ser querido; serve para troçar e para louvar, para demonstrar amor e ódio.

Existe sob a forma de provérbios, adivinhas, letras de músicas, fábulas, etc.

É a fonte, a inspiração de todos os que a entendem como uma manifestação de cultura, portanto enraizada nas tradições de um povo.

Agostinho Neto, *Sobre a Poesia Angolana*

BIOGRAFIA

Agostinho Neto (António Agostinho Neto) nasceu em Catete, Município de Icolo-e-Bengo, Província do Bengo (Angola), a 17 de Setembro de 1922. Fez os estudos primários e secundários em Angola. Licenciado em Medicina pela Universidade de Lisboa, embora tivesse também frequentado a Faculdade de Coimbra. Quer em Coimbra quer em Lisboa, esteve sempre ligado à actividade política onde, com Lúcio Lara e Orlando de Albuquerque, fundou a revista *Momento* em 1950. Foi preso mais do que uma vez e desterrado para Cabo Verde. Foi Presidente do M.P.L.A e primeiro Presidente da República (Popular) de Angola (11.11.1975). Morreu em Moscovo, ex-União Soviética, de doença (10.08.1979).

Obras do autor: *Quatro Poemas de Agostinho Neto*, *Renúncia Impossível*, *Sagrada Esperança* (esta encontra-se traduzida em muitas línguas europeias e asiáticas).





BIOGRAFIA

Geraldo Bessa Victor nasceu em Luanda a 20 de Janeiro de 1917. Concluído o liceu em Luanda, foi empregado bancário. Foi para Lisboa e licenciou-se em Direito e, nesta cidade, exerceu a profissão de advogado. Tem colaborado em vários jornais e revistas.

Obras do autor: *A Poesia e a Política*, *Ecos Dispersos*, *Debaixo do Céu*, *Minha Terra e Minha Dama*, *Mucanda*.

A voz dos meus avós
disse-me: vive e canta!
E eu vivi e cantei
com tanta fé e esperança tanta
que poeta me tornei.

Geraldo Bessa Victor, *Mucanda*

A AGRICULTURA

O camponês enche a mão
com sementes de comida,
cava com enxadas no chão,
põe na terra nova vida.

- 5 Quando o verde rebentar
digo ao vento, meu amigo,
para correr devagar,
sem pôr as lavras em perigo.

- 10 Minha chuva camarada,
minha chuva nossa amiga
não faças de uma enxurrada
fome de pôr na barriga.

- 15 Cai só o que é necessário
para eu poder cantar
a comida do operário
que o camponês tem para dar

- 20 Um dia também vou ser
um camponês de verdade,
ainda me hão-de ver
preferir o campo à cidade.

Manuel Rui, *Agricultura*



BIOGRAFIA

Manuel Rui nasceu no Huambo (antiga Nova Lisboa), Angola, a 4 de Novembro de 1941. Fez os estudos primários e liceais em Huambo, Angola. É licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra (Portugal). Foi membro do corpo redactorial da revista *Vértice*, Coimbra (enquanto estudava em Portugal). É membro da União dos Escritores Angolanos. Foi galardoado com o Prémio Nacional Agostinho Neto, atribuído a *Quem Me Dera Ser Onda*. Vive em Luanda.

Obras publicadas: *Poesia sem Notícia* (1966), *Regresso Adiado* (1973), *11 Poemas em Novembro* (1976), *Memórias do Mar* (1980), *Quem Me Dera Ser Onda* (1982).

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Identifica o tema do poema.
2. Explica o sentido das duas últimas estrofes da 1.ª quadra.
3. Na 2.ª quadra o sujeito poético receia algo. O que é?
4. Assinala outros receios do sujeito poético, noutras quadras.
 - 4.1. Justifica-os.
5. Diz que tipos de rimas encontramos neste poema.
 - 5.1. Identifica-os e justifica.
6. A quem cabe a tarefa de pôr comida na terra?
 - 6.1. Com a ajuda de que elementos?
7. Este poema é de Manuel Rui.
 - 7.1. Que outras obras conheces deste autor?
8. Assinala as formas verbais da 1.ª quadra.
 - 8.1. Em que tempo e modo se encontram?
9. Façam uma leitura dialogada do poema. Comecem por identificar o número necessário de leitores.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Classifica morfologicamente as palavras:
 - ✓ sementes
 - ✓ novas
 - ✓ façãs
 - ✓ tem
 - ✓ enxurrada
2. Que função sintáctica desempenham as expressões sublinhadas nas orações:
 - ✓ «O camponês enche a mão com sementes de comida» (ll. 1-2).
 - ✓ «Quando o verde rebentar, digo ao vento, meu amigo» (ll. 5-6).

Consulta o Bloco Gramatical no fim do teu livro!

É PRECISO PLANTAR

- É preciso plantar
mamã
é preciso plantar
- 5 é preciso plantar
nas estrelas
e sobre o mar
- nos teus pés nus
e pelos caminhos
- é preciso plantar
- 10 nas esperanças proibidas
e sobre as nossas mãos abertas
- na noite presente
e no futuro a criar
- 15 por toda a parte
mamã
- é preciso plantar
- 20 a razão
dos corpos destruídos
e da terra ensanguentada
da voz que agoniza
e do coro de braços que se erguem
- por toda a parte
por toda a parte
por toda a parte mamã
25 por toda a parte
- é preciso plantar
a certeza
do amanhã feliz
nas carícias do teu coração
30 onde os olhos de cada menino
renovam a esperança
- sim mamã
é preciso
é preciso plantar
- 35 pelos caminhos da liberdade
a nova árvore
da Independência Nacional.

Marcelino dos Santos



BIOGRAFIA

Marcelino dos Santos nasceu em Lumbo, Moçambique, em 1929. Concluiu o Curso Industrial na Cidade de Lourenço Marques (actual Maputo), Moçambique. Estudou Engenharia no Instituto Industrial de Lisboa, na Universidade de Grenoble e Ciências Políticas na Sorbonne. Foi membro fundador da Frelimo, de que foi Vice-Presidente. Tem obras publicadas em russo e ainda escreveu em português *Canto de Amor Natural* (1987).

TEMPO DE ESCRITA

"...é preciso plantar / a certeza / da manhã feliz..."

Elabora um texto em que abordes as tuas esperanças para o amanhã, de modo a seres feliz.

CONSTRUIR

Este País tem que ser feito em força.

- Com a força de todos puxando na corda do Pepetela.

Este País tem de ser feito

5 e quanto à força

- vamos puxar por ela.

Puxar,

do mesmo lado e todos juntos.

E na outra ponta da corda,

10 apenas o peso de chumbo dos séculos malditos.

Puxar

- de nervos retesados.

Suar

- suor pingando na terra madura.

15 Lavar

- os campos incultos da secura.

Com a força dos homens no ventre da terra,

com a força da terra a florir na semente,

com a força dos homens na força da máquina

20 e os homens cantando a puxar pela força,

a puxar pela força na ponta da corda

e a corda a ceder para o lado dos homens,

seguros da força a cantar a vitória.

- Este País vai ser feito

25 na força dos homens.

João Pedro, in *Poemas Cacimbados*



MINI TEXTO

- Um galo achou num terreiro
 Uma pérola, e ligeiro
 Corre a um lapidário e diz
 «Isto é bom, é de valia»
- 5 De milho um grão todavia
 Era um machado mais feliz».

- Um néscio ficou herdeiro
 de um manuscrito, e a um livreiro
 Vai à pressa e fala assim:
- 10 «É bom, é livro acabado,
 Concordo, mas um ducado
 Valia mais para mim!»

(Adaptado)



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. O que significa «ligeiro»?
2. Dá um sinónimo de «terreiro».
3. O que entendes pela expressão «é de valia»?
4. Por que é que o galo preferiu um grão de milho à pérola?
5. O que será um «néscio»?
6. O que é um «manuscrito»?
7. Qual é a ocupação de um livreiro?
8. Em que é que o galo e o néscio das histórias se parecem?

SÍLABAS (revisão)

Quando dizes a palavra machado, pronuncias ma - cha - do. Cada grupo de letras que dizes de uma só vez é uma sílaba. Assim, a palavra machado tem três sílabas: ma - cha - do.

- A palavra pá tem uma só sílaba - é um monossílabo.
- A palavra pato tem duas sílabas - pa - to - é um dissílabo.
- A palavra machado tem três sílabas - ma - cha - do - é um polissílabo.
- A palavra elefante tem muitas sílabas - e - le - fan - te - é um polissílabo.
- A palavra **polissílabo** quer dizer: muitas sílabas.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Separa as sílabas das seguintes palavras:

- | | |
|-------------------|-------------------|
| ✓ ralha _____ | ✓ capote _____ |
| ✓ sol _____ | ✓ doido _____ |
| ✓ gramática _____ | ✓ exercício _____ |
| ✓ dedo _____ | ✓ escola _____ |
| ✓ hospital _____ | ✓ mar _____ |

2. Escreve no quadro respectivo as palavras: café, mãe, Malanje, dedo, República, Portugal, lápis, armazém, pé.

MONOSSÍLABOS (palavras com 1 sílaba)	POLISSÍLABOS (palavras com 2 ou mais sílabas)	
	Dissílabos	Polissílabos

SÍLABA TÓNICA (revisão)

A palavra sapato tem três sílabas: sa - pa - to.

- A sílaba to diz-se **última sílaba**.
- A sílaba pa diz-se **penúltima sílaba**.
- A sílaba sa diz-se **antepenúltima sílaba**.

Nesta palavra, a sílaba pa lê-se com força, com maior intensidade de voz: diz-se **sílaba tónica**.

As sílabas sa e to, que se lêem com pouca intensidade, dizem-se **sílabas átonas**.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Faz a divisão silábica das seguintes palavras:

- | | |
|-----------------|------------------|
| ✓ cândido _____ | ✓ banhista _____ |
| ✓ ramo _____ | ✓ fato _____ |

2. Classifica, quanto ao número de sílabas, as seguintes palavras:

- | | |
|-----------------|----------------------|
| ✓ pai _____ | ✓ santo _____ |
| ✓ cabinda _____ | ✓ ansiosamente _____ |
| ✓ honrado _____ | ✓ rua _____ |

3. Escreve no espaço à frente da palavra, as sílabas tónicas das seguintes palavras:

- | | |
|------------------|-----------------|
| ✓ Santarém _____ | ✓ carro _____ |
| ✓ árvore _____ | ✓ perna _____ |
| ✓ sisal _____ | ✓ coração _____ |

4. Escreve nos espaços à frente das palavras se, a sílaba sublinhada é tónica ou átona:

- | | |
|-----------------|----------------|
| ✓ rapaz _____ | ✓ capote _____ |
| ✓ padeiro _____ | ✓ árvore _____ |

5. Classifica morfologicamente as seguintes palavras:

- | | |
|----------------|--------------|
| ✓ pérola _____ | ✓ bom _____ |
| ✓ valia _____ | ✓ Isto _____ |

PALAVRAS COM O MESMO SOM

Tu não **podes** com **tudo**.

Tu não **apareceste**, contudo **prometeste vir**.

- Escreve **com tudo**, quando quiseres dizer com todas as coisas.
- Escreve **contudo**, quando significa todavia, porém, no entanto...

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Separa as orações e escreve o sujeito e o predicado de cada uma:

- ✓ Um automóvel não anda se não tiver gasolina.
Sujeito: _____ Predicado: _____
- ✓ Não te digo mais nada porque não vale a pena.
Sujeito: _____ Predicado: _____
- ✓ Só vou à praia quando há sol.
Sujeito: _____ Predicado: _____
- ✓ Embora não venhas à hora marcada, não deixes de aparecer.
Sujeito: _____ Predicado: _____
- ✓ Ele chorou tanto que os olhos incharam.
Sujeito: _____ Predicado: _____

MEU AMOR DA RUA ONZE

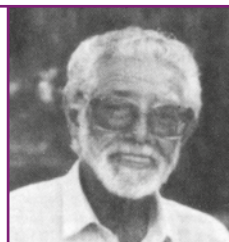
- Tantas juras nos trocámos,
Tantas promessas fizemos,
Tantos beijos nos roubámos,
Tantos abraços nós demos.
- 5 Meu amor da Rua Onze,
Meu amor da Rua Onze,
Já não quero
Mais mentir.
- Meu amor da Rua Onze,
10 Meu amor da Rua Onze,
Já não quero
Mais fingir.
- Era tão grande e tão belo
Nosso romance de amor
15 Que ainda sinto o calor
das juras que nos trocámos.
- Era tão bela, tão doce
Nossa maneira de amar
Que ainda pairam no ar
20 As promessas que fizemos.
- Nossa maneira de amar
Era tão doida, tão louca
Qu'inda me queimam a boca
Os beijos que nos roubámos.
- 25 Tanta loucura e doidice
Tinha o nosso amor desfeito
Que ainda sinto no peito
Os abraços que nos demos.
- E agora
30 Tudo acabou.
Terminou
Nosso romance.
- Quando te vejo passar
Com o teu andar
35 Senhoril,
Sinto nascer
E crescer.
Uma saudade infinita
Do teu corpo gentil
- 40 De escultura
Cor de Bronze
Meu amor da Rua Onze.

Aires de Almeida Santos



BIOGRAFIA

Aires de Almeida Santos nasceu na Vila do Chinguar, Bié, Angola, a 13 de Fevereiro de 1922. Fez os estudos primários em Benguela e os liceais em Nova Lisboa (hoje Huambo) e Sá da Bandeira (hoje Lubango), Angola. Profissional de contabilidade no Grémio de Pesca de Benguela durante 20 anos. Preso por actividades ligadas ao MPLA, fixou-se em Luanda em 1961. Em 1970 ingressou no jornalismo. Colaborou em vários jornais de Angola. Não tem livros publicados.



COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Se leres este poema com atenção, facilmente compreenderás a sua mensagem.

1.1. A quem dedica o sujeito poético esta composição?

- 1.2. Em tua opinião, porque utilizará várias repetições?
2. Que adjectivos utiliza o sujeito para qualificar o seu romance de amor?
 - 2.1. Descobre outros adjectivos no texto e classifica-os.
3. «Nossa maneira de amar / era tão doida, tão louca» (ll. 18-22).
 - 3.1. Porquê?
4. Na primeira estrofe, o autor enumera os elementos que fazem parte do seu amor.
 - 4.1. Identifica-os.
5. Após uma observação atenta da forma do poema, completa as frases seguintes:
 O poema está organizado em dez _____ constituídas por _____ versos cada uma até à nona. A décima tem _____ versos.
 Em algumas estrofes os versos apresentam rimas _____ e noutras as rimas são _____.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. «Ainda sinto o calor das juras que fizemos...»; «O meu cinto não te serve...»
 - 1.1. Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas nas frases.
2. «Tantos..». «Tantas...».
 - 2.1. Classifica morfologicamente essas palavras.
3. «loucura» «doidice» «desfeito»
 - 3.1. Classifica estas palavras quanto ao processo de formação.
4. No texto predominam dois pronomes possessivos.
 - 4.1. Quais são eles?

TEMPO DE ESCRITA

“Meu Amor da Rua Onze”

Esta poderia ser a fórmula de tratamento do destinatário de uma carta de amor. Escreve essa carta, utilizando esta expressão (consulta a página 88).

O GRANDE DESAFIO

Naquele tempo

a gente punha despreocupadamente os livros no chão
ali mesmo naquele largo - areal batido dos caminhos passados,
os mesmos trilhos de escravidões

5 onde hoje passa a avenida luminosa grande

e com uma bola de meia
bem forrada de rede

bem dura de borracha roubada às borracheiras do Neves
em alegria folguedo, entremeando caçambulas

10 ... a gente fazia um desafio...

O Antoninho,

filho desse senhor Moreira da taberna,
era o capitão

15 e nos chamava de «ó pá»,

Agora virou doutor
(cajinjeiro como nos tempos antigos)

passa, passa que nem cumprimenta
– doutor não conhece amigo da escola.

O Zeca guarda-redes

20 (pópilas, era cada mergulho!

Aí rapage – gritava em delírio a garotada)

Hoje joga num clube da Baixa.

Já foi a Moçambique e no Congo

Dizem que ele vai ir em Lisboa.

25 Já não vem ao Musseque.

Esqueceu mesmo a tia Chiminha, que o criou de pequenino,
nunca mais voltou nos bailes de Don'Ana, nunca mais.

Vai no Sportingue, no Restauração,

outras vezes no Choupal,

30 que tem quitatas brancas.

É verdade, e o Zé?

Que é feito, que é feito?

Aquele rapaz tinha cada finta!

Hum... deixa só!

35 Quando ele pegava com a bola ninguém o agarrava
vertiginosamente até na baliza.

Era bom naquele tempo

era boa a vida a fugir da escola a trepar aos cajueiros,

a roubar os doceiros e as quintandeiras

40 às caçambulas:

Atresa! Ninguém! Ninguém!
 tinha sabor emocionante de aventura
 as fugas aos polícias
 às velhas dos quintais que pulávamos

- 45 Vamos fazer escolha, vamos fazer escolha
 ... e a gente fazia um desafio...
 Oh, como eu gostava!
 Eu gostava qualquer dia
 de voltar a fazer medição com o Zeca,
 50 o guarda-redes da Baixa que não conhece – mais a gente.
 Escolhia o Velhinho, o Mascote, o Kamauindo, o Zé,
 e íamos fazer um desafio como antigamente.
 Ah, como eu gostava...

- Mas talvez um dia,
 55 quando as bunganvílias alegremente florirem,
 quando as bimbos entoarem hinos de madrugada nos capinzais,
 quando a sombra das mulembeiras for maior,
 quando todos os que isoladamente padecemos
 nos encontrarmos iguais como antigamente,
 60 talvez a gente ponha
 as dores, as humilhações, os medos
 desesperadamente no chão,
 no largo – areal batido de caminhos passados,
 os mesmos trilhos de escravidões
 65 onde passa a avenida que o sol ardente alcatroámos
 e unidos nas ânsias, nas aventuras, nas esperanças
 vamos então fazer um grande desafio...

António Jacinto, *Poemas*



BIOGRAFIA

António Jacinto nasceu em Luanda a 28 de Setembro de 1924. Fez os estudos primários e liceais em Luanda. Empregado de escritório, técnico contabilista. Foi militante do MPLA, esteve preso em Luanda e no campo de concentração do Tarrafal (Cabo Verde) de 1960 a 1972. Depois de libertado residiu em Lisboa. Após a independência nacional foi Secretário de Estado da Cultura e membro do Comité Central do MPLA.

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Este poema narra uma história, contendo vários dos elementos de uma narrativa.

1.1. Identifica alguns desses elementos:

- ✓ narrador
- ✓ personagens
- ✓ localização no tempo
- ✓ localização no espaço

2. Por que razão «a gente punha despreocupadamente os livros no chão...» (l. 2)?

3. Como e de que era feita a bola?

4. O que recorda esta história?

5. Após uma breve pesquisa, escreve algumas palavras sobre o autor.

6. Organiza com os teus colegas uma leitura dialogada e bastante expressiva do poema, procedendo do seguinte modo:

- a) Dividam o texto em partes;
- b) Escolham um grupo de leitores;
- c) Cada leitor prepara rapidamente a leitura da parte que lhe cabe; algumas partes podem ser lidas em coro por dois alunos;
- d) No final, os restantes alunos avaliarão a leitura dos colegas.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Indica o sinónimo de:

- ✓ areal
- ✓ folguedo
- ✓ taberna

2. «... gritava em delírio a garotada...» (l. 21).

2.1. Classifica a palavra garotada quanto ao processo de formação.

2.2. Com a ajuda de um prefixo, forma o antónimo de «gosto».

3. Há prefixos que indicam oposição ou privação e se antepõem a algumas palavras para formar os seus antónimos:

prefixo	palavra	antónimo
a-	normal	anormal
i-	legal	ilegal
dis-	semelhante	dissemelhante
des-	ordem	desordem
anti-	higiénico	anti-higiénico
in-	capaz	incapaz

3.1. Forma os antónimos destas palavras antepondo prefixos:

- | | |
|---------------|--------------|
| ✓ natural | ✓ vertebrado |
| ✓ salubre | ✓ poluir |
| ✓ democrático | ✓ feliz |
| ✓ respirável | ✓ enraizar |
| ✓ contente | |

SABIAS QUE...

– Há palavras que se podem «partir em duas»:

- unicamente – única / mente
- marmoto – mar/moto
- corneta – cor/neta
- rimar – ri/mar
- ardente – ar/dente
- plantador – planta/dor
- luzir – luz/ir

– Há palavras que, lidas do fim para o princípio, originam palavras diferentes:

- animal / lâmina
- Roma / amor
- olha / alho
- sina / anis
- amar / rama
- ave / Eva
- lava / aval
- amora / aroma

TEMPO DE ESCRITA

Experimenta contar em verso e na primeira pessoa, um episódio que tenhas vivido.

É INÚTIL CHORAR

É inútil mesmo chorar

«Se choramos aceitamos, é preciso não aceitar»
por todos os que tombam pela verdade
ou que julgam tombar.

- 5 O importante neles é já sentir a vontade
de lutar por ela por isso é inútil chorar

Ao menos se as lágrimas
dessem pão,
já não haveria fome.

- 10 Ao menos se o desespero vazio
das nossas vidas
desses campos de trigo...

Mas o que importa é não chorar

«Se choramos aceitamos, é preciso não aceitar».

- 15 Mesmo quando já não se sinta calor
é bom pensar que há fogueiras
e que a dor também ilumina.

Que cada um de nós
lance a lenha que tiver,

- 20 mas que não chore
embora tenha frio
«Se choramos aceitamos, é preciso não aceitar».

António Cardoso

BIOGRAFIA

António Cardoso (António Mendes Cardoso) nasceu em Luanda a 8 de Abril de 1933. Fez os seus estudos primários e secundários em Luanda. Foi empregado de escritório do Banco Nacional de Angola. Durante a era colonial esteve preso vários anos nas cadeias de Luanda e no campo de concentração do Tarrafal, Cabo Verde. Depois da independência nacional, desempenhou funções superiores na Rádio Nacional de Angola, na Secretaria de Estado da Cultura e foi Secretário da União de Escritores Angolanos.

Obras do autor: *Economia Política Poética* (1981), *Chão de Exílio* (1980), *Lições das Coisas* (1980), *Nunca é Velha a Esperança* (1980).



A CULTURA NO MEU PAÍS

Quando voltei
as casuarinas tinham desaparecido da cidade

E também tu,
Amigo Liceu,

- 5 voz consoladora dos ritmos quentes da farra
nas noites dos sábados infalíveis.

Também tu,
harmonia sagrada e ancestral,
ressuscitada nos aromas sagrados do Ngola Ritmos,

- 10 Também tu tinhas desaparecido
e contigo
os Intelectuais,
a Liga,
o Farolim,

- 15 as reuniões da Ingombota,
a consciência dos que traíram sem amor.

Cheguei no momento preciso do cataclismo matinal,
em que o embrião rompe a terra humedecida pela chuva,
erguendo planta resplandecente de cor e juventude,

- 20 Cheguei para ver a ressurreição da semente,
a sinfonia dinâmica do crescimento da alegria nos homens.

E o sangue e o sofrimento
eram uma corrente tormentosa que dividia a cidade.

- Quando eu voltei,
25 o dia estava escondido
e chegava a hora.

Agostinho Neto, *in Sagrada Esperança* (fragmento)

UM AMIGO

Ter um amigo é maravilhoso
Ser amigo de alguém ainda é melhor.
É como acordar e sentir o sol a brilhar.

Mas um amigo é muito mais do que isso!

- 5 É alguém que pensa em ti quando não estás aqui.
Alguém que bate com os dedos na madeira quando tu tens de fazer coisas difíceis.

Nunca se está realmente só quando se tem um amigo.
Um amigo ouve o que tu dizes

- 10 e tenta compreender o que não sabes dizer.

Mas um amigo não está sempre de acordo contigo.
Um amigo contradiz-te e te obriga a pensar honestamente.
Um amigo gosta de ti, mesmo que faças asneiras.
Um amigo ensina-te a gostar de coisas novas.

- 15 Não terias imaginado essas coisas se estivesses sozinho.
Amigo é uma palavra bonita,
é quase a melhor palavra!
Um amigo é alguém
que tem sempre tempo para ti quando apareces.

- 20 Toda a gente pode ter um amigo
Mas não vivas tão apressado
que nem vejas que há alguém
que quer ser teu amigo.

Um amigo é alguém que é para ti uma festa

- 25 Alguém que pensa em ti e te ouve
e te ajuda a saber o que tu és
Alguém que ajuda a descobrir as coisas.
Alguém que está contigo e não tem pressa.
Alguém em que tu podes acreditar!

- 30 Quem é o teu amigo?

in P'ra Frente

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Ao longo do texto, o sujeito poético tenta esclarecer uma determinada ideia.

1.1. Identifica-a.

1.1.1. Transcreve do texto três passagens que a ilustrem.

2. Retira do poema a definição que te parece mais sugestiva. Justifica a tua escolha.

TEMPO DE ESCRITA

«Quem é o teu amigo?»

Tenta responder à questão colocada no último verso do poema, elaborando um texto em que dês a conhecer o teu melhor amigo.



A MEUS IRMÃOS

Batam-me à porta
 os que andam lá fora ao frio,
 batam
 os que tiverem frio ou sede;
 5 os que sintam saudades de um carinho;
 os desprezados;
 os que há muito não vêem uma flor
 e encontram só poeira no caminho;
 os que não amam já nem já os ama
 10 ninguém;
 os esquecidos de como se sorri;
 os que não têm Mãe...
 Batam-me à porta os Desgraçados,
 os que têm os dedos calejados
 15 dos dedos ásperos da Miséria,
 os que travam desordens nas tavernas
 e brincam às fachadas,
 os que não têm abrigo nem Amigo,
 os que o Destino escarrou,
 20 os que não foram crianças,
 os que nasceram num bordel
 e por quem passam todos sem olhar.

batei à minha porta, Irmãos,
 entrai,
 25 que eu tenho Amor pra vos dar...
 E se eu também bater
 (que eu também choro
 muitas vezes, lá por fora;
 também amargo tristezas;
 30 que eu também sou Desgraçado)...
 Pois se eu bater,
 vinde logo depressa abrir-me a porta;
 aquecei-me no meu lume;
 dai-me do pão que eu parti
 35 e do Amor que vos dei...
 Deixai-me estar entre vós
 como se fosse um de vós,
 que eu também sou Desgraçado...
 Ah! se eu bater
 40 (mas é preciso que eu possa
 ter força ainda nas mãos),
 por Deus abri a porta, meus irmãos,
 como se a casa fora vossa!...

Sebastião da Gama, in *Serra Mãe*
 (adaptado)



EM TORNO DA MINHA BAÍA

- Aqui, na areia,
 sentada à beira do cais da minha baía
 do cais simbólico, dos fardos,
 das malas e da chuva
- 5 caindo em torrente
 sobre o cais desmantelado,
 caindo em ruínas
 eu queria ver à volta de mim,
 nesta hora morna do entardecer
- 10 no mormaço tropical
 desta terra de África
 à beira do cais a desfazer-se em ruínas,
 abrigadas por um toldo movediço
 uma legião de cabecinhas pequenas,
- 15 à roda de mim,
 num voo magistral em torno do mundo
 desenhando na areia
 a senda de todos os destinos
 pintando na grande tela da vida
- 20 uma história bela
 para os homens de todas as terras
 ciciando em coro, canções melodiosas
 numa toada universal
 num cortejo gigante de humana poesia
- 25 na mais bela de todas as lições.
 HUMANIDADE.

Alda do Espírito Santo



BIOGRAFIA

Alda do Espírito Santo nasceu na Ilha de São Tomé a 30 de Abril de 1926. Fez os estudos primários em São Tomé e os secundários em Lisboa. Professora primária em São Tomé no tempo colonial. Colaborou na imprensa de São Tomé, na revista Mensagem. Foi Presidente da Assembleia Nacional Popular de São Tomé e Príncipe.

Obras da autora: *É Nosso o Solo Sagrado da Terra* (1978).

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. O sujeito poético recorda a sua baía.

1.1. Na tua opinião, o que quererá ele dizer com a palavra «baía».

2. Em que parte de África se localiza a baía do sujeito poético?
3. Que adjectivo utiliza o sujeito poético para descrever a sua baía?
4. Explica o significado das seguintes expressões do texto:
 - ✓ «... caindo em ruínas...» (l. 6).
 - ✓ «... a senda de todos os destinos...» (l. 27).
 - ✓ «... pintando na grande tela da vida...» (l. 19).
 - ✓ «... numa toada universal...» (l. 23).
5. Repara no final do poema.
 - 5.1. Tenta explicar por palavras tuas o sentido do último verso, apresentado como chave do poema.
 - 5.2. Porque considera essa «a mais bela de todas as lições» (l. 25)?
6. Alda do Espírito Santo é a autora deste poema. Solicita ao teu professor toda a informação sobre ela e elabora a sua biografia (consulta a página 99).

ESTA LÁGRIMA

Esta lágrima é grossa
e não escolhe onde cair.

- Caiu no mar
e o mar ficou sem remo
- 5 do mar até à praia
os pés sem terra,
um silêncio de areia
a onda de perguntas
a demandar o caminho das estrelas.
- 10 Esta lágrima é grossa
e não escolhe onde cair
- E cai ainda mais
de ver cair dos olhos dos meninos
choro sem fim no lenço que era teu
- 15 o lenço do futuro
- (alguém roubou o sol a este fruto
antes de ser maduro).

POESIA ÉPICA

- Vós, Kwanhamas, sois estúpidos!
Abandonastes cobardemente o chefe,
Ele, filho único de sua mãe,
O cavalheiro incomparável,
5 Com a sua bela arma mauser!
Não censurarei a Mandume,
Por muito pouco que seja.
- A ele, filho único de sua mãe,
O cavalheiro incomparável,
10 Com a sua bela arma mauser!
O soba a quem se estendiam tapetes de couro,
O andrajoso irmão de Melulo,
E da princesa Ndilokelwa.

Literatura Angolana, Região do Kwanhama/Kunene (Angola)

CONTRATADOS

- Longa fila de carregadores
domina a estrada
com passos rápidos
- Sobre o dorso
5 levam pesadas cargas
- Vão
olhares longínquos
corações medrosos
braços fortes
10 sorrisos profundos como águas profundas
- Largos meses os separam dos seus
e vão cheios de saudades
e de receio
mas cantam
15 Fatigados
- esgotados de trabalhos
mas cantam
- Cheios de injustiças
caladas no imo das suas almas
20 e cantam
- Com gritos de protesto
mergulhados nas lágrimas do coração
e cantam
- Lá vão
25 perdem-se na distância
na distância se perdem os seus cantos tristes
- Ah!
eles cantam...

Agostinho Neto

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Analisa a estrutura externa deste poema: número e tipo de estrofes e rima.
2. Agrupa as estrofes em três conjuntos de acordo com o seu conteúdo.
3. Resume o conteúdo da segunda e da terceira estrofe do poema.
4. Atenta na última estrofe.

4.1. Justifica o suspiro do sujeito poético.

4.2. Explica o sentido do penúltimo verso do poema, relacionando-o com as duas primeiras estrofes do poema.

5. As injustiças a que o poeta se refere são o fulcro do poema.

5.1. Comenta o seguinte verso: «Cheios de injustiças caladas no imo das suas almas...» (ll. 18-19).

6. Explica a repetição da forma verbal “cantam” ao longo do poema.

7. Explicita o sentido das seguintes expressões:

- ✓ «domina a estrada» (l. 2).
- ✓ «largos meses» (l. 11).
- ✓ «caladas no imo das suas almas» (l. 19).
- ✓ «mergulhados nas lágrimas» (l. 22).

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Muda as formas verbais das três primeiras estrofes para o pretérito perfeito composto do indicativo e indicativo presente, na 1.ª pessoa do plural.

1.1. Passa para o discurso indirecto a quarta estrofe.

1.2. Passa para o singular, a 4.ª estrofe do poema, mas no futuro.

TEMPO DE ESCRITA

Escolhe um dos temas propostos e redige um pequeno texto livre (10 linhas):

- ✓ Início do ano lectivo
- ✓ O amor
- ✓ Luanda

É PRECISO INVENTAR A POESIA DE ANGOLA!

Fecho meus olhos e sonho,
abrindo de par em par o coração,
e vejo a projecção dum filme colorido
com tintas de fantasia

5 e cenas de magia:

As imagens são paisagens, gentes feras.
E sucedem-se lenta, lenta, lentamente...
Assisto maravilhado
ao despenhar gemente
10 das quedas d'água de Calandula...

Vejo crescer florestas colossais
no Maiombe, onde o verde é símbolo
de tanta esperança...

15 Amboim fecundo, amboim cafezeiro,
de alcantis envoltos sempre em nevoeiro denso,
como um fumo cheiroso,
do seu café gostoso,
tão famoso no mundo...

20 O Deserto de Namibe espreguiça-se
num bocejo mole,
estendendo tentáculos de areia
como polvo gigante
– visão alucinante,
miragem

25 no escrínio esquisito
que guarda avaramente
a jóia mais horrivelmente linda
e única no mundo
– a *Welwitschia Mirabilis*,
30 que em si encerra mistério tão profundo...

Maurício Gomes, in *Antologia de Poesia Angolana*



BIOGRAFIA

Maurício Gomes nasceu em Luanda a 14 de Março de 1920. Funcionário superior das Alfândegas de Angola. Reside em Luanda. O seu poema *Estrela Pequeninina*, publicado pela primeira vez na revista *Angola*, da Liga Nacional Africana, foi várias vezes publicado noutros jornais. Abandonou a poesia, mas é considerado um dos pioneiros da poesia moderna angolana.

Sem livros publicados.

A PROMESSA

- 1 Este malvado insecto não poderá nunca construir o seu ninho na parede da nossa casa. Matá-lo-emos, e/ou partir-lhe-ão as duas asas
- 5 se assim o tentar. Prometo!

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Identifica os seis verbos presentes no texto, indicando:

- ✓ a conjugação a que pertencem: 1.ª, 2.ª ou 3.ª;
- ✓ os verbos regulares e os irregulares;
- ✓ o modo e o tempo em que se encontram.

2. Reescreve o texto em referência colocando os verbos nos tempos compostos.

3. Identifica, no texto, um exemplo de conjugação pronominal.

4. Escreve no presente do indicativo as formas verbais: matá-lo-emos e partir-lhe-ão. (ll. 3-4)

5. Indica a função sintáctica dos pronomes que acompanham as formas verbais: matá-lo-emos e partir-lhe-ão.

O PONTO DE EXCLAMAÇÃO (revisão)

Emprega-se o ponto de exclamação:

- para exprimir sentimentos: a dor, a tristeza, a alegria, o espanto, a surpresa, o medo, etc.

Ex.: Que horror, meu Deus!

- Também se pode usar depois de um imperativo.

Ex.: Cuidado, Maria Rosa! Agarra-te, que isto está feio!

- Também se pode repetir o ponto de exclamação quando se deseja marcar um reforço especial na duração, na intensidade ou na altura da voz.

Ex.: Qual brincadeira qual quê!

Acabou, ouviste!!!

Recorda o que aprendeste nesta unidade e escolhe a opção correcta.

1. O texto poético:

- a) apresenta-se como um texto que revela o mundo interior de um sujeito poético.
- b) narra a história de alguém.
- c) descreve paisagens e objectos.

2. A linguagem poética caracteriza-se por ser:

- a) concisa e objectiva.
- b) objectiva e complexa.
- c) subjectiva, sugestiva e musical.

3. Uma estrofe é:

- a) a linha de um poema.
- b) um conjunto de versos.
- c) uma frase.

4. Uma estrofe com cinco versos chama-se:

- a) quinta.
- b) quintilha.
- c) quinteto.

5. Quando os versos rimam dois a dois, a rima denomina-se:

- a) rima cruzada.
- b) rima emparelhada.
- c) rima interpolada.

6. Quando os versos não obedecem a qualquer tipo de rima, designam-se de:

- a) versos soltos ou brancos.
- b) versos desgarrados.
- c) versos imperfeitos.

7. Um terceto é:

- a) uma estrofe com três versos e refrão.
- b) uma estrofe com três versos.
- c) estrofe de dois versos seguida de um verso solto.

RESULTADO

Se acertaste em 0, 1, 2 ou 3 respostas... Precisas de estudar mais!

Se acertaste em 4 ou 5 respostas... Foi bom, mas é necessário rever alguns conteúdos.

Se acertaste em 6 ou 7 respostas... Parabéns, óptimo resultado!

4

O TEXTO INFORMATIVO

O texto informativo nem sempre é um texto homogéneo, isto é, pode acumular várias tipologias textuais.

Este tipo de texto tem geralmente sequências informativas, isto é, pode haver parte desse texto que seja informativa sem ser, no entanto, completamente informativo.

A notícia é, por natureza, informativa (consulta a página 181).

O texto informativo envolve a personagem-narrador, a mensagem (informação/notícia), o canal, o contexto e o narratário/auditório.

O texto informativo pode utilizar durante a sua informação a 1.^a e a 3.^a pessoa.

Tal como o nome indica, este tipo de texto serve para informar algo a alguém (2.^a ou 3.^a pessoa), utilizando para o efeito quer a linguagem verbal, quer a escrita, quer ainda outros tipos de linguagem.

O RELATO INFORMATIVO

Quando se faz um relato informativo por escrito (e também oralmente), é necessário apresentar a informação bem estruturada. Será, pois, fundamental planificar o trabalho antes de o escrever, organizando um esquema ou guião de apresentação da informação. Nós damos-te um exemplo de um guião para o relatório de uma visita de estudo:

1. Porquê, quem e como organizar a visita de estudo.
2. O que é que se espera da visita de estudo.
3. Crónica da visita de estudo.
4. O que é que me impressionou particularmente.
5. Em que é que a visita de estudo resultou diferente das expectativas.
6. Significado e balanço da visita de estudo.

Experimenta redigir um relato informativo sobre um passeio, uma experiência, um programa de televisão, um facto da actualidade, etc. E, já sabes, antes de iniciares a tua redacção, organiza um esquema ou guião.

ARTES MUSICAIS

Uma das características mais relevantes dos povos da África Negra é a enraizada vocação musical e rítmica que parece corresponder a uma autêntica necessidade existencial. A música integra a vida do africano desde o nascimento, exprimindo-a e acompanhando-a em todos os seus aspectos. Não admira, pois, que em Angola sejam tão numerosos e variados os instrumentos musicais e tão rico e vivo o folclore social.

- 5 Música e instrumentos musicais, cantos e coreografias associam-se às suas tarefas do quotidiano e às recriações, marcam as etapas da vida e a chegada da morte; participam em práticas e cerimónias rituais de carácter religioso, curativo ou mágico; têm um papel relevantíssimo nas instituições ligadas ao poder político (tradicional); são um meio de comunicação à distância; enfurecem na guerra.

10 As crianças, que «aprendem naturalmente a falar e a dançar», cedo praticam jogos musicais de carácter iniciático às tarefas dos adultos. Instrumentos de música, cantos e ritmos apoiam os gestos de trabalho e facilitam as actividades diárias, principalmente as das mulheres.

- 15 As danças recreativas mais comuns são as rodas de batuque em torno de um grupo musical de tambores e reco-recos. Nos batuques do leste de Angola, onde se exibem bailarinos e músicos profissionais, avulta um tipo de tambor monobloco de madeira, trapeziforme, tchinguvo, percutido com duas baquetas com massas de borracha. Não se pode deixar de referir, ao falar de instrumentos musicais de Angola, o disseminado tambor de fricção, a “infernai puita”, as flautas dos povos pastores e os monocórdios.

20 Existem danças privativas dos jovens, das mulheres, dos homens e de ambos os sexos. Nas escolas da puberdade dos ritos de passagem masculinos e femininos, os jovens são submetidos a intensa aprendizagem de danças.

Rui de Sousa Martins, in *Angola, Culturas Tradicionais*

TEMPO DE ESCRITA

Tendo como exemplo o texto de Rui de Sousa Martins, redige um texto onde dês a conhecer alguns dos usos e costumes da tua região, que envolvam a música.

A SECA É DRAMA...

A seca é drama...

Esgota-se o milho das últimas reservas até já nem sobrar a semente guardada para uma última esperança de água. Alteram-se os hábitos e os circuitos. Às cantinas das vilas e das povoações começa a chegar gado para trocar por fuba.

- 5 Vêm manadas de longe, seguidas pelos seus pastores, para procurar algum capim nas baixas e as derradeiras lamas das maiores lagoas. E o gado chega e bebe e cai, incapaz de suportar, no ventre, o peso da água. E apodrece nas margens.

- 10 Conduzidos pela razão do seu viver, os homens prosseguem sempre, atentos ainda ao refazer da vida. Descem ao deserto e invadem as chanas antes desprezadas. (Aí se dão ainda ao vento que as penteia as hastes finas de capins já velhos). Tangem o que lhes resta das manadas, reduzidas, no dia-a-dia, pela queda dos animais mais fracos.

As famílias dividem-se. As mulheres e as crianças regressam às ongandas com algumas vacas, apenas, e gado miúdo. Os homens prosseguem sempre, para refazer viagens ou arriscar distâncias incomuns.

- 15 Na fazenda a vida mantém-se. A localização do acampamento, com o seu furo e a sua água, a uns escassos quinhentos metros da picada do Impulo, põe em contacto quase permanente com vagas sucessivas de homens e animais provenientes do sul e do leste. Vê passar muito boi, muito pastor, envolvidos pelo pó e pelo eco dos vagidos sedentos.

- 20 Caminhantes cansados pedem abrigo no acampamento e por lá ficam, se podem, partilhando a ração de algum familiar. À volta das fogueiras são debitadas notícias do sul e aí é decidido o rumo para as novas buscas.

- 25 Passam as manadas cada vez mais magras. Arrastam-se, agora, mordendo toijas negras muito lambidas já por outras fomes. Os platôs mais desabrigados transformam-se em pó, duramente castigados pelo duro pisar dos animais. Alargam-se, à volta das cacimbas e das lagoas, enormes clareiras de terra crua onde o gado se mistura perante a indiferença dos pastores, rapazes encardidos pela poeira, infatigáveis tangedores de m'bulumbumba, sobre o coração.

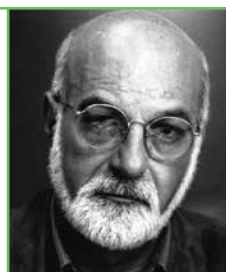
- 30 Passantes brancos, que param o carro para abastecer-se de água, trazem notícias de longe, dos confins do Chitado, da Oncócuca e do Otchinjau, do Munhino e Capangombe. A seca é geral, não chove em parte alguma.

Ruy Duarte de Carvalho, in *As Águas do Capembáua* (fragmento)

BIOGRAFIA

Ruy Duarte de Carvalho nasceu em Santarém (Portugal) a 22 de Abril de 1941. Radicado definitivamente em Angola a partir de 1963, desde os 12 anos de idade. É cidadão angolano. Tem o curso de regente agrícola feito em Santarém. Técnico de café e de bovinos. Estudou cinema em Londres e Paris. Realizador de cinema e de televisão, pintor, poeta e contista. É membro da União dos Escritores Angolanos.

Obras do autor: *Chão de Oferta* (1973), *A Decisão da Idade* (1976), *Ondula Savana Branca* (1981).





COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Faz uma leitura silenciosa do texto para poderes entender as informações e, seguidamente, responde às questões:
 - 1.1. Em que continente se passa este acontecimento?
 - 1.2. Justifica a tua afirmação recorrendo a exemplos do texto.
2. O texto que estás a estudar pode dividir-se em 3 partes.
 - 2.1. Delimita-as.
3. As manadas vêm de longe.
 - 3.1. Apresenta o motivo de tão longa caminhada.
 - 3.2. Descreve o caminho por onde passam.
 - 3.3. Na tua opinião, o que são ongandas?
4. O texto faz referência a um acampamento.
 - 4.1. Diz o que havia no acampamento.
 - 4.2. Descreve o estado dos caminhantes e justifica-o.
 - 4.3. As manadas eram magras. Sabes porquê?
5. Por que houve alteração nos hábitos e circuitos das vilas?

ALERTA CHIMPANZÉ

- 5 Um jovem benguelense (de Benguela-Angola) decidiu levar o seu chimpanzé de estimação até à praia para que o bicho também tomasse uma banhoca, já que fazia muito calor (33 graus). Acontece que a praia é um lugar destinado a pessoas e não a animais, para os banhistas passarem o seu fim-de-semana bem descansados. Não foi o que aconteceu, porque o Rui e o seu chimpanzé também queriam tomar banho com os banhistas do fim-de-semana. O Gugurú, nome pelo qual era conhecido o bicho, chegou mesmo a dar dois mergulhos na água, semeando o pânico entre a multidão banhista que ali se encontrava. Sabe o que depois aconteceu? Adivinha lá. É que o chimpanzé só não fala, mas pode até comer sentado à mesa com o seu dono. E foi o que aconteceu.

G. Pedro

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Lê o texto com atenção e responde.
 - 1.1. Identifica o facto extraordinário apresentado.
 - 1.2. Diz qual o objectivo do jovem.
 - 1.3. Descreve a reacção dos banhistas.
2. Gururú era um animal especial.
 - 2.1. Justifica esta afirmação.
3. Diz por que motivo podemos considerar este texto uma notícia.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Sublinha os nomes masculinos existentes na notícia: comuns, concretos ou próprios.
2. Divide e classifica as orações constantes do 1.º período da notícia.
3. Passa para o plural o último e o penúltimo períodos da notícia.
4. Escreve frases em que empregues as seguintes expressões:
 - ✓ "O azul dos céus..."
 - ✓ "O carro de bois..."
 - ✓ "A locomotiva..."

- ✓ "O pequeno-almoço..."
- ✓ "Bom apetite..."
- ✓ "Plantou uma árvore..."

5. Descobre nesta grelha 10 substantivos, 3 adjectivos, 2 artigos, 3 verbos, 4 pronomes, 3 preposições.

C	H	O	V	E	A	C	H	I	T	A	D	O	O	I	U
A	C	L	A	F	U	R	O	S	Q	S	U	A	U	A	M
P	O	O	M	A	G	S	O	B	R	A	R	M	M	C	X
O	R	N	A	L	A	C	H	O	M	E	N	S	S	E	U
D	A	G	R	G	V	X	A	I	F	L	N	A	O	E	Z
R	C	E	D	U	S	U	L	S	S	E	C	A	S	V	H
E	A	L	A	M	T	A	G	D	E	S	E	R	T	O	J
C	O	M	I	U	D	O	U	E	M	T	P	A	R	A	I
E	D	E	E	C	O	R	M	I	U	E	B	E	B	E	N
U	E	F	U	B	A	L	H	E	S	F	R	A	C	O	S
L	B	A	S	S	C	A	P	A	N	G	O	M	B	E	P

Todas as palavras que aqui se pede constam do presente texto. Para encontrar as respostas poderás utilizar as duas posições: horizontal e/ou vertical. Exemplo:

Substantivos: fuba, drama

Verbos: _____ Pronomes: _____

Adjectivos: _____ Artigos: _____

6. "Eu estudo". Escreve agora a frase nos tempos e pessoas seguintes:

- ✓ 2.^a pessoa do plural do pretérito imperfeito do conjuntivo.
- ✓ 1.^a pessoa do singular do futuro do conjuntivo.
- ✓ 3.^a pessoa do plural do pretérito imperfeito do conjuntivo.
- ✓ 2.^a pessoa do singular do pretérito perfeito composto do indicativo.
- ✓ 3.^a pessoa do plural do pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

REGRA ORTOGRÁFICA

Lê:

Fertilizar – fértil + izar

Actualizar – actual + izar

Pisar – piso + ar

Avisar – aviso + ar

1. Os verbos formados com o sufixo izar escrevem-se com um z.
2. Se o verbo deriva de uma palavra que se escreve com um s, a que se junta o sufixo ar, escreve-se com um s.

SEGURANÇA NO TRABALHO

O primeiro seminário de capacitação dos serviços de segurança e higiene no trabalho e das comissões de prevenção de acidentes laborais do ano 2000, que decorreu sob a égide do Ministério da Administração Pública Emprego e Segurança Social (MAPESS), terminou ontem, em Luanda.

5 Segundo o coordenador do seminário, Pascoal Júnior, os objectivos preconizados foram alcançados, porquanto os participantes puderam compreender que, com os conhecimentos adquiridos, estão a investir na protecção das suas vidas, e estão, por outro lado, a contribuir para o progresso das empresas e da sociedade.

10 Pascoal Júnior defendeu que os formandos perceberam que as causas dos acidentes de trabalho são múltiplas e variam de profissão, ou com a ocupação da pessoa. Desta forma, citando ainda o interlocutor, as causas dos acidentes laborais têm origem, quase sempre, no descuido, na pressa, na preguiça, na falta de ordem, higiene ou limpeza, e através dos actos inseguros.

15 Pascoal Júnior salientou, por outro lado, que os participantes, certamente, levarão os conhecimentos adquiridos no sentido de aconselharem os seus colegas e, sobretudo, a sua entidade patronal, mostrando que as coisas correm bem quando o empregador toma alguns cuidados como: exigir e oferecer ao trabalhador cuidados médicos periódicos, melhorar as condições do ambiente de trabalho bem como fornecer os equipamentos de protecção individual.

20 Por seu turno, Venceslau de Matos, delegado provincial do MAPESS, ao discursar no acto de encerramento, fez saber que o seu pelouro possui um corpo de inspectores do trabalho que frequentemente contactam as entidades empregadoras e os trabalhadores, no sentido de os informar e orientar acerca de como aplicar as normas relativas às condições de trabalho, nomeadamente, com a segurança, protecção e higiene laboral.

25 Salientou que, com a ajuda dos formandos, os inspectores não vão permitir que nos trabalhos que apresentam riscos, os trabalhadores laborem sem capacete, máscaras, botas ou luvas, e que sejam transportados em basculantes como se fossem mercadorias.

«É bom que fique bem patente que quem traz a riqueza é o trabalhador que muitas das vezes é menosprezado pelo patrão», frisou para concluir, Venceslau de Matos.

30 Saliente-se que o evento decorreu sob o lema «Lembre-se sempre que nunca é demais um acidente a menos» e teve como palestrantes Júlio Manuel e Mário Tavira.

Participaram no seminário cerca de 22 representantes de várias empresas que receberam no final, um certificado.

Luís Paulo

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. O texto dá-nos conta do encerramento de um seminário.

1.1. Diz onde e quando decorreu.

1.2. Identifica a entidade responsável pela sua realização.

- 1.3. Aponta os objectivos deste seminário.
 - 1.4. Qual o lema definido para este seminário.
 - 1.5. Identifica os palestrantes.
 - 1.6. Diz quantas empresas se fizeram representar.
2. Ao longo do texto é feita referência às afirmações feitas por duas personalidades presentes.
 - 2.1. Identifica essas personalidades.
 - 2.2. Faz uma síntese das afirmações de cada um.

TURISMO E ARTE

ANGOLA PODE SER ATRACÇÃO TURÍSTICA

Angola é um país com enormes recursos turísticos e pode converter-se num dos destinos turísticos mais importantes da África Austral, considerou ontem, em Luanda, o consultor espanhol Jesus Felipe Gallego.

- 5 O professor Jesus Gallego fez esta afirmação durante uma reunião do Conselho de Direcção Alargado do Ministério da Hotelaria e Turismo, que serviu igualmente para transmitir a sua visão sobre o turismo de Angola.

O potencial angolano, perfilado ao longo da costa, tem de se traduzir num dos produtos mais importantes, isto é, «transformando-se na primeira indústria do país criadora de riqueza».

- 10 «Angola tem de fazer um esforço construtivo para transformar a sua imagem num país aberto ao mundo, pois encontramos-nos na era do conhecimento».

Se os recursos que Angola dispõe forem optimizados poderá, segundo Gallego, converter-se num país turístico, permitindo o desenvolvimento desta actividade em várias classes, como científica, cultural, económica e etnográfica.

- 15 Por seu turno, o ministro da Hotelaria e Turismo, Jorge Valentim, aproveitou a oportunidade para afirmar que o Governo está apostado em melhorar os serviços turísticos, desde o aeroporto aos hotéis, pelo que conta também com o apoio da Organização Mundial do Turismo (OMT) e de ONG's internacionais.

- 20 O consultor espanhol encontra-se em Angola desde o passado dia 24 de Janeiro, com o objectivo de fazer um estudo do mercado angolano sob o ponto de vista turístico.

ARTES PLÁSTICAS NA CASA DE ANGOLA

Lisboa – Uma exposição colectiva de artistas plásticos de Angola marcou sexta-feira, em Lisboa (Portugal), o arranque da semana cultural angolana.

Organizado pela Casa de Angola, o programa, que se prolongará até ao próximo dia 19, incluirá diversas actividades, nomeadamente palestras e colóquios sobre diversos temas.

- 5 Viteix, Eleutério Sanches, João Oliveira, Filomena Coqueno, Dília Fraguito, Arlete Marques, Clotilde de Faia, Manuela Alegre, Van, Jorge Gumbe e Rocha Pinto são alguns dos artistas angolanos representados na mostra de artes plásticas.

- 10 O programa desta quinzena cultural angolana prossegue no dia 12 de Fevereiro, com uma palestra a ser proferida pelo intelectual angolano Jorge Macedo, subordinada ao tema «A cultura da diferença solidária».

O escritor e etnógrafo angolano Óscar Ribas, autor de obras fundamentais sobre hábitos e costumes angolanos e de vários romances de primeiro plano da literatura de Angola, será homenageado no dia 19, sábado, pelas 11h.

- 15 Nesta sessão será feito o lançamento da terceira edição da revista *Afro-Letras*, tendo como moderador o poeta, escritor e historiador angolano Arlindo Barbeitos.

A Casa de Angola em Lisboa, instituição de carácter cultural virada para a comunidade angolana em Portugal, realiza esta quinzena cultural como ponto de partida do programa de actividades para este ano.

In *Cultura – Jornal de Angola*, Fevereiro 2000

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Lê, com atenção, as notícias “Angola pode ser atracção turística” e “artes plásticas na Casa de Angola” e preenche o quadro que se segue com expressões textuais.

	“ANGOLA PODE SER ATRACÇÃO TURÍSTICA”	“ARTES PLÁSTICAS NA CASA DE ANGOLA”
Quem?		
O quê?		
Onde?		
Quando?		
Informações mais relevantes		

LOGO À TARDE CONTINUAMOS

A bola de meia tinha caído na rua e ele estava a passar. Nas corridas para a ir buscar afrouxei quando o vi pisar a bola. E o pé naquela posição era igual quando nos tremunos esperamos os adversários para as fintas, e a cara dele tinha um sorriso escancarado, sem vergonha do dente partido, feito dos dentes que os bailundos costumam serrar. Chamava com a cabeça no convite de jogar. Mesmo assim não ataquei. Ele era cabo-verdiano. Retinto de cabelo liso (estranhei) e trabalhava na loja do sô Silva. Esperei especado, sério. Ele então levantou a bola com o domínio de jogador e... passou.

5 – Logo à tarde continuamos... – prometeu e adiantou uma desculpa de trabalho para se ir embora.

10 Depois daquele dia os encontros na folga da tarde foram um hábito que às vezes aproveitávamos só para conversar. Sentado no muro do quintal, ele é que contava as estórias. Estórias da terra dele, das ilhas.

Totonho tinha desembarcado com um primo que estava como trabalhador na Tentativa, fazendo cana-de-açúcar no Caxito. Mas lá tinha havido makas com capatazes brancos do

15 Puto que os queriam tratar como contratados.

– Nós não somos contratados... viver daquela maneira, mais vale ficar na terra...

– Mas então porque vieram...?!

A minha pergunta tinha a boa-fé da inocência, o coração estava limpo, só com raiva do injusto que lhes estavam a praticar. Totonho compreendeu e confessou: «Por causa da

20 chuva... a seca».

Eu não imaginava justo o que era a seca. Uma seca grande quando nem um cacimbinho aparece para molhar o capim. Mas hoje sei. Eu ouvi da boca dele. Na seca grande mesmo em boa terra sementes sem exigência, de milho e de feijão, não nascem. Os corpos das pessoas ficam velhos como plantas. Secam. A água que faltava nos lábios das pessoas e das

25 coisas, não falta nos olhos das mulheres e das crianças. Eu ouvi isso de Totonho.

E quando ele falava eu pensava na chuva grossa no zinco da minha casa do Kinaxixe, o batuque. A água a escorrer demais sem préstimos na lagoa, o capim a crescer à toa, os cajus, as mangas e as maçãs da índia não aguentando a força da chuva, de madrugada era só acordar cedo para apanhar no chão, e por isso no orgulho da minha terra eu contei-lhe também as minhas estórias da vida sob a chuva, com a vontade de lhe fazer inveja com a

30 vontade de o sossegar. Aqui a chuva não te vai faltar.

Arnaldo Santos, *O Cesto de Kamandu*



BIOGRAFIA

Arnaldo Santos nasceu em Luanda a 14 de Março de 1936. Estudos primários e liceais em Luanda. É também contista angolano. Foi funcionário público durante o colonialismo.

Obras do autor: *Fuga* (1960), *Uíge* (1961), *Quinaxixe* (1965), *Tempo de Munhungo* (1968).

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Este texto obedece a duas tipologias: a **narrativa** e a **informativa**. Procura, após a leitura cuidada do texto, identificar os aspectos narrativos e informativos.
2. O autor é simultaneamente narrador e personagem.
 - 2.1. Justifica esta afirmação com expressões textuais.
 - 2.2. Classifica, assim, o narrador quanto à presença.
3. Os acontecimentos do texto ocorrem em tempos distintos.
 - 3.1. Identifica esses dois tempos.
 - 3.2. Após aquele primeiro dia, marcaram encontros futuros. Justifica esta afirmação com expressões textuais.
 - 3.3. Recuando no tempo, o que ficaram a saber sobre a vida que Totonho levava antes?
 - 3.4. Diz qual o motivo que o fez emigrar?
4. Transcreve passagens do texto, que mostrem a tristeza de Totonho.
5. “A seca é drama”.
 - 5.1. No 8.º parágrafo do texto, o autor faz uma comparação relativamente à seca. Identifica-a e refere-te à sua expressividade.
6. O autor deleitava-se com os benefícios que a chuva da sua terra lhe trazia.
 - 6.1. Transcreve alguns.
7. Lê com atenção o último parágrafo do texto.
 - 7.1. Não o achas bonito? Porquê?
 - 7.2. A que é comparado o som da chuva? Porquê?

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Assinala os adjectivos nas frases e classifica-os.

- ✓ «Retinto de cabelo liso...» (ll. 5-6).
- ✓ « ...o coração estava limpo...» (l. 18).
- ✓ « ...eu pensava na chuva grossa...» (l. 26).

2. Reduz a frase simples aos seus elementos fundamentais, o sujeito e o predicado: «À tarde, no muro, o Totonho conversava com o primo».

3. Faz agora o exercício inverso e alarga a frase seguinte acrescentando-lhe três complementos circunstanciais: «Aprendi a jogar à bola».

4. Indica as funções que desempenham as expressões sublinhadas nas seguintes orações :

- ✓ "... Totonho desembarcou em Caxito no mês de Janeiro".
- ✓ "... Totonho era bom amigo".
- ✓ "... Totonho saiu da terra por causa da seca".

Consulta o Bloco Gramatical no fim do teu livro!

SABIAS QUE...

O **vocativo** é a palavra ou expressão que, numa frase, indica a pessoa, animal ou coisa personificada, a quem nos dirigimos directamente.

O vocativo é sempre separado por vírgulas. Pode ser antecedido da interjeição **ó**, com que se reforça o seu valor: Ó Totonho, passa-me a bola.

Os pronomes pessoais **tu** e **vós** também podem desempenhar a função de vocativo:

Tu, por que vieste para cá?

O HOMEM E OS RECURSOS

Para se alimentar, construir e fazer trabalhar todas as suas invenções, o Homem precisa dos recursos naturais da Terra: alimentos de origem animal e vegetal, água potável, minérios (como mercúrio, prata, estanho, carvão, ferro, petróleo, madeira), etc.

5 A Terra é a fonte de todos esses recursos naturais e o Homem cria meios cada vez mais gigantescos e eficazes para extrair esses recursos. Todos os meios são lícitos e o Homem parece acreditar que todos os recursos naturais são infinitos.

Mas não o são, de facto! Podemos dizer que estamos na era do esgotamento dos recursos naturais.

10 Usamos os animais e as plantas à luz das nossas necessidades e interesses, provocamos a extinção de uma espécie por cada hora que passa.

Ao cultivarmos de forma exaustiva os solos, estes ficam esgotados e incapazes de produzir.

15 O abate consecutivo das florestas facilita a acção dos ventos, chuvas e águas correntes, que provocam a erosão dos solos e conduzem à não infiltração da água no solo e, consequentemente, ao desaparecimento das camadas de água subterrânea e das zonas cultiváveis. Evidentemente que a situação actual é difícil e que a existência de vida na terra pode estar de facto ameaçada, mas a solução não é certamente voltar para trás. A solução não pode ser a de regressarmos todos a ser homens-caçadores e começar tudo de novo.

20 Surgem alternativas reais - aproveitamento das energias solar, eólica ou hidráulica e racionalização do aproveitamento do mar em regimes de cultura de algas e peixes; criação em laboratórios de novos minerais que substituem os naturais, etc.

E somos nós, os homens de hoje e de amanhã que poderemos garantir um futuro para a vida na Terra e também para o Homem. Temos que ser nós a arrumar um pouco o que desarrumámos - a Terra está cansada!

In Biologia do Meio Ambiente, (adaptado)

AS RAVINAS

O solo é um complexo mineral e orgânico resultante da desagregação física e da decomposição química das rochas expostas à meteorização. É um complexo dinâmico em que se realizam continuamente transformações físicas, químicas e biológicas.

5 O solo compreende uma parte sólida, constituída por elementos minerais de diversas dimensões, tanto de origem mineral como orgânica. Vão desde os cascalhos e areias a argilas e colóides. Fazem também parte dele organismos vivos ou substâncias orgânicas em decomposição, quer vegetais, bactérias, vermes, insectos.

10 Compreende ainda uma parte líquida, formada por soluções aquosas complexas onde se encontram em solução numerosas substâncias, e uma parte gasosa, constituída por gases que preenchem as cavidades porosas e resultam da penetração da atmosfera e da actividade química e biológica.

15 O elemento fundamental é a matéria inerte designada por húmus. É ela que dá a cor mais ou menos escura à parte superior do solo, constituída por partículas coloidais e resulta essencialmente da oxidação lenta da matéria vegetal. Formam-se ácidos húmicos que contribuem para a decomposição química do material rochoso.

20 A textura do solo depende do tamanho das partículas que o compõem. Estas podem corresponder a areia, húmus ou argilas. Assim se tem solos arenosos ou argilosos. A textura é importante na medida em que determina a capacidade de retenção de água. Um solo arenoso é bastante permeável e deixa passar facilmente a água pelo que é normalmente leve.

O clima desértico frio caracteriza-se por um verão quente, mas um inverno muito frio. A secura aí é grande. O vento é frequente e, por vezes, muito violento, levantando grandes nuvens de poeira.

25 Nos climas desérticos a precipitação é normalmente quase nula. Podem passar-se anos seguidos sem chover. A chuva é sempre do tipo aguaceiro e muito irregular. Pode ser desastrosa, ocasionando correntes que destroem tudo na sua passagem.

Devido à falta de vegetação, o escoamento é rápido e pouco proveitoso, evaporando-se a maior parte da água.

In *EMP/EV*, (Projecto)

O RESPEITO PELA NATUREZA

Observa-se nos nossos dias uma consciência crescente de que a paz mundial está ameaçada, não apenas pela corrida aos armamentos, pelos conflitos regionais e por causa das injustiças que ainda existem no seio dos povos e entre as nações, mas também pela falta do respeito devido à natureza, pela desordenada exploração dos seus recursos e pela

5 progressiva deterioração da qualidade de vida. Semelhante situação gera um sentido de precariedade e de insegurança, que, por sua vez, favorece formas de egoísmo colectivo, de açambarcamento e de prevaricação.

Perante a difusa degradação do ambiente, a Humanidade já se vai dando conta de que não se pode continuar a usar os bens da Terra como no passado. A opinião pública e os

10 responsáveis políticos estão preocupados com isso, e os estudiosos das mais diversas disciplinas debruçam-se sobre as causas do que sucede. Está assim a formar-se uma consciência ecológica, que não deve ser reprimida, mas antes favorecida, de maneira que se desenvolva e vá amadurecendo até encontrar expressão adequada em programas e iniciativas concretas.

15 São poucos os valores éticos, de importância fundamental para o progresso de uma sociedade pacífica, que têm uma relação directa com a questão do ambiente. A interdependência dos muitos desafios que o mundo de hoje tem de enfrentar confirma a exigência de soluções coordenadas e baseadas numa coerente visão moral do mundo.

É evidente que uma solução adequada não pode consistir simplesmente numa melhor

20 gestão, ou num uso menos irracional dos recursos da Terra. Muito embora se reconheça a utilidade prática de semelhantes providências, parece ser necessário examinar a fundo e enfrentar no seu conjunto a grave crise moral de que a degradação do ambiente é um dos aspectos preocupantes.

In *EMP/EVP* (Projecto)

EXERCÍCIO

Os três textos que acabaste de ler apresentam informações fundamentais para justificar o respeito que devemos ter pela Natureza. Recolhe nos três textos os principais aspectos expostos.

O MAMOEIRO

O mamoeiro ou papaeira é uma árvore que pertence à família das caricáceas, tendo sido anterior e sucessivamente classificada na família das passifloráceas e na das curcubitáceas.

- 5 É originária do sul do México e foi trazida por portugueses e espanhóis após a descoberta da América. É uma fruteira de grande expansão no Médio Oriente, na Ásia, Austrália, Filipinas e, em geral, no continente africano de clima tropical e subtropical. Encontra-se vulgarmente nas zonas quentes e húmidas.

- 10 O tronco único (que por vezes se ramifica com a idade), liso e herbáceo pode atingir a altura de 3 a 10 metros. A raiz atinge grande profundidade na terra com várias ramificações. As folhas são grandes, babadas, com a forma de uma mão; depois de secas caem, deixando uma cicatriz profunda no tronco. As flores são solitárias, amareladas, e aparecem na base de uma corola formada pelas folhas.

A frutificação processa-se da mesma forma, pelo que os frutos que se encontram no plano mais baixo são mais desenvolvidos e os que primeiro entram em fase de maturação.

- 15 Fruto comestível, o mamão é grande, periforme, de casca e polpa amarela, mole e leitoso quando maduro. A papaia, que é um fruto da mesma família, é menor que o mamão, tem a casca esverdeada mesmo depois de madura e tem a polpa avermelhada.

- 20 No primeiro ou segundo ano de existência já se notam na árvore as primeiras flores e frutos entrando, entretanto, em decrepitude aos cinco anos. Embora se encontrem árvores com quinze ou mais anos, não é aconselhável prolongar-se a sua vida para além do tempo citado: a produção torna-se diminuta e surgem dificuldades na colheita, em virtude da altura.

Por vezes, o tronco do mamoeiro é atacado por um micróbio que lhe vai roendo e sugando toda a seiva; começa assim a esfarelar-se e, se o mal não for atacado a tempo, o mamoeiro acaba por morrer.

- 25 A importância do mamoeiro não se limita apenas a fins alimentares; tem também larga utilização na medicina caseira. O fruto contém papaína e corantes.

A papaína, fermento extraído do mamão, é utilizada como estimulante digestivo em casos de dispepsia. As raízes e as folhas, além de serem um excelente antidiarreico, curam também outros problemas intestinais e produzem bom efeito como anti-palúdico.

- 30 Sabias que o leite do mamão verde cura doenças de pele?
E na culinária? Aqui também o mamão tem o seu papel: é utilizado na confecção de compotas e geleias, ótimas para o pão ou simples em sobremesas.

O mamoeiro é uma árvore com grande utilidade.

Alfredo Armindo F. Cunha

COMPREENSÃO DO TEXTO

Sintetiza, a partir do texto, as informações essenciais sobre o mamoeiro, completando os seguintes tópicos.

- ✓ Família científica: _____
- ✓ Origem: _____
- ✓ Características morfológicas: _____
- ✓ Épocas de frutificação: _____
- ✓ Infestações: _____
- ✓ Propriedades do fruto: _____
- ✓ Outras aplicações: _____

EDUCAÇÃO

MAIS DE 350 MIL LIVRES DO ANALFABETISMO

357 897 pessoas foram alfabetizadas em Angola, de 1997 a 1999, anunciou, em Luanda, o ministro da Educação e Cultura, António Burity da Silva, quando encerrava o seminário sobre o ensino de adultos.

O governante sublinhou ainda que 200 mil da referida cifra são mulheres.

- 5 Participaram no seminário metodológico nacional sobre políticas e estratégias de alfabetização e educação de adultos, aberto terça-feira, em Luanda, 90 quadros do ensino de adultos provenientes de congregações religiosas, ONG's e representantes de 16 províncias de Angola, excepto Uíge e Cabinda.

- 10 Burity da Silva informou que, de 1991 a 1996, foram alfabetizadas 20 mil pessoas, realçando que as igrejas têm assumido um protagonismo notável por terem leccionado aulas a cerca de 85 por cento do número alcançado no ano de 1999.

- 15 O titular da pasta de Educação e Cultura indicou que a direcção do Ministério que dirige providenciou, para o ano 2000, a produção de novos manuais usados no ensino de adultos em Português e nas cinco línguas nacionais, nomeadamente, Kikongo, Kimbundu, Umbundu, Cokwe e Occhikwanhama.

Acrescentou que o referido material será utilizado em toda a extensão do território nacional.

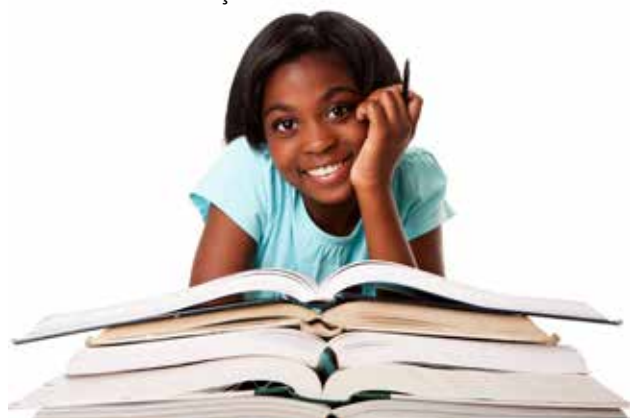
- 20 Por causa da pouca rentabilidade do processo do ensino de adultos, o ministro afirmou que vai decorrer, ainda este ano, um processo de redimensionamento dos quadros técnicos e administrativos dos departamentos provinciais da Educação de Adultos, para se adequar ao novo contexto de parceria entre o Estado e a sociedade civil.

Disse que, no actual contexto, o Estado vai trabalhar apenas na orientação, coordenação e controlo, bem como no fomento e desenvolvimento da alfabetização.

- 25 O governante sublinhou que as acções executivas passarão para a responsabilidade directa dos parceiros sociais, mediante a celebração de protocolos e acordos pontuais, acrescentando que o Estado não pode e nem está em condições de fazer tudo sozinho.

Louvou os esforços desenvolvidos pelos seus parceiros sociais (ONG's, Igrejas, Organizações Femininas e as Forças Armadas Angolanas) para que se obtivesse os resultados alcançados.

In Jornal de Angola, Fevereiro 2000



EDUCAÇÃO

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUMBE EM VIAS DE INSTALAÇÃO

O vice-director para os assuntos académicos do Instituto Superior de Ciências de Educação (ISCED) de Luanda, Rosário Brito, trabalhou recentemente na cidade do Sumbe, tendo visitado as instalações onde funcionarão o centro universitário e, conseqüentemente, o núcleo do ISCED. No final, mostrou-se satisfeito com as condições físicas e materiais encontradas para a implementação técnica da segunda parte do projecto.

A primeira parte consistiu na assinatura, em Dezembro passado, do respectivo contrato entre a Universidade Agostinho Neto (UAN) e o Governo Provincial do Kwanza-Sul, com a duração de cinco anos.

Aquele responsável constatou que as obras de remodelação em curso no imóvel estão num bom ritmo, cuja conclusão se prevê para finais do mês em curso, e início das aulas para Abril próximo.

De acordo com o director dos Recursos Humanos do ISCED, José Santana, que também integrou a comitiva, o recrutamento local dos futuros docentes para o centro universitário não satisfaz as normas exigidas, daí que está aberto novo processo de candidatos.

Segundo José Santana, a UAN, nos seus requisitos fundamentais, exige docentes cursados com média igual ou equivalente a 14. Abaixo dessa média apenas aceitam colaboradores que laborem em regime provisório até que a vaga seja preenchida.

Numa primeira fase, o núcleo albergará entre 60 a 80 discentes, que serão capacitados nas cadeiras de Pedagogia e Psicologia.

A política de expansão da UAN, após as eleições de 92, estabelecia a criação de centros regionais e o ISCED de Luanda devia atender todo o norte do país. No entanto, a dinâmica de alguns governos fez com que tais políticas não fossem seguidas.

Assim, funciona actualmente um centro no Uíge com dois cursos de Pedagogia e Psicologia. Em Cabinda funcionam quatro cursos, nomeadamente de Psicologia,

Pedagogia, Matemática e História.

Para o alojamento dos docentes que vierem transferidos, o governo local está a edificar um bairro com 30 residências que brevemente estará concluído e, se assim não acontecer, optará por um período transitório de arrendamento de outras residências.

Luís Pedro

EXERCÍCIO

Analisa os últimos dois textos e preenche a grelha seguinte:

	TEXTO 1	TEXTO 2
Título		
Evento noticiado		
Local e momento em que ocorre		
Informações mais relevantes (síntese)		

SAÚDE

MAIS DE 80 MIL ANGOLANOS PADECEM DE DOENÇA DO SONO

O director nacional de Controlo de Endemias, Filomeno Fortes, disse segunda-feira, em Luanda, que existem no país 80 mil casos não diagnosticados de doença do sono (tripanosomíase), três milhões de malária e oito mil casos de lepra.

5 O responsável pelo Sector de Endemias do Ministério da Saúde (MINSa) falava à margem da cerimónia de apresentação da conferência nacional sobre as grandes endemias, a ter lugar de 21 a 25 deste mês.

Acrescentou que existem igualmente outros 24 mil casos não diagnosticados de doentes com tuberculose, sendo aquelas endemias as mais frequentes no país, as quais têm provocado o maior número de mortalidade.

10 Filomeno Fortes disse que o índice de proliferação dessas endemias, sobretudo da tripanossomíase, deve-se também à deslocação das pessoas de uma região afectada para outra devido à instabilidade militar, levando consigo o vírus da doença.

15 O Vice-Ministro da Saúde, José Van-Dúnem, coordenador da comissão organizadora da referida conferência, adiantou que o objectivo principal do evento é definir estratégias para o combate a essas endemias nos próximos cinco anos.

Segundo José Van-Dúnem, participarão no evento peritos nacionais e estrangeiros do Brasil e de Portugal para, em conjunto, estudarem políticas de reforço dos programas já existentes de prevenção destas doenças.

20 Para a realização da conferência, o MINSa conta com a colaboração da Fundação Eduardo dos Santos (FESA), da Organização Mundial da Saúde (OMS), da UNICEF e da Divisão dos Serviços de Saúde do Estado-Maior General das Forças Armadas Angolanas (FAA).

(Adaptado)

EXERCÍCIO

O texto apresentado reúne várias características inerentes a uma notícia. Assim, faz a sua análise, preenchendo o quadro que se segue:

Título	
	1.º Parágrafo
	Lead - responde às questões <i>Quem?/O quê?/Onde?/Quando?</i>
Quem?	
O quê?	
Onde?	
Quando?	
	Restantes parágrafos
	Corpo da notícia - pode responder às questões <i>Como?/Porquê?</i>
Referência sucinta ao seu conteúdo	
Relação do título com o conteúdo	

Recorda o que aprendeste nesta unidade e escolhe a opção correcta.

1. O texto informativo é:

- a) um texto homogéneo.
- b) um texto nem sempre homogéneo, pois pode incluir várias tipologias textuais.
- c) um texto narrativo.

2. O texto informativo serve para:

- a) informar algo a alguém.
- b) descrever uma paisagem.
- c) divertir quem lê.

3. Como textos informativos, podemos considerar:

- a) a notícia e o relato informativo.
- b) a descrição e a narrativa.
- c) o conto tradicional e a lenda.

4. Podemos fazer uso de um relato informativo para:

- a) dar a conhecer os meus sentimentos.
- b) dar a conhecer um passeio, uma experiência, um facto da actualidade.
- c) provocar o riso no leitor.

5. A notícia é um texto informativo que tem como objectivo:

- a) dar a conhecer um acontecimento actual e de interesse comum.
- b) dar a conhecer um facto ocorrido no passado.
- c) imaginar factos que possam vir a ocorrer.

6. A estrutura de uma notícia deve compreender:

- a) o título, o lead, e o corpo da notícia.
- b) o título e o corpo da notícia.
- c) o lead e o corpo da notícia.

7. A linguagem da notícia deve:

- a) ser clara, correcta e concisa, usando um vocabulário corrente.
- b) ser subjectiva, fazendo uso de adjectivos valorativos.
- c) usar a 1.ª pessoa e frases de tipo exclamativo.

RESULTADO

Se acertaste em 0, 1, 2 ou 3 respostas... Precisas de estudar mais!

Se acertaste em 4 ou 5 respostas... Foi bom, mas é necessário rever alguns conteúdos.

Se acertaste em 6 ou 7 respostas... Parabéns, óptimo resultado!

TEXTO INJUNTIVO/APELATIVO

5

O TEXTO INJUNTIVO/APELATIVO

O Texto Injuntivo/Apelativo, tal como o nome indica, apela a algo, procura que o receptor execute uma certa tarefa, por uma certa ordem de procedimentos ou desenvolva um certo comportamento social. Implica a colaboração do receptor e tem a finalidade de levar alguém a fazer alguma coisa. Utiliza predominantemente o imperativo, o futuro imperfeito ou o infinitivo. Utiliza frases ou expressões sugestivas, isto é, as que mais interessam ao público leitor.

Na elaboração de um texto apelativo há a considerar o respeito pelos seguintes aspectos:

- ✓ **Atenção** (o primeiro objectivo deste texto é captar a *atenção*);
- ✓ **Interesse** (deve ao mesmo tempo despertar o *interesse*);
- ✓ **Desejo** (logo, provoca o *desejo* do destinatário);
- ✓ **Memorização** (deve ser elaborado de modo a permitir a *memorização*);
- ✓ **Acção** (por fim, leva o destinatário à *acção*).

Estes aspectos costumam ser sintetizados através da sigla **AIDMA**.

O grau de elaboração do texto apelativo leva-nos a supor o tipo de público a que se destina, que é o mais variado.

O texto publicitário é o texto injuntivo/apelativo mais comum. Consulta a página 182 para recolheres algumas informações sobre a publicidade.

Ao analisar um texto publicitário ou anúncio, podes orientar-te pelos seguintes tópicos:

1. A imagem;
2. O texto;
3. O tipo de público a que se dirige o anúncio.

Os exemplos mais usuais de um Texto Injuntivo/Apelativo são: a receita de cozinha, a explicação de regras de jogo, o horóscopo, o boletim meteorológico e o itinerário.

INSTRUÇÕES

No nosso dia-a-dia são muitas as actividades que exigem que nos orientemos por determinadas regras ou instruções: participar num jogo, cozinhar um novo prato, tomar um medicamento, preencher um impresso, pôr a funcionar um electrodoméstico, etc.

É, pois, importante que saibas como se organiza este tipo de mensagens, a que chamamos instruções.

Geralmente, este tipo de textos contém duas partes distintas:

- ✓ **uma parte informativa**, em que se descrevem ou enumeram as características de um produto, as peças que compõem um instrumento, a composição de um medicamento, os ingredientes de uma receita, etc;
- ✓ **uma parte apelativa**, em que são dadas as ordens, os conselhos ou as regras que o receptor tem de respeitar para manejar um instrumento, tomar um medicamento, cozinhar uma receita, jogar um jogo, etc.

É normal que estas duas partes se distingam graficamente pela utilização de um espaço em branco a separá-las, por títulos e letras de tipo e/ou tamanho diferente.

Eis mais algumas características deste tipo de textos:

- ✓ as instruções propriamente ditas (isto é, as acções a realizar) seguem sempre **uma ordem cronológica** – os períodos ou parágrafos aparecem com as palavras ou expressões: «em seguida», «depois», «no fim», «por um lado», «por outro lado», «em cima», «ao lado», etc;
- ✓ dado que o objectivo deste tipo de mensagens é levar o receptor a fazer algo, é frequente a existência de marcas gramaticais da segunda pessoa e o emprego dos verbos no modo imperativo. No entanto, poderão surgir construções impessoais do tipo «liga-se a máquina» ou «misturar o açúcar»;
- ✓ as palavras utilizadas para descrever um aparelho, para enumerar os componentes de um medicamento ou para indicar as acções necessárias para a realização de um jogo são termos próprios de algum ramo do saber (por exemplo, «posologia», «disquete», etc.) ou palavras específicas de um aspecto da realidade (por exemplo, «desporto», «cozinha», etc.).

1. Das seguintes actividades, assinala as que costumam vir acompanhadas de instruções:

- cozinhar uma receita
- ler o jornal
- tomar um medicamento
- telefonar de uma cabine telefónica
- andar no elevador
- dar corda ao relógio

Mebocaína® Forte

Pastilhas contra as dores de garganta e infecções da cavidade bucofaringea isentas de açúcar (adoçadas com sorbitol).

A Mebocaína® Forte é um medicamento não sujeito a receita médica. É importante que leia cuidadosamente este folheto antes de começar o tratamento. Se tiver alguma questão ou dúvida não hesite em perguntar ao seu médico ou farmacêutico.



IDENTIFICAÇÃO

O que contém esta embalagem?

O nome deste medicamento é Mebocaína® Forte. Apresenta-se em pastilhas para chupar compostas por uma associação de três substâncias activas: Tirotricina (4 mg), Cloreto de cetilpiridínio (1mg), Cloreto de oxibuprocaína (0,2 mg).

Como se apresenta a MEBOCAÍNA® Forte?

Mebocaína® Forte apresenta-se em embalagens de 20 pastilhas para chupar.

Quais as acções da MEBOCAÍNA® Forte?

A Mebocaína® Forte contém 3 princípios activos cujas acções se completam mutuamente (triplo efeito):

- Tirotricina : Combate as bactérias devido à sua acção na superfície das mucosas.
- Cetilpiridínio: anti-séptico de superfície que penetra nas mucosas, reforçando a acção da tirotricina.

- Oxibuprocaína: exerce um efeito analgésico rápido na cavidade bucofaringea.

A Mebocaína® Forte é adoçada com sorbitol pelo que pode ser utilizada por diabéticos. O mentol proporciona um sabor refrescante.

Detentor da Autorizaçãp de Introdução no Mercado

Novartis Consumer Health
Produtos Farmacêuticos e Nutrição, Lda.
Avª Poeta Mistral, Nº 2 - 2
1069-172 Lisboa

PARA QUE SERVE A MEBOCAÍNA® FORTE?

A Mebocaína® Forte está indicada em infecções da cavidade bucofaringea em particular dores de garganta, anginas, catarros, rouquidão e o mau hálito que lhes é associado.

Antes de usar a MEBOCAÍNA® Forte é importante ler as seguintes perguntas e respostas:

QUANDO NÃO DEVO UTILIZAR A MEBOCAÍNA® FORTE?

No caso de alergia a qualquer das substâncias activas ou ingredientes do medicamento (ver também a secção "Que outros ingredientes tem a Mebocaína® Forte" para verificar se é alérgico ou intolerante a algum dos ingredientes aí descritos).





QUAIS OS EFEITOS INDESEJÁVEIS DA MEBOCAÍNA® FORTE?

A Mebocaína® Forte apresenta uma tolerância excelente. No caso de uma utilização demasiado frequente durante um longo período de tempo, podem surgir, mas só raramente, pequenas irritações locais.

necessidade não é susceptível de acusar problemas.

A MEBOCAÍNA® Forte pode ser dada a crianças?

No caso de crianças com menos com menos de 6 anos, a Mebocaína® Forte não é recomendada devido a uma possível alergia ao mentol.

POSSO TOMAR MEBOCAÍNA® FORTE COM OUTROS MEDICAMENTOS?

Sim. Até ao momento não são conhecidas interacções com outros medicamentos.

A MEBOCAÍNA® Forte pode ser usada em pessoas idosas?

Sim. A idade avançada não coloca qualquer problema à utilização da Mebocaína® Forte.

QUE PRECAUÇÕES DEVO TER AO TOMAR MEBOCAÍNA® FORTE?

A Mebocaína® Forte é um medicamento não sujeito a receita médica. Em caso de agravamento ou persistência dos sintomas consulte o seu médico.

Posso tomar MEBOCAÍNA® Forte se sofrer de algum problema de saúde?

Sim. Não são necessárias precauções especiais caso tenha alguma outra doença.

Posso tomar MEBOCAÍNA® Forte se estiver grávida?

Sim. A utilização esporádica em caso de necessidade não é susceptível de causar problemas. No entanto desaconselha-se a sua utilização durante o primeiro trimestre de gravidez.

Quais os efeitos da MEBOCAÍNA® Forte sobre a capacidade de condução de veículos e de máquinas?

Não são conhecidos efeitos susceptíveis de interferir com estas capacidades.

Posso tomar MEBOCAÍNA® Forte se estiver a amamentar?

Sim. A utilização ocasional em caso de

Que outros ingredientes tem a MEBOCAÍNA® Forte?

A Mebocaína® Forte contém também: óleo de hortelã pimenta, sacarina sódica, mentol, sorbitol. Tenha em atenção se é alérgico ou intolerante a qualquer destes ingredientes.

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Este folheto que acompanha um medicamento – Mebocaína® Forte – aparece organizado em várias secções com diferentes títulos.

1.1. Indica todos os títulos.

2. «Como devo tomar a Mebocaína® Forte?». Este título aparece geralmente em outros folhetos com o nome de «Posologia» ou «Dosologia».

2.1. De que consta este título?

3. Diz em que secção deves procurar as seguintes informações:

- ✓ a composição química do medicamento;
- ✓ a dose adequada que deves tomar;
- ✓ em que situações deves tomá-lo;
- ✓ em que casos não é prudente tomá-lo;
- ✓ que consequências pode ter uma administração prolongada deste medicamento;
- ✓ que efeitos produz a sua toma.

4. Com a ajuda de um dicionário e do(a) teu(tua) Professor(a), esclarece o significado dos seguintes termos da Medicina que surgem no título «Para que serve a Mebocaína® Forte?»:

- ✓ bucofaríngea
- ✓ anginas
- ✓ rouquidão
- ✓ mau hálito

RECEITAS

O texto de uma receita, em geral, obedece à seguinte estrutura: nome, ingredientes e quantidades, tempo e modo de preparação.

ARROZ DE PEIXE SECO

Ingredientes:

Arroz 300 gr
Peixe seco 150 gr
Cebola 90 gr
Óleo de amendoim 95 gr
Tomate 150 gr
Sal 25 gr
Louro 1 folha
Salsa q.b.(quanto baste)
Água q.b.

Preparação:

Para fazerem este prato, os axiluaanda, uma vez adquirido o peixe seco, demolham-no cerca de 10 minutos; retiram-no depois da água e colocam-no numa tábua ou num prato.

Dentro de uma panela, põem a cebola cortada aos pedacinhos com banha e, antes de alourar, deitam o peixe, o louro, a salsa e uma pequena porção de sal. Quando o peixe está quase cozido, acrescenta-se água para cozinhar o arroz. Deixam-no cozer até ficar bem cozido.

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Distingue, nesta receita, as duas partes que a compõem.
2. Numa receita, é tão importante indicar as acções como a ordem em que devem ser executadas.
 - 2.1. Sublinha palavras e expressões da segunda parte da receita que indicam a ordem das operações a realizar.
3. Identifica alguns termos específicos de cozinha que aparecem nesta receita.
4. Qual é o significado da abreviatura «q.b.»?

ABÓBORA GUISADA COM CARNE E FARINHA MUSSEQUE

Ingredientes:

Abóbora - 1750 gr
 Carne (de vaca) - 500 gr
 Óleo de palma - 150 gr
 Cebola - 100 gr
 Sal - 30 gr
 Farinha musseque - q.b.

Preparação:

Lava-se a carne e retira-se algumas das peles, que de modo nenhum são aproveitadas. Corta-se a carne aos pedaços e coloca-se dentro da panela com óleo, uma escama de cebola, sal e um pouco de água. Deixa-se cozer, aumentando a água de quando em quando. Como a abóbora não leva tempo a cozer, só se deita no guisado quando a carne já está cozida, depois de descascada, lavada e cortada aos pedaços.

Depois de tudo bem cozido, o guisado é retirado do fogo; serve também para acompanhamento do funji.

Havendo quiabos, estes podem ser introduzidos. A farinha musseque é consumida em bruto, isto é, tal como foi adquirida. Algumas pessoas misturam a farinha no caldo do guisado.

FEIJÃO COM ÓLEO DE PALMA (FEIJA IA MAJI MA NDEDE)

Ingredientes:

Água - 1 l
 Feijão - 1 l
 Óleo de palma - 13 colheres de sopa

Preparação:

Lave muito bem o feijão em duas águas, depois de o ter deixado de molho. Leve o feijão a cozer num tacho com 1,5 litros de água e, quando estiver meio cozido, deite um pouco de sal e meia chávena de óleo de palma, e deixe cozer completamente. Depois deite o resto do óleo, mexa e esmague um pouco o feijão para engrossar. Deixe cozer o resto do óleo em lume brando (é conveniente, embora mexendo de vez em quando, sentir que o feijão está a agarrar ao fundo da panela).

Nota: Sirva com farinha de mandioca torrada, que se espalha por cima. Também pode acompanhar com banana ou mandioca cozida. Ao lado, numa travessa, sirva peixe assado (mufete), como carapau ou outro peixe miúdo. Em Angola utiliza-se o Cacusso. Faz-se um molho com água, jindungo (piri-piri), cebola picada e sal e rega-se o peixe com este molho.

FUNJI DE BOMBÓ

Ingredientes:

Fubá de bombó

Água

Preparação:

Coloca-se a água no fogo, de preferência numa panela, até ferver.

Quando a água estiver a ferver, retira-se uma porção da mesma. Vai-se deitando a fubá aos poucos na panela, ao mesmo tempo que se vai mexendo com um pau próprio para o efeito (muxarico/ngasu).

Quando estiver a massa formada e consistente, sempre com a panela no fogo (ou no chão presa com os pés), vai-se batendo até a mesma estar bem ligada. Deita-se a água que se separou (se for necessário) e, no fogo, continua-se a bater a massa até ficar uma pasta lisa, homogénea e pronta a ser servida.

Come-se o funji, de preferência quentinho, acompanhando guisados de carne, peixe ou frango (conduto).

DOCE DE BANANA

Ingredientes:

Bananas - 6

Água - 1,5 dl

Açúcar - 300 gr

Ovos - 6

Preparação:

Num tacho leva-se ao lume o açúcar e a água que ferve até obter ponto de fio fraco. Juntam-se as bananas cortadas às rodelas que se deixam ferver até se desfazerem. Retira-se o tacho do lume e deixa-se arrefecer um pouco.

Adicionam-se as gemas batidas e passadas por um passador de rede e volta novamente ao lume para engrossar sem deixar talhar as gemas. Deixe arrefecer mais um pouco e, de seguida, junte as claras batidas em castelo firme. Envolve bem as claras sem as bater.

Divida o preparado por tacinhas ou taça.

Sirva bem fresco.

BOLETIM METEOROLÓGICO

Instituto Nacional de Meteorologia (INAMET)

Angola: Temperatura às 11 horas do dia 10 de Março do ano 2000

ESTAÇÃO	GRAUS		ESTADO DO TEMPO
	Mínima	Máxima	
Luanda	25	34	Limpo
Lubango	2	5	Chuva
Kabinda	4	9	Muito nublado
Benguela	20	25	Aguaceiros
Uíge	15	17	Neblina
Malanje	10	20	Céu encoberto
Sumbe	8	12	Pouco nublado
Huambo	10	14	Aguaceiros de neve
Namibe	12	18	Céu limpo
Kuito	5	8	Céu pouco nublado
Ndalatando	27	30	Limpo
Ondjiva	2	7	Neblina

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. Observa, com atenção, o boletim meteorológico.
 - 1.1. Apresenta o nome das cidades em que o céu estará pouco nublado.
 - 1.2. Indica que região registrará uma maior amplitude térmica (diferença entre a temperatura máxima e a temperatura mínima).

CLASSIFICADOS

VENDE-SE AUTOMÓVEL

Suzuki Samurai pela melhor oferta. Contactar telefones 09502594 e 341606.

CARRO DE OCASIÃO

Vendo um carro de marca Suzuki Vitara que já se encontra em Angola. Ano de fabrico: 1991. Em bom estado. Azul escuro, fechado, 4 portas. Para mais informações: 00559723.

COMPRA-SE JANTES ESPECIAIS

Para Suzuki Vitara. Desejo comprar um jogo de jantes especiais e pneus R15 para Suzuki Vitara. Quem desejar vender contacte-me pelo terminal 09366291.

VENDA DE CAMIÕES

Vendo grande quantidade de camiões: 6 Tatrás 815-2 6x6 (tractor) com cerca de 1000km, 200 Mercedes-Benz 1017 4x4 (roda dupla atrás) com cerca de 30 000km, 400 Unimog 1300 Terrain Lorry com cerca de 30 000km. Em excelente estado. 09600176.

COMPRO AUTOMÓVEIS

De preferência Toyota Corolla ou Carina II, a gasolina, 4 portas, com menos de 6 anos de fabrico. 09672684.

VENDE-SE AUTOMÓVEIS

Toyota Celica impecável, USD 3.000,00 pronto a andar. Telefone 330253 das 9h00 às 10h00.

COMPRO

Compro loja bem localizada em Luanda para alugar ou comprar (em prestações). Caso pretenda responder ligue para 923845012.

ARRENDA-SE

Uma moradia. Contactar Naty, telefones 346621, 340529 e 09515767 Vila Alice.

VENDO

Vendo apartamento com um quarto, sala, cozinha estilo americano, varanda fechada em vidro martelado, canto gradeado, num terceiro andar, Luanda. Mais informações: 467123.

VENDE-SE TERRENO

Vendo um terreno localizado na província do Kwanza Sul, mais propriamente no município de Seles, ótimo para instalação de uma fazenda, com 1000m². Para mais informações contactar o Sr. Silva Jorge (425823).

PROCURO

Procuo apartamento/residência no centro de Luanda para arrendar, em prédio com condomínio próprio, sem preocupações com infra-estruturas de energia ou água. Preço máximo: USD 2.500,00/mês. Contactar 09598381.

ARRENDA-SE

Armazém na zona da baixa da cidade, Samba ou Combatentes. Contactar pelos telefones 09508952 ou 364522 a qualquer hora.

VENDE-SE

Papel de fotocópia, 80 gr em resmas. Tel: 380245

VENDO

Portátil Acer Travelmate novo com DVD e CD. Com apenas 2,8 kg, fino. Com capa de transporte. USD 1.500,00. Contacto: 430847.

TÊXTEIS-LAR

Vendo todo o tipo de têxteis-lar. Se está a fazer o seu enxoval ou quer renovar as suas toalhas de mesa, colchas, lençóis de casal ou solteiro, fale comigo. Tenho tudo o que precisa da melhor qualidade ao melhor preço. Informações no 09453320.

EMPREGO

Sou jovem pré-finalista do curso de Topografia no Instituto de Cartografia e Geodesia de Angola. Tenho experiência em trabalhos de secretaria. Procuo emprego em Luanda. Contactar 09221940.

PROCURO TRABALHO

Sou mecânico de máquinas pesadas, motores a diesel e transmissões e gostaria de trabalhar em Angola na área de mineração ou petrolífera. Actualmente resido no Brasil e sou natural de Malanje. Posso boas referências. 091111097.

PROCURO MÚSICA

Compro música de Angola dos anos 70 (Rui Mingas, Barceló de Carvalho e outros), se possível já em CD. Contacte 09462997.



EMPRESA DE ARTES GRÁFICAS

IMPRESSOS COMERCIAIS DE TODO O TIPO
LIVROS • REVISTAS • CARTAZES • PANFLETOS
RÓTULOS • EMBALAGENS DE CARTOLINA

Av. Ho Chi Min N.º 68 - Luanda - Angola • Telf.: 00244 222 329 211 • Email: geral@gestgrafica.com

COMPREENSÃO DO TEXTO

1. GestGráfica, S.A. é a responsável por este anúncio.
 - 1.1. Trata-se de publicidade comercial ou não comercial?
 - 1.2. O que se pretende com este anúncio, isto é, qual é a sua finalidade?
2. O texto publicitário utiliza frequentemente frases do tipo imperativo. É o caso deste anúncio? Justifica a tua resposta.
3. Identifica o **slogan**. Dá a tua opinião sobre a sua expressividade, tendo em conta as características de um *slogan*.



Editora de:
Lista Telefónica Nacional
Lista de Fax Email
Guia Turístico de Angola



Rua Cirilo da Conceição Silva, Nº41- Caixa Postal: 3429
Tel: 222 396385 222 372139 222 372190 | Fax: 222 396182
elta@multitel.co.ao | www.paginasdouradas.co.ao | www.guiaturisticoangola.co.ao



Sou 1 em 800 mil
mas tratam-me como se fosse o único.



O BFA tem hoje mais de 800.000 Clientes. Clientes que têm necessidades diferentes e a quem disponibilizamos as melhores soluções financeiras, adaptadas às necessidades de cada um. Com mais de 150 Balcões em todo o país e profissionais dedicados, tratamos os nossos Clientes como se fossem únicos. Saiba mais em www.bfa.ao.

BFA. O Banco de todos os angolanos.





O SONHO A TORNAR-SE REALIDADE.

Concluída a 1ª Fase de requalificação da Baía de Luanda - Intervenção entre o Largo da Amizade Angola e Cuba, a Ilha do Cabo e a Chicala.



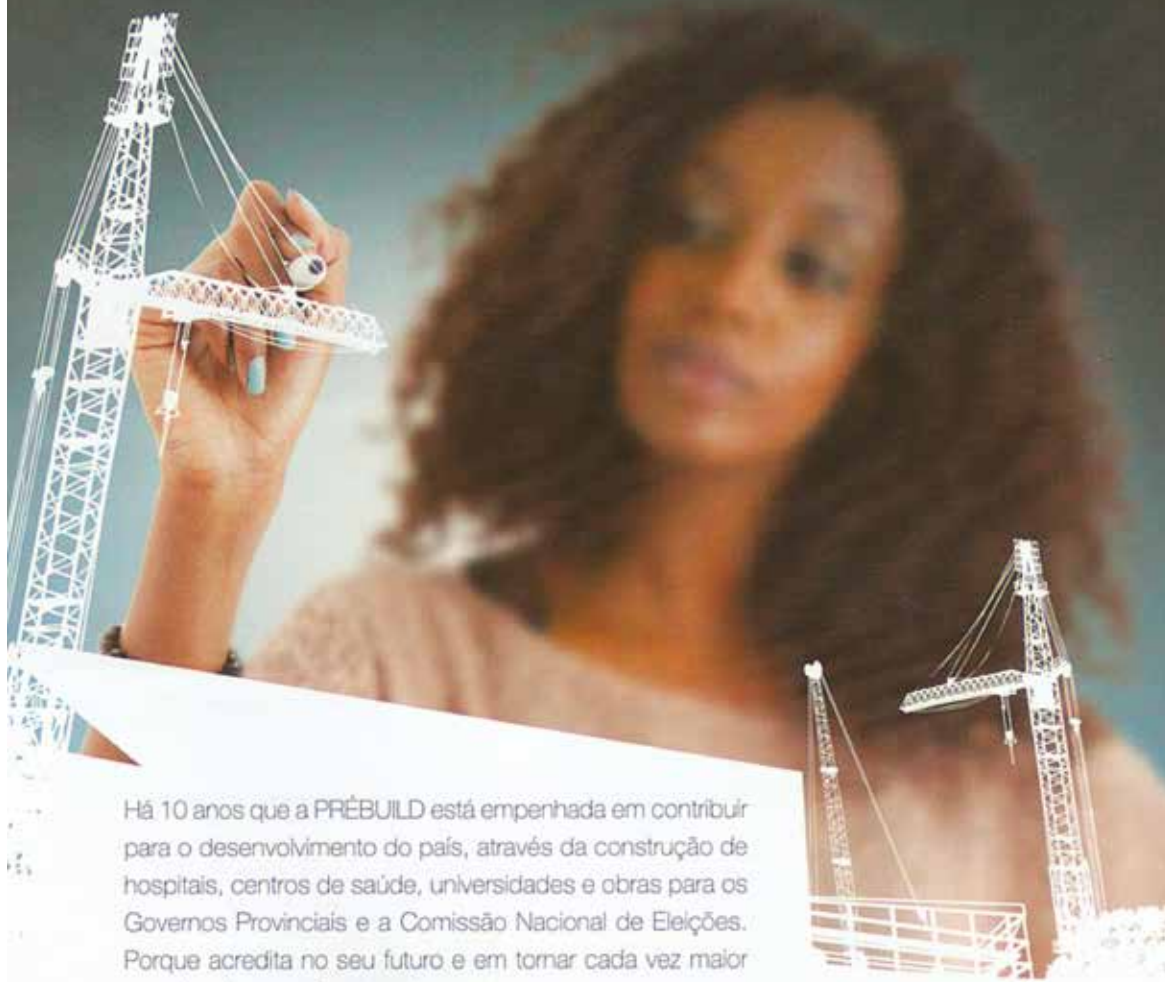
BAÍA DE LUANDA

Mexe Connosco

www.baiaделуанда.com | geral@baiaделуанда.com

PRÉBUILD CONSTRUIMOS O PROGRESSO.

O PARTÍCIPAR



Há 10 anos que a PRÉBUILD está empenhada em contribuir para o desenvolvimento do país, através da construção de hospitais, centros de saúde, universidades e obras para os Governos Provinciais e a Comissão Nacional de Eleições. Porque acredita no seu futuro e em tornar cada vez maior uma Angola que não para de crescer.

 **PRÉBUILD®**

www.prebuild.com

Estrada Kenguela Norte, Zona Industrial, Lar Patriota, Município da Samba, Bairro Benfica, Luanda Sul, Tel: +00244 226 430 757, Fax: +00244 226 430 766

Parceiro Tecnológico



O SAPO Angola é que está na moda.
www.sapo.ao



As tuas fotos. A tua agenda de espectáculos e festas.
Os teus vídeos. O teu horóscopo. O teu mail. O teu blog.

Tu estás no SAPO Angola.

Air26

Linhas Aéreas

Voe em boa companhia



PONTUALIDADE REGULARIDADE SEGURANÇA

A Air 26 na qualidade de operador aéreo, reitera o seu compromisso de continuar empenhada no processo de afirmação como uma companhia aérea de referência, que vem desenvolvendo desde há cinco anos o seu trabalho com base em valores tais como o profissionalismo, a eficácia, a segurança, a pontualidade, o conforto dos passageiros e uma qualificação permanente dos seus recursos humanos.

Rua Amílcar Cabral, 135 R/C, Zona 5 - Luanda - Angola. Contactos: 912 554 841 / 917 870 046



Para que se extraia o que Angola tem de mais precioso: a sua Sustentabilidade Ambiental.

Desenvolvemos as soluções mais seguras e eficazes para a **gestão e tratamento de resíduos** ricos em hidrocarbonetos, provenientes das actividades de refinação da indústria petrolífera.

· **segurança** · **sustentabilidade**
 · **liderança** · **integridade** · **inovação**
 · **eficiência** · **dedicação** · **rigor**

VISTA
Waste Management

Rua Manuel Almeida e Cascaemiro
 N.º 60 - Bairro Edif - Luanda - Angola
 Tel: (244) 222 291 988 - Fax: (244) 222 202 118
 Telex: (244) 900 200 200
 Mail: manuel@vista.co.ao

Na construção de um Futuro Melhor

EXERCÍCIO

Divide a tua turma em diversos grupos e distribui a cada grupo um dos anúncios apresentados nas páginas anteriores (A, B, C, D, E, F, G, H, I). Cada grupo vai analisar o seu anúncio, tendo em conta os seguintes tópicos:

Dados exteriores:

- ✓ Nome do produto anunciado.
- ✓ Tipo de produto (electrodoméstico, bebida, etc.).
- ✓ Público a que se dirige.
- ✓ Instinto para que apela.

A imagem:

- ✓ É fotografia ou desenho?
- ✓ Descrição: o que é que se vê?
- ✓ Cores predominantes.
- ✓ A imagem tem relação directa com os produtos?
- ✓ Se não tem, por que razão se utilizam essas imagens?

O texto:

- ✓ Há algum slogan? Qual?
- ✓ Há outros textos para além do slogan? Quais?
- ✓ Em que lugar aparecem?
- ✓ Que função têm?
- ✓ Processos linguísticos (tipos e formas de frases, classes de palavras, outros recursos expressivos).

A tua opinião:

- ✓ Qual é o principal atractivo do anúncio?
- ✓ Achas que consegue atingir os seus objectivos?

Recorda o que aprendeste nesta unidade e escolhe a opção correcta.

1. O texto injuntivo/apelativo procura:

- a) divertir o receptor.
- b) que o receptor execute uma tarefa ou desenvolva determinado comportamento.
- c) relatar experiências sociais.

2. Exemplos de textos injuntivos são:

- a) a publicidade, a receita de cozinha, o itinerário.
- b) a notícia, a entrevista e a carta.
- c) a lenda, o conto tradicional e a fábula.

3. O texto publicitário tem como objectivo:

- a) promover a venda de produtos ou serviços e divulgar ideias.
- b) apresentar ao público imagens sugestivas.
- c) divertir o público com frases originais.

4. A sigla AIDMA sintetiza os seguintes aspectos:

- a) amor, interesse, distracção, memorização, acção.
- b) atenção, interesse, desejo, memorização, acção.
- c) atenção, inteligência, desejo, memorização, acção.

5. Num texto injuntivo/apelativo predomina:

- a) o pretérito perfeito do indicativo.
- b) o imperativo, o futuro imperfeito e o infinitivo.
- c) o pretérito imperfeito do indicativo.

6. As instruções visam:

- a) orientar-nos na realização de determinada tarefa.
- b) narrar o modo como se realiza determinada acção.
- c) divertir o receptor.

7. A posologia é um texto apelativo/injuntivo que costuma acompanhar:

- a) os medicamentos.
- b) os produtos alimentares.
- c) uma ferramenta eléctrica.

RESULTADO

Se acertaste em 0, 1, 2 ou 3 respostas... Precisas de estudar mais!

Se acertaste em 4 ou 5 respostas... Foi bom, mas é necessário rever alguns conteúdos.

Se acertaste em 6 ou 7 respostas... Parabéns, óptimo resultado!

bloco gramatical

ACENTOS GRÁFICOS

Os acentos gráficos são três:

- ✓ **o acento agudo (´)** – marca a sílaba tónica com vogal aberta (á, é, ó) ou com (i) ou (u), nos casos em que for necessário o acento gráfico.
Ex.: dália, café, móvel, bílis, húmido.
 - ✓ **o acento grave (`)** – usa-se apenas em determinadas contracções com preposições:
Ex.: à (a + a)
àquela (a + aquela)
 - ✓ **o acento circunflexo (^)** – marca a sílaba tónica com vogal média (â, ê, ô), quando for necessário o acento gráfico.
Ex.: pôs, Cândido, silêncio.
- Utiliza-se também em determinadas formas verbais.
Ex.: têm, vêm, lêem, vêem.

SINAIS DE PONTUAÇÃO E AUXILIARES DA ESCRITA

Os sinais de pontuação marcam, na língua escrita, as pausas e a entoação da língua falada. São os seguintes os sinais de pontuação usados na língua escrita:

- ✓ **o ponto (.)** – marca o fim de uma frase de tipo declarativo e corresponde-lhe uma pausa longa.
- ✓ **o ponto e vírgula (;)** – indica que a frase seguinte vai continuar a ideia anterior. A frase que se segue ao ponto e vírgula inicia-se com letra minúscula. Corresponde-lhe também uma pausa mais ou menos longa.
- ✓ **a vírgula (,)** – marca uma pequena pausa.
- ✓ **os dois pontos (:)** – empregam-se para anunciar:
 - uma citação (discurso directo ou não);
 - uma enumeração;
 - uma explicação.
- ✓ **o ponto de interrogação (?)** – indica que a frase contém uma pergunta. É uma frase interrogativa.
- ✓ **o ponto de exclamação (!)** – emprega-se para indicar espanto, admiração, surpresa. Marca uma frase exclamativa.
- ✓ **as reticências (...)** – indicam que o emissor não terminou o seu pensamento, que alguma coisa ficou por dizer.

Substantivos colectivos

Os substantivos colectivos designam, no singular, um conjunto de seres da mesma espécie.

Ex.: **bando** (aves, malfeitores)

enxame (abelhas)

arquipélago (ilhas)

turma (estudantes)

vara (porcos)

ninhada (aves, filhos, ratos)

cordilheira (serras)

armada (navios)

cardume (peixes)

quadrilha (ladrões)

Os substantivos variam em **género, número e grau**.

GÉNERO

Existem dois géneros gramaticais: **masculino e feminino**.

Consideram-se masculinos os substantivos aos quais se podem antepor os artigos o, os, um, uns.

Ex.: **o gato, os lápis, um casaco, uns sapatos**.

Consideram-se femininos os substantivos aos quais se podem antepor os artigos a, as, uma, umas.

Ex.: **a gata, as canetas, uma saia, umas botas**.

Formação do Feminino dos Substantivos

Os substantivos terminados em -o e -e formam o feminino substituindo estas vogais por -a:

gato

gata

cozinheiro

cozinheira

infante

infanta

Os substantivos terminados em consoante formam o feminino acrescentando um -a:

pintor

pintora

juíz

juíza

professor

professora

Os substantivos terminados em -ão podem formar o feminino substituindo esta terminação por: -ona, -ã, -oa, -ana.

comilão

comilona

capitão

capitã

irmão

irmã

leão

leoa

campeão

campeã

sultão

sultana

Não seguem esta regra:

barão	baronesa
perdigão	perdiz
ladrão	ladra

Os substantivos terminados em -e podem formar o feminino substituindo esta terminação por -esa ou -essa:

duque	duquesa
abade	abadessa

Os substantivos terminados em -eu formam o feminino mudando essa terminação em -eia ou -ia:

uropeu	uropeia
judeu	judia

Os substantivos terminados em -tor e -dor formam o feminino em -triz:

actor	atriz
embaixador	embaixatriz

Nota: – Embaixatriz – mulher do embaixador
– Embaixadora – mulher que desempenha o cargo

Os substantivos terminados em -dor formam o feminino em -deira ou -dora:

lavrador	lavradeira
vencedor	vencedora

Há casos em que o feminino é definido por uma palavra muito diferente:

homem	mulher	cavalo	égua
pai	mãe	cão	cadela
genro	nora	galo	galinha

Outros substantivos designativos de animais (epícenos) mantêm o mesmo género e a **distinção é feita pela palavra macho ou fêmea**:

tigre macho	tigre fêmea
girafa macho	girafa fêmea

Outros têm uma só forma com um único género (sobrecomens), qualquer que seja o seu sexo:

- a criança	- a testemunha
- a pessoa	- o indivíduo

Há substantivos, que têm uma forma comum aos dois géneros (comuns de dois) e a **distinção é feita através do artigo**:

o doente	a doente
o jornalista	a jornalista
o colega	a colega

NÚMERO

O substantivo varia também em número: **singular** (corresponde a uma só unidade) e **plural** (corresponde a duas ou mais unidades).

Formação do plural dos substantivos

Regra geral: forma-se juntando um **-s** ao singular:

casa	casas
livro	livros

Substantivos terminados em **-ão** formam o plural de três formas diferentes:

ão	ãos	cidadão/cidadãos; irmão/irmãos
ão	ões	acção/acções; lição/lições
ão	ães	cão/cães; capitão/capitães

Substantivos terminados em **consoante** formam o plural acrescentando **-es**: **país/países; rapaz/rapazes; dor/dores; abdómen/abdómenes**.

Substantivos terminados em **L**:

- mudam o **al** em **ais**: avental/aventais
- mudam o **ol** em **óis**: rissol/rissóis
- mudam **ul** em **uis**: paul/pauis
- mudam o **el** tónico em **éis**: pastel/pastéis
- mudam o **el** átono em **eis**: túnel/túneis
- mudam o **il** tónico em **is**: funil/funis
- mudam o **il** átono em **eis**: réptil/répteis

Há substantivos que apresentam uma só forma no singular e no plural – **substantivos uniformes** –, reconhecendo-se o seu número através do artigo:

o atlas/os atlas;
o alferes/os alferes;
o pires/os pires.

Há, ainda, alguns substantivos que **não variam de número**. Assim:

- Só se usam no singular: a fé; a inocência.
- Só se usam no plural: as cócegas; os parabéns.

Alguns substantivos, embora apresentando forma de plural, **designam um único objecto**:
os óculos,
as calças.

Outros ainda **têm significado diferente no singular e no plural**:

água/águas (medicinais);
féria (salário)/férias;
miolo/miolos (cérebro).

GRAU

Os substantivos podem variar em grau.

O grau **augmentativo** indica uma ideia de grandeza e o **diminutivo**, habitualmente, indica pequenez.

SUBSTANTIVO	AUMENTATIVO	DIMINUTIVO
rapaz	rapagão	rapazinho/rapazito
boca	bocarra	boquinha/boquita

CLASSE DOS ADJECTIVOS

Os adjectivos são palavras que caracterizam ou qualificam os substantivos a que se referem. Os adjectivos variam em:

Género: sala pequena / quadro pequeno.

Número: sala pequena / salas pequenas.

Grau: sala pequena / sala tão pequena / sala pequeníssima.

GÉNERO

Os adjectivos concordam sempre com os substantivos que qualificam:

- ✓ Há adjectivos que têm uma forma para o masculino e outra para o feminino – são **biformes**.
 Ex.: tempo fresco / roupa fresca
 dia chuvoso / manhã chuvosa
- ✓ Outros têm uma só forma para o masculino e para o feminino – são **uniformes**.
 Ex.: homem inteligente / mulher inteligente
 solo fértil / terra fértil
- ✓ Quando se enumeram vários substantivos femininos, o adjectivo vai para o masculino desde que na expressão haja um substantivo masculino.
 Ex.: O feijão, a fuba, a gimboa e a fruta são bons para a saúde.

NÚMERO

Os adjectivos concordam sempre com os substantivos que caracterizam.

Ex.: livro interessante / livros interessantes

GRAU

Os adjectivos variam em grau:

- ✓ **Grau normal** – exprime apenas uma característica:
O Chavala é inteligente.
- ✓ **Grau comparativo** – estabelece a comparação entre dois seres.
Comparativo de superioridade (forma-se com **mais... do que** ou **mais... que**):
O Chavala é mais inteligente do que a Noémia.

Comparativo de igualdade (forma-se com **tão... como**):
O Chavala é tão inteligente como a Noémia.

Comparativo de inferioridade (forma-se com **menos... do que** ou **menos... que**):
O Chavala é menos inteligente do que a Noémia.
- ✓ **Grau superlativo** – exprime a característica de um ser no grau mais elevado (absoluto) ou relacionando-o com outros seres (relativo).
Superlativo relativo de superioridade (forma-se com **o mais...**)
O Massamba é o mais inteligente.
Superlativo relativo de inferioridade (forma-se com **o menos...**)
O Massamba é o menos inteligente.
Superlativo absoluto analítico (forma-se com **muito...**)
O Massamba é muito inteligente.

Há adjectivos que formam o superlativo absoluto sintético a partir da forma latina:

Os terminados em **-vel** formam o superlativo absoluto sintético substituindo aquela terminação por **-bil**:

amável	amabilíssimo
saudável	saudabilíssimo

Os terminados em **-z** substituem a terminação por **-c**:

feliz	felicíssimo
atroz	atrocíssimo

Formam o superlativo em **-érrimo**, por exemplo:

célebre	celebérrimo
pobre	paupérrimo
áspero	aspérrimo

Formam o superlativo em **-límio**, por exemplo:

fácil	facílimo
difícil	difícilímio
humilde	humílimo

Também se aproximam da forma latina:

amigo	amicíssimo
antigo	antiquíssimo
doce	dulcíssimo
fiel	fidelíssimo
cruel	crudelíssimo
frio	frigidíssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
simples	simplicíssimo

Casos especiais de formação do comparativo e superlativo:

FORMAS SINTÉTICAS DA FLEXÃO DO GRAU				
Normal	Comparativo	Superlativo absoluto		Superlativo
		Irregular	Regular	Relativo
bom	melhor	óptimo	boníssimo	o melhor
mau	pior	péssimo	malíssimo	o pior
grande	maior	máximo	grandíssimo	o maior
pequeno	menor	mínimo	pequeníssimo	o menor

OS NUMERAIS

Os **numerais** indicam uma quantidade numérica de seres ou objectos, a sua ordem numa série ou ainda a sua multiplicidade ou fracção numérica.

Os numerais dividem-se em **cardinais**, **ordinais**, **multiplicativos**, **fraccionários** e **colectivos**:

- ✓ Os **cardinais** indicam a quantidade de seres ou objectos.
Ex.: Encontrei três colegas nesta rua.
- ✓ Os **ordinais** indicam a ordem que os seres ou objectos ocupam numa série.
Ex.: Encontrei o terceiro colega nesta rua.
- ✓ Os **multiplicativos** indicam o aumento proporcional ou a multiplicidade dos seres ou objectos.
Ex.: Esta rua tem o triplo dos colegas daquela.
- ✓ Os **fraccionários** indicam a divisão proporcional dos seres ou objectos.
Ex.: Só encontrei um terço dos meus colegas.

OS ARTIGOS

São palavras variáveis que se antepõem aos substantivos para lhes particularizar o sentido.

Há duas espécies de artigos: **definidos** e **indefinidos**.

Os **artigos definidos** indicam seres bem determinados e os artigos indefinidos indicam que os seres estão num sentido indeterminado.

	DEFINIDOS		INDEFINIDOS	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Masculino	o	a	um	uns
Feminino	a	as	uma	umas

Os artigos definidos e indefinidos podem aparecer em contracções com preposições:

- ao (a + o)
- à (a + a)
- dos (de + os)
- no (em + o)
- pelo (por + o)
- pelas (por + as)
- numa (em + uma)
- dum (de + um)

OS PRONOMES

Os pronomes são palavras que se utilizam em vez dos substantivos (nomes), evitando assim a sua repetição.

PRONOMES PESSOAIS

Os pronomes pessoais indicam as pessoas que participam na comunicação.

Ex.: **Eu** vou à lavra.

Tu gostas de mandioca.

Ela cozinha muito bem.

São três as pessoas gramaticais:

A **1.ª pessoa** é a que fala – o emissor: **eu**, no singular; **nós**, no plural.

A **2.ª pessoa** é aquela a quem se fala – o receptor: **tu**, no singular; **vós**, no plural.

A **3.ª pessoa** é aquela de quem se fala – **ele** ou **ela** no singular; **eles** ou **elas**, no plural.

Todos estes pronomes desempenham a função sintáctica de sujeito, mas os pronomes pessoais podem exercer na frase a função de **complemento directo**, **complemento indirecto** ou **complemento circunstancial**.

Ex.: A Cassinda fez um bolo e deu-o à irmã.

o – é um pronome pessoal porque está em vez de «bolo» e desempenha na frase a função de complemento directo (o que deu).

A mãe da Gika fez anos e ela ofereceu-**lhe** um bubu.

lhe – é um pronome pessoal porque está em vez de «mãe» e desempenha na frase a função de complemento indirecto (a quem ofereceu).

Vem **comigo** visitar a exposição.

comigo – é um pronome pessoal e desempenha na frase a função de complemento circunstancial de companhia (com quem vem).

PRONOMES POSSESSIVOS

Os pronomes possessivos substituem um substantivo e indicam a pessoa que tem a posse de qualquer objecto.

Ex.: Comprei este livro para mim, o **teu** está ali.

Estes cadernos pertencem-nos, os **vossos** estão na gaveta.

As palavras **teu** e **vossos** designam posse e evitam a repetição das palavras «livro» e «cadernos» – são pronomes possessivos.

PRONOMES PESSOAIS					
		Singular		Plural	
	Pessoa	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Um só possuidor	1. ^a	meu	minha	meus	minhas
	2. ^a	teu	tua	teus	tuas
	3. ^a	seu	sua	seus	suas
Vários possuidores	1. ^a	nosso	nossa	nossos	nossas
	2. ^a	vosso	vossa	vossos	vossas
	3. ^a	seu	sua	seus	suas

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Os pronomes demonstrativos substituem substantivos e indicam a posição de seres ou objectos no espaço ou no tempo.

Ex.: **Esta** é a aluna que apresentou melhor trabalho.

Aquele é o dicionário de que te falei.

As palavras **esta** e **aquela** estão em vez de substantivos e dão uma indicação acerca deles.

Os pronomes **isto**, **isso** e **aquilo** são invariáveis (em género e número) e normalmente referem-se a seres inanimados.

Ex.: **Isto** é digno de louvor.

Aquilo lá longe o que é?

PRONOMES DEMONSTRATIVOS				
Variáveis				Invariáveis
Singular		Plural		
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
este	esta	estes	estas	isto isso aquilo
esse	essa	esses	essas	
aquele	aquela	aqueles	aquelas	
o outro	a outra	os outros	as outras	
o mesmo	a mesma	os mesmos	as mesmas	
tal	tal	tais	tais	
o	a	os	as	

PRONOMES INDEFINIDOS

Os pronomes indefinidos designam seres ou objectos de uma forma vaga porque o seu sentido é vago, indeterminado ou impreciso.

Ex.: **Alguém** me chamou.

Deram-lhe **tudo**.

PRONOMES INTERROGATIVOS

Os pronomes interrogativos servem para introduzir perguntas.

Ex.: Que pensas fazer?

Quem julgas que és?

PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos referem-se a uma palavra expressa anteriormente – o antecedente.

Ex.: A rapariga é alta. Nós vimos a rapariga.

O jogador marcou o golo. Eu aprecio esse jogador.

As frases que constituem cada um dos períodos podem, pela sua relação de dependência e simplicidade de linguagem, surgir escritas assim:

- A rapariga **que** nós vimos é alta.
- Eu aprecio o jogador **que** marcou o golo.

Substituímos, respectivamente, «rapariga» e «jogador» pelo pronome relativo **que**.

PRONOMES RELATIVOS				
Variáveis				Invariáveis
Singular		Plural		
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
o qual	a qual	os quais	as quais	que quem onde
quanto	quanta	quantos	quantas	
cujo	cuja	cujos	cujas	

OS VERBOS

Os verbos são palavras variáveis que exprimem acções, qualidades ou estados, representados no tempo.

A função sintáctica desempenhada pelo verbo na oração é o predicado.

Há três conjugações:

1.ª Conjugação – verbos de tema em **a**:

amar,
louvar,
chorar, etc.

2.ª Conjugação – verbos de tema em **e**:

comer,
viver,
ter, etc.

3.ª Conjugação – verbos de tema em **i**:

partir,
fugir,
rir, etc.

O **tema** é a parte fundamental do verbo e obtém-se suprimindo o **r** final do infinitivo:

ama(**r**) – vogal temática (a)
come(**r**) – vogal temática (e)
parti(**r**) – vogal temática (i)

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

Quanto à flexão, os verbos podem ser **regulares**, **irregulares** e **defectivos**.

Retirada a vogal temática ao tema do verbo, ficamos com o **radical**:

am(**a**) – am
com(**e**) – com
part(**i**) – part

Quando os verbos mantêm o radical em toda a sua conjugação chamam-se **verbos regulares**.

Ex.:

Amar	<u>am</u> ava	<u>am</u> arei	<u>am</u> asse
Comer	<u>com</u> ia	<u>com</u> erei	<u>com</u> esse
Partir	<u>part</u> ia	<u>part</u> irei	<u>part</u> isse

Quando os verbos não mantêm o radical em toda a sua conjugação chamam-se **verbos irregulares**.

Ex.:

Fazer	faço	fiz	faria
Poder	posso	pude	poderia
Trazer	trago	trouxe	traria
Ir	vou	fui	iria

Os verbos **defectivos** são verbos que apresentam uma conjugação incompleta, porque não se usam em todos os tempos ou em todas as pessoas.

Há a considerar:

- ✓ **Verbos defectivos pessoais** que se usam só em alguns tempos ou pessoas por serem de desagradável pronúncia.

Ex.: abolir, colorir,
demolir, falir,
reaver, etc.

- ✓ **Verbos defectivos impessoais** que exprimem vozes de animais, usados apenas na 3.ª pessoa do singular e plural.

Ex.: ganir, latir,
miar, cacarejar,
grasnar, ladrar, etc.

- ✓ **Verbos defectivos impessoais** que designam fenómenos da natureza, só usados na 3.ª pessoa do singular e cujo sujeito é inexistente.

Ex.: amanhecer, alvorecer,
entardecer, relampejar,
ventar, nevar,
chover, etc.

Quanto à sua função, os verbos podem ser **principais**, **auxiliares**, de **ligação**, **transitivos** e **intransitivos**.

Repara nas seguintes frases:

- O Chissepele conduz a viatura. (conduz – verbo principal)
- O Chissepele tem conduzido a viatura. (tem – verbo auxiliar)
- O Chissepele é o condutor. (é – verbo principal e de ligação)

Na primeira frase, a forma verbal **conduz** indica uma acção praticada pelo Chissepele e inclui em si as características do verbo: tempo (presente), modo (indicativo), pessoa (3.ª), número (singular).

Na segunda frase, a forma verbal **tem conduzido** é constituída pelo verbo auxiliar ter e pelo verbo principal **conduzir**. Neste caso, o verbo auxiliar serve apenas para a formação do tempo composto - pretérito perfeito composto do indicativo.

Na terceira frase o verbo **ser** aí utilizado apenas estabelece a ligação entre o Chissepele e a qualidade que lhe é atribuída - condutor.

Verbos transitivos são os que exprimem uma acção cujo sentido só fica completo com determinados termos que se lhe juntam.

Ex.: A Tchissola **lê** bons livros.

Tchissola **obedece** aos professores.

A Tchissola **pediu** um livro ao professor.

Na primeira frase, o verbo **ler** teve o seu sentido completo porque lhe juntámos um complemento directo (bons livros) – é um verbo **transitivo directo**.

Na segunda frase, ao verbo **obedecer** juntámos um complemento indirecto (aos professores) para completar o seu sentido - é um **verbo transitivo indirecto**.

Finalmente, na terceira frase, ao verbo **pedir** juntámos um complemento directo (um livro) e um complemento indirecto (ao professor) para completar o seu sentido – é um **verbo transitivo directo e indirecto**.

Verbos intransitivos são os que exprimem uma acção com sentido completo.

Ex.: A Vissolela **tropeçou** e **caiu**.

CATEGORIAS DO VERBO

O verbo varia em **modo, tempo, pessoa e número**.

Modo

Indica a atitude do sujeito (certeza, dúvida, ordem, etc.) em relação ao enunciado.

- ✓ **Indicativo** – indica um facto real, há uma certeza por parte do sujeito.
Ex.: Cafuxi preparou uma bela exposição.
- ✓ **Conjuntivo** – indica uma possibilidade ou dúvida.
Ex.: Talvez o Cafuxi prepare uma bela exposição.
- ✓ **Imperativo** – indica uma ordem, um conselho ou um desejo.
Ex.: Prepara esta exposição! Por favor, prepara agora uma exposição.
- ✓ **Infinitivo** – indica a ideia do enunciado de uma forma abstracta.
Ex.: É necessário preparar essa exposição.

Tempo

Indica o momento em que ocorre a acção expressa pelo verbo.

Tempos naturais

- ✓ **Presente** – situa a acção no momento em que se fala.
- ✓ **Pretérito** – situa a acção antes do momento em que se fala.
- ✓ **Futuro** – situa a acção depois do momento em que se fala.

Tempos verbais

- ✓ **Presente** – acção actual.
Ex.: Hoje eu **pinto** este quadro. (presente do indicativo)
É possível que eu **pinte** este quadro. (presente do conjuntivo)
- ✓ **Pretérito perfeito** – acção anterior à actualidade.
Ex.: Ontem **pinte**i este quadro. (pretérito perfeito do indicativo)
É possível que eu **tenha pintado** esse quadro. (pretérito perfeito do conjuntivo)
- ✓ **Pretérito imperfeito** – acção anterior à actualidade mas contemporânea de outra acção passada.
Ex.: Eu **pintava** quando tu entraste. (pretérito imperfeito do indicativo)
Eles comprariam o quadro se eu o **pintasse**. (pretérito imperfeito do conjuntivo)
- ✓ **Pretérito mais-que-perfeito** – acção anterior à actualidade e ainda anterior a outra já passada.
Ex.: Quando tu pintaste eu já **pintara**. (pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo)
Quando tu pintaste eu já **tinha pintado**. (pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo)
- ✓ **Futuro** – acção posterior à actualidade.
Ex.: **Pintarei** um novo quadro na próxima semana. (futuro imperfeito do indicativo)
Quando eu **pintar** tu verás. (futuro imperfeito do conjuntivo + futuro imperfeito do indicativo)
Ofereço um quadro quando eu **tiver pintado**. (futuro perfeito composto do conjuntivo)
- ✓ **Condicional** – acção dependente de uma condição.
Ex.: Eu **pintaria** se houvesse claridade suficiente. (condicional)

Pessoa e número

O verbo apresenta três pessoas gramaticais (1.^a, 2.^a, 3.^a) conjugadas no singular (eu, tu, ele/ela) e no plural (nós, vós, eles/elas).

Singular

1.^a pessoa – eu pinto um quadro.

2.^a pessoa – tu pintas um quadro.

3.^a pessoa – ele/ela pinta um quadro.

Plural

1.^a pessoa – nós pintamos um quadro.

2.^a pessoa – vós pintais um quadro.

3.^a pessoa – eles/elas pintam um quadro.

ADVÉRBIOS E LOCUÇÕES ADVERBIAIS

Os **advérbios** são palavras invariáveis que servem para modificar ou acentuar o sentido dos verbos, dos adjectivos ou dos próprios advérbios.

Ex.: Chegaste **agora**? (verbo + advérbio)
 Está **muito** preocupado. (advérbio + adjectivo)
 Chegaste **bastante tarde**. (advérbio + advérbio)

Os principais advérbios são:

Afirmação:	sim, certamente, decerto,	efectivamente, já, etc.
Negação:	não, nunca, etc.	jamais,
Dúvida:	acaso, porventura,	provavelmente, talvez, etc.
Lugar:	aqui, acolá, atrás, abaixo, fora, perto,	ali, lá, acima, dentro, onde, longe, etc.
Tempo:	agora, ontem, cedo, já,	ainda, amanhã, depois, logo, etc.
Modo:	bem, melhor, mal, pior, depressa, devagar, facilmente, e muitas outras palavras terminadas em – mente.	
Quantidade ou intensidade:	muito, mais, tão, quase, bem, etc.	
Exclusão:	apenas, somente,	só, exclusivamente, etc.
Inclusão:	até, também,	mesmo, inclusivamente, etc.
Designação:	eis	
Interrogação:	de lugar - onde? de tempo - quando? de modo - como? de causa - porquê?	

As **locuções adverbiais** são expressões equivalentes a advérbios. Eis algumas locuções adverbiais:

Afirmação:	por certo, com certeza, etc.	
Negação:	de forma alguma, de modo nenhum, etc.	
Quantidade:	de todo, de pouco, de nenhum, etc.	
Tempo:	de manhã, à noite,	de tarde, de vez em quando, etc.
Lugar:	ao lado, por dentro, à esquerda, etc.	por cima, à direita,
Modo:	à vontade, por acaso,	em geral, na verdade, etc.

PREPOSIÇÕES E LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

As **preposições** são palavras invariáveis que estabelecem uma relação entre os elementos da frase.

Ex.: Viajava **de** Luanda **para** Malange **em** 6 horas.

Na frase, a preposição **de** relacionava a forma verbal com a cidade – Luanda – indicando o **lugar de onde**; a preposição **para** relacionava a forma verbal e indica o **lugar para onde**; a preposição **em** refere o tempo, a duração da viagem.

Eis as principais preposições:

a	entre
ante	excepto
após	mediante
até	para
com	perante
conforme	sobre
consoante	por
contra	salvo
de	segundo
desde	sem
durante	sob
em	trás

As **locuções prepositivas** desempenham funções idênticas às preposições. Eis algumas:

abaixo de	antes de	dentro de	em vez de
acerca de	apesar de	depois de	para com
acima de	atrás de	diante de	por causa de
a fim de	através de	em lugar de	por trás de

As **interjeições** são palavras invariáveis que exprimem emoções ou sentimentos.

Ex.:	Oh! Que bom!	Alegria
	Ah! Não sabia!	Surpresa
	Ui! Magoaste-me!	Dor
	Oh! É incrível!	Indignação, espanto
	Socorro!	Chamamento
	Bravo!	Entusiasmo
	Ai! Que susto!	Medo
	Oxalá isto resulte!	Desejo

Quando não é apenas uma palavra mas um conjunto de palavras a traduzir um sentimento ou uma emoção, trata-se de uma **locução interjeitiva**.

Ex.:	Bem haja!	Alto lá!	Ora bolas!
	Pobre de mim!	Muito bem!	Valha-me Deus!

CONJUNÇÕES E LOCUÇÕES CONJUNCIONAIS

As **conjunções** são palavras invariáveis que servem para ligar duas orações ou elementos da mesma oração.

Ex.: Vim visitar-te **mas** tu não estavas em casa.
Cheguei a casa **quando** tu acabavas de sair.
A Chiminha **e** o Chissupa visitaram os amigos.

A frase 1 tem duas orações independentes ligadas pela conjunção **mas**.

A frase 2 tem duas orações em que o sentido da segunda depende do sentido da primeira e estão ligadas pela conjunção **quando**.

A frase 3 tem uma só oração mas dois dos seus elementos (Chiminha + Chissupa) estão ligados pela conjunção **e**.

AS CONJUNÇÕES COORDENATIVAS ligam entre si orações independentes.

AS CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS ligam orações que dependem uma da outra.

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS E LOCUÇÕES CONJUNCIONAIS COORDENATIVAS	
COPULATIVAS	e, nem, não só... mas também Ligam orações da mesma natureza ou palavras que, na frase, desempenham iguais funções. Exemplos: Eu comi um bife e fez-me mal. A Zitinha e o Rubim são meus grandes amigos.
ADVERSATIVAS	mas, porém, todavia, contudo, apesar disso Opõem duas orações, isto é, apresentam ideias contrárias. Exemplo: Eu comi um bife mas não gostei.
DISJUNTIVAS	ou, ora... ora, quer..., seja... seja, já... já Indicam alternativa. Exemplo: Agasalha-te ou constipas-te.
CONCLUSIVAS	logo, pois, portanto, por conseguinte, por consequência Indicam conclusão. Exemplo: Estudaste muito, portanto, obtiveste bons resultados.
CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS E LOCUÇÕES CONJUNCIONAIS SUBORDINATIVAS	
CAUSAIS	porque, porquanto, pois que, visto que Exprimem uma causa ou motivo. Exemplo: Eu não fui ao cinema porque não arranjei bilhetes.
TEMPORAIS	quando, antes que, depois que, enquanto, logo que Exprimem uma ideia de tempo. Exemplo: Irei ao cinema quando não chover.

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

O **Léxico** é um conjunto de vocábulos que constituem uma língua e enriquece-se formando novas palavras a partir de outras palavras já existentes – as palavras primitivas. Esta formação pode fazer-se através de dois processos:

- ✓ **Derivação** – quando se junta um elemento à palavra primitiva.
- ✓ **Composição** – quando se juntam duas ou mais palavras primitivas.

Na **derivação**, há a considerar:

- ✓ Palavras **derivadas por prefixação** – quando à palavra primitiva se antepõe um prefixo.
Ex.: **in**feliz
reproduzir
descontente
dispor

- ✓ Palavras **derivadas por sufixação** – quando à palavra primitiva se acrescenta um sufixo.
Ex.: papelada
pintura
vasilhame
cuidadoso
- ✓ Palavras **derivadas por prefixação e por sufixação** – quando à palavra primitiva se antepõe um prefixo e se acrescenta um sufixo.
Ex.: engarramento
envelhecer

Na **composição**, há a considerar:

- ✓ Palavras **compostas por aglutinação** – quando se aglutinam (juntam) várias palavras e se subordinam a uma única sílaba tónica.
Ex.: aguardente (água ardente)
fidalgo (filho de algo)
girassol (gira sol)
vinagre (vinho agre)
- ✓ Palavras **compostas por justaposição** – quando as palavras ligadas por um hífen ou traço de união mantêm cada uma delas a sua sílaba tónica, sendo o significado da nova palavra diferente das palavras que a constituem.
Ex.: amor-perfeito
guarda-chuva
estrela-do-mar
caminho-de-ferro

RELAÇÃO DE SENTIDO E DE FORMA ENTRE AS PALAVRAS

Palavras homónimas – as que têm grafia (escrita) e fonia (som) iguais mas significado diferente.

Ex.: Eu **canto** (verbo) muito bem.

O **canto** (substantivo) da sala tem uma jarra bonita.

O **rio** (substantivo) é bastante largo.

Quando estou alegre, **rio** (verbo) imenso.

Nós (pronome) vamos hoje ao cinema.

A corda tem **nós** (substantivo) muito apertados.

Palavras homógrafas – são as que têm grafia igual mas fonia e significado diferentes.

Ex.: O **público** (substantivo) encheu o estádio.

Hoje **publico** (verbo) um novo livro.

O quadro é uma **cópia** (substantivo) perfeita.

Ele **copia** (verbo) sempre nos testes.

A minha avó é muito **sábida** (adjectivo).

Eu não **sabia** (verbo) que tinhas voltado.

Palavras homófonas – são as que têm fonia igual, mas grafia e significado diferentes.

Ex.: A costureira cose roupa à máquina.

O cozinheiro coze bem os alimentos.

Uso sempre sela para andar a cavalo.

Ele ficou preso numa cela.

Era uma turma muito animada.

A casa estava coberta de hera.

Palavras parónimas – são as que têm fonia e grafia parecidas e significado diferente.

Ex.: O comprimento da sala é razoável.

Quando o vi dei-lhe um cumprimento.

Palavras sinónimas – são as que têm significado idêntico.

Ex.: lindo – bonito

alegria – satisfação

longo – comprido

Palavras antónimas – são as que têm significado contrário.

Ex.: lindo – feio

alegria – tristeza

longo – curto

TIPOS E FORMAS DE FRASE

Frase é um enunciado com sentido completo, constituído por uma palavra ou conjunto de palavras e com uma determinada ordenação.

Frase formada por **uma só palavra**:

- Vem.

Frase formada por **um conjunto de palavras**:

- Não venhas tarde. (com forma verbal)
- Que belo dia! (sem forma verbal)

TIPOS DE FRASE

Há quatro tipos de frase:

- ✓ **Declarativa**: o emissor declara o seu pensamento ou exprime uma ideia.
Ex.: Os alunos foram visitar a biblioteca.
- ✓ **Interrogativa**: o emissor formula uma pergunta.
Ex.: Quem ganhou esse prémio?

✓ **Exclamativa:** o emissor exprime um sentimento forte.
Ex.: Que excelente música!

✓ **Imperativa:** o emissor exprime:

- uma ordem - Sai daqui!
- um conselho - Agasalha-te, porque está frio.
- um pedido - Dá-me uma folha.

Observa a transformação que se verifica:

- A Ana estuda a lição. (Declarativa)
- A Ana estuda a lição? (Interrogativa)
- A Ana estuda a lição! (Exclamativa)
- Ana, estuda a lição! (Imperativa)

FORMAS DE FRASE

Os tipos de frase vistos anteriormente podem apresentar diferentes formas:

- ✓ **Afirmativa**
- ✓ **Negativa**

Atenta nos seguintes exemplos:

- As crianças possuem imaginação. (Declarativa-Afirmativa)
- As crianças possuem imaginação? (Interrogativa-Afirmativa)
- As crianças possuem imaginação! (Exclamativa-Afirmativa)
- Crianças, possuam imaginação! (Imperativa-Afirmativa)
- As crianças não possuem imaginação. (Declarativa-Negativa)
- As crianças não possuem imaginação? (Interrogativa-Negativa)
- As crianças não possuem imaginação! (Exclamativa-Negativa)
- Crianças, não possuam tanta imaginação! (Imperativa-Negativa)

FRASE SIMPLES

A **frase simples** ou **mono-oracional** é constituída por uma só oração, isto é, uma só oração com um único verbo conjugado.

Os elementos fundamentais da oração são o **sujeito** e o **predicado**.

A paisagem era belíssima.

sujeito *predicado*

O **sujeito** é o ser ou objecto sobre o qual se afirma ou nega algo.

O **predicado** designa aquilo que se declara acerca do sujeito.

O sujeito pode ser constituído por:

- ✓ um artigo e um substantivo.
Ex.: **A paisagem** era belíssima.
- ✓ um substantivo.
Ex.: **Agostinho Neto** é um grande poeta.
- ✓ um pronome.
Ex.: **Ele** é angolano.

TIPOS DE SUJEITO

- ✓ **Simples** – formado por um só elemento.
Ex.: **A Suca** saiu.
- ✓ **Composto** – constituído por mais do que um elemento.
Ex.: **A Suca e a irmã** saíram.
- ✓ **Subentendido** – não está expresso mas deduz-se pelo contexto.
Ex.: **(Elas) Saíram** e voltaram depressa.
- ✓ **Indeterminado** – não se sabe quem praticou a acção.
Ex.: Diz-se que elas colaboram com alguns colegas.
- ✓ **Inexistente** – ocorre com verbos cuja acção não é atribuída a ninguém.
Ex.: Troveja muito. Mas também já choveu.

TIPOS DE PREDICADO

- ✓ **Predicado nominal** – é constituído por um verbo de ligação e um predicativo do sujeito.
Ex.: O ciclista era resistente.
- ✓ **Predicado verbal** – é constituído por um verbo transitivo ou por um verbo intransitivo.
Ex.: A Massanga comprou um carro. (verbo transitivo)
A Massanga sorriu. (verbo intransitivo)

FRASE COMPLEXA

A **frase complexa** ou **pluri-oracional** é aquela que contém duas ou mais orações, cada uma delas com um verbo conjugado.

Há a considerar dois tipos de orações: as **orações coordenadas** e as **orações subordinadas**.

Coordenação

Consiste em ligar orações através das conjunções ou locuções conjuncionais coordenativas.

Ex.: Naquele cinema exhibe-se um bom filme e eu penso vê-lo.

Há a considerar vários tipos de **orações coordenadas**:

Orações coordenadas copulativas:

O Chissupa viu o filme **e** gostou bastante.

Estas duas orações simples estão ligadas pela conjunção coordenativa copulativa **e**, o que expressa uma ideia de **adição**.

Orações coordenadas adversativas:

O Chissupa viu o filme **mas** não gostou.

Nestas duas orações estabelece-se uma relação de oposição introduzida pela conjunção coordenativa adversativa **mas**.

Orações coordenadas disjuntivas:

(Ou) vê o filme **ou** vais embora.

A relação que se estabelece entre estas duas orações é de alternância, expressa pela conjunção coordenativa disjuntiva **ou**.

Orações coordenadas conclusivas:

Não vi o filme, **portanto** não sei falar dele.

Observa que a oração indicada pela conjunção coordenativa conclusiva **portanto** exprime uma conclusão em relação à oração anterior.

Subordinação

Consiste numa dependência de sentido da oração subordinada à oração subordinante.

Ex.: 1. Eu vou ver o filme **porque é muito bom**.

2. Eu vou ver o filme **quando puder**.

Na frase 1, a oração **porque é muito bom** depende da oração **eu vou ver o filme**. O mesmo acontece com as orações da frase 2.

Concluindo: as orações subordinadas estão dependentes das orações subordinantes.

Esta dependência pode ser estabelecida por:

- **conjunções ou locuções subordinativas;**
- **pronomes relativos;**
- **pronomes interrogativos.**

DISCURSO DIRECTO E DISCURSO INDIRECTO

O discurso é uma forma de comunicação oral ou escrita que obedece às regras do código linguístico.

O **discurso directo** é um meio de expressão em que as palavras de uma personagem são reproduzidas tal como as disse:

Ex.: Tanda, quer ver agora o programa sobre os animais?

Não, agora não posso.

O **discurso indirecto** é um meio de expressão utilizado pelo narrador, em que este reproduz o que a personagem teria dito:

Ex.: A mãe perguntou à Tanda se naquele momento queria ver o programa sobre os animais, ao que ela respondeu que naquele momento não podia.

O segundo exemplo é uma reprodução do primeiro. Mas houve algumas alterações.

Na transposição do discurso directo para o discurso indirecto verificam-se algumas alterações, como podes verificar no quadro que se segue.

DISCURSO DIRECTO	DISCURSO INDIRECTO
	Verbo declarativo (dizer, perguntar, responder, pedir, ordenar...).
Tempos e modos: <ul style="list-style-type: none"> • presente • pretérito perfeito • futuro • modo imperativo 	Tempos e modos: <ul style="list-style-type: none"> • pretérito imperfeito • pretérito mais-que-perfeito • condicional • modo conjuntivo
Pessoa gramatical (verbos, pronomes pessoais e possessivos): <ul style="list-style-type: none"> • 1.^a ou 2.^a 	Pessoa gramatical (verbos, pronomes pessoais e possessivos): <ul style="list-style-type: none"> • 3.^a
Demonstrativos: <ul style="list-style-type: none"> • este, esta, isto... • esse, essa, isso... 	Demonstrativos: <ul style="list-style-type: none"> • aquele, aquela, aquilo...
Advérbios: <ul style="list-style-type: none"> – de tempo: <ul style="list-style-type: none"> • agora • hoje, ontem • amanhã – de lugar: <ul style="list-style-type: none"> • aqui • cá 	Advérbios <ul style="list-style-type: none"> – de tempo: <ul style="list-style-type: none"> • então • naquele dia, no dia anterior • no dia seguinte – de lugar: <ul style="list-style-type: none"> • ali, além, acolá, lá
Vocativo	Desaparece ou passa a complemento indirecto

ALGUNS RECURSOS EXPRESSIVOS

ONOMATOPEIA

Imitação ou **reprodução de sons** ou de ruídos produzidos por animais, objectos ou fenómenos da natureza.

Ex.: «Lá no fundo da baixam piam, pipiam, gemem os pássaros [...] o cricricar dos grilos,...»

Uanhenga Xitu, *Os Discursos do Mestre Tamoda*

REPETIÇÃO

Consiste, tal como a palavra indica, em repetir palavras, expressões, sons, com o objectivo de realçar algo.

Ex.: «Tantas juras trocámos,
Tantas promessas fizemos,
Tantos beijos nós roubámos,
Tantos abraços nós demos.»

Aires de Almeida Santos, *Meu Amor da Rua Onze*

METÁFORA

Figura que consiste em aproximar realidades que, à partida, se excluiriam, através de algum ponto comum entre as duas.

Ex.: «A baixa de Kaminha é um oásis...»

Uanhenga Xitu, *Os Discursos do Mestre Tamoda*

COMPARAÇÃO

Associação de duas realidades através da conjunção comparativa **como** ou dos verbos **parecer**, **lembrar**, **assemelhar**, etc.

Ex.: «E ela irá como o sol, e eu irei atrás dela/como sombra feliz...»

Guilherme de Almeida, *Presença da Literatura Brasileira III*

PERSONIFICAÇÃO

Consiste na atribuição de características humanas a seres inanimados e irracionais.

Ex.: «Enfurecido, o rio atira-se contra a floresta,...»

Castro Soromenho, *Terra Morta*

ADJECTIVAÇÃO

Os adjectivos utilizam-se de acordo com a importância ou o destaque que se pretende dar ao(s) nome(s) que qualificam, enriquecendo a frase. Podem aparecer sozinhos (adjectivação simples) ou associados a outros (adjectivação dupla e múltipla).

Ex.: «É uma longa e funda baixa em que o sol morre...»

Uanhenga Xitu, *Os Discursos do Mestre Tamoda*

ENUMERAÇÃO

Figura através da qual se apresentam, sucessivamente, vários elementos, recorrendo ao uso de nomes (principalmente concretos)..

Ex.: «Ficaram apenas os **embondeiros, as magueiras, cajueiros, milelemas**, por agora.»

Uanhenga Xitu, *Os Discursos do Mestre Tamoda*

TEXTO LITERÁRIO E TEXTO NÃO LITERÁRIO

O texto literário distingue-se do texto não literário por determinadas características concernentes a cada um deles, nomeadamente:

TEXTO NÃO LITERÁRIO	TEXTO LITERÁRIO
Descreve e interpreta o mundo real.	Exprime um mundo imaginário embora relacionado com o real.
Tem intenção utilitária e imediata.	Não tem utilidade prática, tem intenção estética desperta emoção e prazer.
Cada vocábulo possui um só significado. Utiliza linguagem corrente.	Os vocábulos são abertos a várias interpretações.
É em prosa.	Pode ou não ser em prosa.

PROSA E POESIA

As características do texto em prosa ou em poesia podem variar de texto para texto e nem sempre se distinguem facilmente. Eis algumas delas:

PROSA	POESIA
Pode possuir características da poesia.	
Ritmo consoante a estrutura da frase.	Na poesia o ritmo resulta dos acentos e do número de sílabas.
O texto escreve-se em linhas contínuas, marcado por parágrafos.	A disposição gráfica é diferente do texto em prosa. Cada verso ocupa uma linha e agrupa-se em estrofes.
A expressão dos sentimentos é pouco explorada.	A linguagem surge com grande liberdade criativa e muitas vezes carregada de imagens.

A CARTA

A carta é um texto dirigido a alguém que se encontra ausente. Podem ser **privadas**, se têm como destinatários amigos e familiares, ou **comerciais**, comuns no mundo dos negócios.

A CARTA PRIVADA

Ao elaborar uma carta pessoal é importante:

- ✓ escrever o local e a data no canto superior direito;
- ✓ escolher uma forma de tratamento adequada ao destinatário;
- ✓ incluir, no parágrafo inicial, a saudação e o objectivo da carta;
- ✓ desenvolver, nos parágrafos seguintes, o objectivo da carta e também outros assuntos;
- ✓ concluir a carta com o reforço de uma ou várias ideias expressas ao longo do texto, a fórmula de despedida e a assinatura.

É ainda importante usar um registo (familiar, corrente, cuidado) adequado ao destinatário e à situação; utilizar um vocabulário expressivo e familiar.

A BIOGRAFIA

A **biografia** é um texto constituído pelo relato organizado de toda uma vida ou pela narração de um ou de vários momentos da vida de alguém. Para a realizar, é fundamental:

- ✓ escolher uma pessoa mais ou menos conhecida que se tenha distinguido de forma positiva ou negativa (desportista, cantor, artista plástico, artesão, cientista, escritor, político...);
- ✓ realizar um trabalho de pesquisa sobre a vida do biografado, que pode incluir entrevistas ao próprio; a recolha de testemunhos orais ou escritos de familiares, de amigos, de pessoas conhecidas; ou a consulta de documentos de modo a obter um fundo de verdade.

Na elaboração da biografia, deve ser tida em conta a ordem no relato dos factos (cronológica ou outra). Devem-se incluir referências ao local e data nascimento, a alguns aspectos da vida sentimental, aos estudos e actividades a que se dedicou, às obras que escreveu, aos prémios/distinções que recebeu e outros aspectos importantes. O texto deve ser redigido na 3.ª pessoa.

Quando a biografia é feita pela própria pessoa, estamos perante uma **autobiografia** e pode ser apresentada sob a forma de memórias, confissões, diário... É escrita na 1.ª pessoa.

O RESUMO

O resumo é um texto que apresenta as ideias ou factos essenciais desenvolvidos num outro texto, expondo-os de um modo abreviado e respeitando a ordem pela qual surgem no texto original. É usado, preferencialmente, com textos de carácter informativo (notícias, artigos de jornais, revistas...).

Para elaborar um resumo, é útil dividir o trabalho em duas fases:

a) Preparação

- ler atentamente o texto e apreender o seu sentido global;
- sublinhar as informações essenciais;
- dividir o texto em partes;
- atribuir um título a cada parte.

b) Elaboração

- construir um texto que corresponda a cerca de 1/4 do texto original;
- ter em conta apenas as informações ou factos essenciais;
- manter a ordem do texto original;
- anular o discurso directo;
- não incluir qualquer comentário pessoal;
- construir um texto articulado, com uma linguagem clara e concisa.

A NOTÍCIA

Na imprensa escrita, a linguagem tem, acima de tudo, uma função informativa. É o que acontece com a **notícia**, que nos dá conta de um acontecimento actual e de interesse comum. As suas principais características são, pois, a **actualidade**, a **objectividade**, a **brevidade** e a sua subordinação ao **interesse geral**.

Na notícia, as informações devem ser apresentadas por ordem decrescente de importância: as mais importantes no início (título e *LEAD*) e as menos importantes no corpo da notícia.

Título - inicia a notícia; deve ser preciso e expressivo, de modo a captar a atenção do leitor. Está de acordo com o *lead* e pode fazer-se acompanhar de um ante-título e/ou de um título.

Lead (cabeça, ou parágrafo-guia) - primeiro parágrafo que resume o que aconteceu. Tem como objectivo fornecer as informações fundamentais, avivando, assim, a curiosidade do leitor. Para isso, deve procurar responder às seguintes questões essenciais: “quem?”; “o quê?”; “onde?”; “quando?”.

Corpo da notícia - são so restante(s) parágrafo(s) onde são dadas outras informações menos importantes. Responde, normalmente, às questões: “como?”; “porquê?”.

A linguagem da notícia deve ser clara, simples, concisa e exacta: o vocabulário deve ser corrente; é dada preferência ao verbo e ao nome, evitando-se os adjetivos valorativos; é sempre escrita na 3ª pessoa; as frases são do tipo declarativo; devem ser evitadas as repetições.

O TEXTO PUBLICITÁRIO

O texto publicitário visa convencer o destinatário e influenciar o seu comportamento. A sua linguagem tem, portanto, que ser apelativa.

A publicidade tem por objectivo:

- promover a venda de produtos ou serviços (publicidade comercial);
- divulgar ideias (publicidade não comercial/institucional).

O texto publicitário é constituído por um texto linguístico e um texto icónico. Os dois devem estar interligados, funcionando o icónico como um reforço da mensagem verbal.

O texto icónico (imagem) deve captar o olhar do consumidor pelo estímulo visual (cor, recorte, elementos que a compõem, arranjo gráfico, diferentes tipos de caracteres...). No texto linguístico, temos a considerar o slogan (frase ou expressão original, breve, simples e fácil de reter na memória) e o texto argumentativo (apresentação concisa da(s) vantagem(ns), qualidades do produto/serviço anunciado).

Manual do Aluno

Língua Portuguesa 7^a Classe

Autores: Helena Mesquita | Gonçalves Pedro

Apresentação

É com este Manual que irás trabalhar ao longo do ano lectivo, nas aulas e em casa. Ele está organizado de forma a tornar-se num instrumento individual de informação, consulta e estudo, simultaneamente útil e agradável. É, pois, necessário treinar a sua utilização.

Observa-o com toda a atenção, porque, quanto melhor o conheceres, maior proveito dele poderás tirar. As tipologias textuais em que o Manual está dividido fazem parte do Programa desta classe. Procurou-se fazer uma caracterização de cada uma delas e apresentar alguns exercícios relativamente a alguns textos.

O Manual está estruturado com cinco tipologias textuais, contendo cada uma delas uma introdução prévia, nomeadamente:

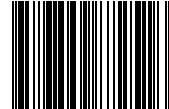
1. Texto Narrativo
2. Texto Descritivo
3. Texto Poético
4. Texto Informativo
5. Texto Injuntivo/Apelativo



**EDITORA
DAS LETRAS**

"Pensando o futuro"

ISBN 978-989-98725-1-6



9 789899 872516 >